UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CEILA PORTILHO MACIEL

A EDUCAÇÃO NATURAL EM ROUSSEAU: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO HOMEM

GOIÂNIA
2014

CEILA PORTILHO MACIEL

A EDUCAÇÃO NATURAL EM ROUSSEAU: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO HOMEM

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da FE/UFG para obtenção do título de Mestre em Educação. **Linha de Pesquisa:** Fundamentos dos processos educativos.
Orientador: Prof. Dr. Ged Guimarães.

GOIÂNIA

2014

Maciel, Ceila Portilho.
A educação natural em Rousseau : contribuições para a formação do homem / Ceila Portilho Maciel. – Goiânia : [s. n.], 2014.
110 p.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, 2014.
Referências bibliográficas

1. Ser humano - educação natural – sociedades. 2. Ser humano – educação corporal. I. Titulo.

CDU 37.035

Índice para catálogo sistemático

1. Ser humano - educação natural – sociedades.....37.035

CEILA PORTILHO MACIEL

A EDUCAÇÃO NATURAL EM ROUSSEAU – CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO HOMEM

Dissertação defendida no Curso de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do grau de Mestre, aprovada aos vinte e seis dias do mês de agosto de 2014, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dr. Ged Guimarães – FE/UFG
Presidente da Banca

Prof. Dr. Ildeu Moreira Coêlho - FE/UFG

Profª. Drª. Marisa Alves Vento – IFG

A meu avô, *in memoriam*, Joaquim Portilho de Gouveia, pelos ensinamentos de Humanidade, em forma de Amor, Sabedoria e Luz, que sempre me inspiraram e guiaram nas escolhas e nos Caminhos da Vida. Por ter acreditado nos homens e lutado por um mundo melhor a cada dia, em cada gesto, em sua história de vida. Grata!

AGRADECIMENTOS

Minha enorme gratidão a Jean-Jacques Rousseau, pelos belos caminhos percorridos no ritmo das suas palavras e nas cores das suas visões. Minha eterna admiração pela veia bárbara, radical e revolucionária, tanto quanto poética e visionária, no melhor sentido, com que tocou meu coração e me permitiu viajar pra dentro de mim mesma, ancestralidade e origem, nos trilhos do que é natural no homem. Minha surpresa agradecida pela clareza com que ilumina tantas questões que sempre me povoaram. E, finalmente, minha reverência diante de tudo isso, em especial, da coragem e simplicidade, quase cruel, com que despe a sociedade e os homens, convidando à reflexão por uma revolução radical, possível, da existência em sociedade.

Ao Professor Ged Guimarães, agradeço pela confiança depositada ao me acolher como orientanda, em um novo referencial teórico, já na metade do tempo de mestrado; pelas aporias e a persistência em me manter dentro dos preceitos da academia; e pelo grande desafio de superar todos os planos e resistências, preciosos empurrões sobre o abismo do desconhecido.

Aos Professores Ildeu Moreira Coelho, Anita C. Azevedo Resende e Mariza Vento, presentes nas bancas de avaliação, pela leitura crítica, paciente e generosa e, em especial, pelas preciosas colaborações, que fizeram toda a diferença para o desenvolvimento e lapidação desta dissertação.

Aos queridos Mestres e amigos por herança, os Professores Gaudêncio Frigotto e Joel Ulhoa, pela leitura acurada e preciosas orientações, mas principalmente, pelo incentivo e confiança quando eu já não os tinha. Quando eu já me convencia ser melhor escrever um romance ou montar uma peça de teatro, deram-me confiança, foram minhas estrelas-guia.

Aos meus Pais e Mestres Elter e Dulce por tudo, sempre, em especial pelo exemplo e princípios que me norteiam na vida e me inspiram no caminho

silencioso da verdade; pelo apoio inumerável, pelo colo, pela paciência e confiança com que me presentearam ao longo dos árduos passos neste mestrado, e sempre, além do amor que me nutre. Minha eterna gratidão.

À minha filha Luana, por ser essa Luz na minha vida e me conduzir com amor e delicadeza em busca do melhor de mim e da existência. Por ser inspiração e motivo de continuar sempre acreditando e trabalhando pela vida e pela humanidade. Por me ensinar a busca por estar sempre no presente, como o melhor lugar do mundo. Por todo o Amor!

À minha amiga-irmã Celine e à sua linda família: Fábio, Mathilde e Anselme, por me ampararem, me socorrerem, me alimentarem e me empurrarem adiante, em cada queda monumental, na montanha russa da desorientação aparentemente típica do mestrando. À Celine, em especial, minha irmã de alma, que esteve sempre do meu lado, tantas vezes de mãos dadas me puxando adiante. Por me fazer acreditar, pelos devaneios com que, sorridentes, nos encontramos e nos perdemos nos caminhos de Rousseau, e por fazer as “vezes” de bússola orientadora quando eu não podia estar mais desorientada.

A todos os meus amigos e amigas de coração, à minha família querida, aos mestres de toda a vida, agradeço por vocês existirem e me fazerem quem sou. À vida, agradeço por existir, por estar no caminho que estou, com as pessoas que amo.

Agradeço a Deus, à Mãe Terra, ao Universo e Mentores Espirituais por me abençoarem nesse percurso, com todo o aprendizado e todas as graças, me fortalecendo no final das contas, pra continuar a sonhar e a trabalhar por um mundo melhor. Gratidão eterna!!!

A ciência não corresponde a um mundo a descrever, ela corresponde a um mundo a construir.

Gaston Bachelard

RESUMO

Este trabalho se propôs a questionar o sentido e a prática da educação em sociedade e a pensar uma formação que contemple a totalidade e a excelência das faculdades naturais ao homem – o que inclui o desenvolvimento das dimensões corporais, perceptivas, afetivas e espirituais, frequentemente pouco valorizadas na prática pedagógica. A reflexão sobre a formação do homem em sociedade, servindo à lógica social, em contradição com o que seja sua natureza, virtudes e faculdades naturais, é desenvolvida por Rousseau em especial nas obras *Discurso sobre as Origens e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* e *Emílio ou Da Educação,* às quais se dedicou este estudo. Obras que se complementam na tessitura de uma crítica acurada e radical ao que seja a condição e a formação do homem em sociedade. A condição de liberdade e perfectibilidade, própria original do ser humano, assim como suas disposições, virtudes e faculdades naturais são esquecidas no processo de socialização. Ao seguir a lógica do pacto social do engodo, sociedade e instituições corrompem a natureza original do homem, tornando-o escravo do espetáculo social e alienado da própria natureza. Em *Emílio*, o autor desenvolve os fundamentos e princípios para o cultivo de uma educação negativa em relação aos vícios e à corrupção da sociedade, de modo a evitar que a natureza humana se degenere; um caminho de formação segundo as regras e a educação da natureza, que contemple as disposições, virtudes e faculdades naturais, o que inclui as dimensões corporais, afetivas e espirituais, permitindo que o fluxo natural da infância opere e que o gênero humano possa cultivar a excelência na existência social, na busca da felicidade.

Palavras-chave: homem; natureza; sociedade; educação natural; corpo.

ABSTRACT

This study aimed to question the meaning and practice of education in society and to think a formation that addresses the wholeness and excellence of the natural faculties to man – including the development of bodily, perceptual, affective and spiritual dimensions, often undervalued in pedagogical practice. The reflection on the formation of man in society, serving the social logic, in contradiction with what is its nature, virtues and natural faculties, is developed by Rousseau in particular in the works *Discourse on the Origin and the Foundations of Inequality Among Men* and *Emile, or On Education*, to wich this study is dedicated. Both Works build an accurate and radical criticism to which is the condition and the formation of man in society. The original very condition of human freedom and perfectibility, so with its provisions, virtues and natural faculties are forgotten in the socialization process. By following the logic of the social pact, society and institutions corrupt the original nature of man, alienating nature itself, creating slaves to social spectacle. In Emile, the author develops the foundations and principles for cultivating a negative education in relation to the vices and corruption of society, in order to prevent human nature to degenerate; a path of formation according to the rules of natural education, which includes the provisions, virtues and natural faculties, which includes bodily, affective and spiritual dimensions, allowing the natural flow of childhood to operate and mankind to cultivate excellence in social existence, the pursuit of happiness.

Keywords: man; nature; society; natural education; body.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

CAPÍTULO I: O HOMEM NATURAL E O FRACASSO DA SOCIALIZAÇÃO 16

CAPÍTULO II: A EDUCAÇÃO NATURAL E A SOCIEDADE 43

CAPÍTULO III: NATUREZA, CORPO E FORMAÇÃO EM ROUSSEAU.....64

CONSIDERAÇÕES FINAIS 99

REFERÊNCIAS.....109

INTRODUÇÃO

> Cuidado com os donos da Verdade. Cuidado com os que, mesmo admitindo não possuí-la, declaram-se em busca dela ou a ela destinados. A Verdade não é uma meta para nossos atos mas o oposto. A verdade não pode ser procurada em lugar nenhum porque repousa, serena e silenciosa, dentro de nós. É só ali, no silêncio, que podemos encontra-la. E ela não tem nada a ver com estudo, seriedade, rigor e outras mumunhas mais.
>
> Luis Carlos Maciel

Esta pesquisa nasceu do desejo de pensar o lugar do *corpo* e da *corporeidade* na sociedade, na educação e nas práticas educacionais. Desde o universo das artes corporais e cênicas, onde se deu, majoritariamente, nossa experiência docente ao longo de 25 anos, o objetivo era pensar a educação na perspectiva das *artes do corpo e do movimento*, tais como a *dança*, o *teatro*, a *educação corporal*, e as técnicas de *conscientização pelo movimento*; observar o lugar do corpo na educação e as contribuições possíveis das *artes corporais* para essa área e para a formação humana. O desejo que nos moveu e a certeza da "verdade" que nos inspirou – essa verdade silenciosa que vimos brilhar nos caminhos das *artes corporais*, no que concerne à formação e ao desenvolvimento do homem e de suas faculdades naturais – pareciam ser descritos, em seus aspectos fundamentais, nas palavras do Grande Mestre Jean-Jacques Rousseau.

Em Rousseau, buscamos aprofundar a compreensão da realidade e do cotidiano em sociedade. Encontramos, no universo de sua obra, uma fonte orientadora e inspiradora para nossa reflexão acerca da existência, das estruturas sociais, do sentido da educação e do lugar do corpo na formação do indivíduo. O filósofo fala direto ao coração, com uma luminosidade viva que nos move em direção à *verdade*; leva-nos a olhar a realidade e pensar, como educadores e antes como homens, o mundo em que vivemos; permite pensar radicalmente a educação em sociedade, uma sociedade e uma educação de que somos coautores.

Cabe-nos, então, voltar o olhar a uma questão ancestral e sempre atual: *a questão do sentido da existência humana, da existência humana em si e em sociedade.* Mesmo não sendo esse o objeto central do estudo, ele é fundamental para provocar uma reflexão a respeito do que nos moveu nesta pesquisa: *a questão da formação humana*. No corpo da obra de Rousseau

existem elementos radicais e fundamentais que, ainda hoje, revelam-se extremamente atuais e fecundos, capazes de instigar reflexões sobre o homem e a sociedade. Tais elementos são o objeto do nosso estudo a seguir, onde procuramos apreender a forma acurada e precisa com que Rousseau demonstra a condição humana e a corrupção do indivíduo em sociedade, assim como a forma clara e inquestionável com que ele desvela, na natureza humana, um potencial por nós esquecido. Sua atualidade e precisão são ainda hoje surpreendentes.

Para Rousseau, o homem perdeu sua condição humana natural, pelos rumos que tomou a civilização; é, pois, necessário que esse homem reencontre sua essência e que a humanidade se eduque e se politize, para reencontrar a própria natureza humana. [...] "meditando sobre as primeiras e mais simples operações da alma humana", Rousseau, (1983, p. 230) vai buscar na voz da natureza o âmago da questão fundamental para compreender a sociedade em que vivemos; caminha rumo ao desvelar da natureza humana, da alma humana, do homem original; questiona a condição humana em sociedade, com vistas à formação de um *novo homem*, formação que possibilite à sua *segunda natureza* – em sociedade – desenvolver-se em acordo com o que lhe é natural, segundo *o autor das coisas*. Essa perspectiva do que é natural no homem está viva no campo da educação corporal e toca diretamente a questão inicial deste trabalho de pesquisa.

Encontramos nosso objeto principal claramente formulado em *Emílio*, de maneira nova e em outra perspectiva, ressaltando outras relações, porém, sempre, em sua essência, contemplando a nossa grande questão, nosso problema específico: *o lugar do corpo na educação e na formação do homem em sociedade*. Em Rousseau o corpo não se aparta, não se separa, não se distingue; não é um capítulo ou um tema à parte. O corpo é o lugar, o instrumento, o motor da educação, desde o aperfeiçoamento das primeiras faculdades até as mais sofisticadas, e infinitamente. O corpo é o lugar onde se desenvolve a percepção, a inteligência, a razão esclarecida, a consciência, todas as faculdades e o conhecimento no homem. É pelos movimentos do corpo que o homem percebe, toma consciência de si e do mundo, das relações e das circunstâncias. É no corpo e na dinâmica de todas as faculdades integradas que se dá o

desenvolvimento do homem em todos os aspectos. Se não ouvimos falar do "corpo na educação de Emílio", é porque em Rousseau, corpo, mente e espírito evoluem como um todo integrado, não se separam; são parte de uma e a mesma coisa – o *inteiro absoluto* do homem, quando no seu desenvolvimento natural.

Ao contrário de uma tendência corrente, em que o "corpo na educação" não costuma ocupar lugar de destaque ou de relevância nas discussões, teorias e práticas pedagógicas, no método de formação de Rousseau em *Emílio,* o corpo tem lugar de radical e central importância. É imprescindível, na *educação natural*, seguir as *disposições naturais* do ser, o que inclui a atividade, a disciplina e o aprimoramento das faculdades corporais como parte essencial e integrante do *inteiro absoluto* do homem. Essa perspectiva de desenvolvimento humano integral, em uma formação voltada para a *educação da natureza*, cria condições para a evolução excelente do homem no cultivo de sua liberdade e de sua felicidade.

O desafio deste trabalho é procurar trazer à luz a essência do projeto de educação de *Emílio*, seus fundamentos, princípios e metodologia, em busca da arquitetura do que, até aqui, podemos pensar que seja uma clara proposta pedagógica desenvolvida por Rousseau. Por ser ele um pensador que teve influência decisiva nos diferentes campos das ciências humanas e sociais, assim como das artes nos séculos posteriores, com contribuições preciosas, frequentemente direcionadas para a aplicação prática, nos perguntamos por que seu projeto de educação não é visto como tal. São inúmeros os exemplos práticos e princípios metodológicos que desenvolve ao longo do *Emílio*, além das afirmações recorrentes, em seu *tratado de educação* sobre a aplicabilidade de seu método. Por haver influenciado direta ou indiretamente diferentes correntes da educação, é considerado, por exemplo, ainda que de forma questionável, "como 'pai do espontaneísmo' (...) 'pai da Escola Nova', ou precursor do laissez-faire"[1] (CERIZARA, 1990, p. 19). A que podemos então atribuir esse silêncio acadêmico quanto a reconhecer o seu método como um projeto pedagógico com

[1] "Rousseau tem sido considerado pelos educadores como 'pai do espontaneismo', 'pai da Escola Nova' ou precursor do *laissez-faire*, no sentido de deixar a criança em desenvolvimento totalmente livre da interferência do adulto. Estudando o texto de Rousseau, pude constatar que, apesar de ter encontrado essas afirmações no livro, elas são utilizadas num contexto muito mais amplo, e que ignorar o teor desse contexto é, senão distorcer, pelo menos reduzir a ideia de liberdade proposta por esse mestre." (CERIZARA, B. *Rousseau: a educação na infância*, 1990. p. 19)

claras regras e diretrizes precisas para a prática pedagógica? Quisemos nos dedicar, então, a identificar e iluminar, dentro do possível, os fundamentos e pilares nessa arquitetura do projeto de Rousseau como podem se relacionar à prática na educação.

Não se pode deixar de ressaltar que a forma como Rousseau escreve seu tratado ou seu romance sobre a educação, assim como seu método e sua perspectiva filosófica, não possibilitam definir ou sistematizar sem o risco certo de reduzir, distorcer ou simplificar sua visão e sua proposta pedagógica – que é um modo de pensar a educação, sugerindo uma nova perspectiva, contrária à educação corrente em sociedade. Um caminho filosófico e uma proposta prática ao mesmo tempo flexível, radical (no sentido etimológico de radix – raiz) e revolucionária para atingir esse objetivo.

Antes de desenvolver, em *Emílio,* a reflexão sobre a educação e o sentido da formação do homem em sociedade, e diante do que considera um fracasso da civilização, Rousseau, no *Discurso sobre as origens e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, apresentou questionamentos em relação à condição humana original e ao que é natural no homem, procurando compreender como e por que a humanidade chegou ao estado de desigualdade e corrupção em que se encontra. Para pensar uma educação que contemple o que é natural no homem e permita aprimorar o potencial *inteiro absoluto* de suas faculdades, o autor entende que o primeiro objeto de estudo é o próprio homem, e que a educação deve seguir o caminho e as *regras da natureza*.

Este trabalho se divide em duas partes. O primeiro capítulo dedicou-se à compreensão do *homem natural*; conceito hipotético que possibilitou ao autor se perguntar o que é natural no homem, o que seria a condição original do ser humano, suas disposições, virtudes e faculdades naturais. Propiciou, ainda, reflexões a respeito do aprimoramento excelente desse potencial, concebendo a ideia do *inteiro absoluto* do homem natural e vislumbrando a formação de um *novo homem*, sob essa perspectiva, base para estudo posterior em posterior em *Emílio*.

Percorremos, com Rousseau, os trilhos da reconstrução histórica hipotética do processo de socialização, em busca da origem e fundamentos da desigualdade, da corrupção e da perversão do homem em sociedade, procurando

entender sua condição no atual estado de coisas – uma sociedade de homens desfigurados de sua própria essência e natureza. Um estado de sociedade no qual o indivíduo alienou-se de suas disposições e liberdade naturais, para aferrolhar-se ao pacto social, o pacto do engodo, que institui a dependência e a desigualdade entre os homens, desde a origem das civilizações. Nessas condições floresce a *sociedade do espetáculo*, seus equívocos e vícios, suas instituições e perversões, assim como a institucionalização silenciosa e corriqueira das máscaras sociais, que contribuem para o homem estar sempre ausente de si, projetado para um futuro que, provavelmente, nunca irá existir.

O paradigma do *homem natural* e a reflexão sobre o caminho que tomou a socialização, além das observações sobre o estado de corrupção do ser humano, permitiram a Rousseau considerar a necessidade da formação de um *novo homem*, no sentido de possibilitar uma transformação nos rumos que tomou a civilização. Um *novo homem* que possa ser formado segundo a *ordem natural* e as *regras da natureza*, evitando que a sociedade o desfigure e o corrompa desde o nascimento e possibilitando, então, o desenvolvimento excelente de suas faculdades e de seu potencial *inteiro absoluto*, a realização possível da sua natureza em sociedade. É o que trata a proposta de *Emílio* à qual se dedicaram o segundo e o terceiro capítulos.

No mergulho em *Emílio*, buscou-se identificar os pressupostos e princípios que norteiam essa proposta de educação e compreender a arquitetura do que Rousseau nomeou como seu método e que se pode até aqui, pensar que seja um belo e valoroso projeto pedagógico, com inúmeras e fundamentais contribuições a oferecer à educação em todos os tempos e, em especial, no atual momento da civilização e do planeta. A *educação natural* convida a pensar na condição humana em si e em sociedade, a pensar no sentido da formação para o ser humano e a pensar em uma educação dos homens, que seja contrária à educação que temos perpetuado em sociedade – essa educação que corrompe a natureza do indivíduo, criando seres de duas faces e formando pessoas que não sabem pensar por si mesmas, ausentes de si, vivendo para um futuro incerto. O projeto de Rousseau apresenta questionamentos fundamentais, além de demonstrar e desenvolver os pilares para uma educação que siga o fluxo natural da infância, que evite os hábitos e vícios da sociedade e que forme homens antes

de tudo, homens de corpo e mente livres, capazes de exercer tudo o que sua condição permite, de pensar por si próprios e de sempre descobrir a verdade ou a ciência.

As considerações finais consistiram nas relações possíveis entre a perspectiva das artes corporais e da educação corporal – de onde viemos – e o desafio da *educação natural*. Observa-se a importância do lugar do *corpo* e da *corporeidade* diante desse modo de pensar a educação e o homem, em sua excelência, indicando os desdobramentos possíveis quanto ao lugar e ao significado do corpo na educação atual.

CAPÍTULO I

O HOMEM NATURAL E O FRACASSO DA SOCIALIZAÇÃO

> Leitores vulgares, perdoem meus paradoxos; é preciso cometê-los quando se reflete, e, apesar do que vocês possam dizer, prefiro ser homem de paradoxos a ser homem de preconceitos.
>
> Rousseau

Em busca do que seria o *direito natural*, e antes do que seria o *homem natural*, Rousseau recusa as definições até então em voga, relativas ao *estado de natureza* e ao *homem natural*, afirmando que tais descrições feitas pelos filósofos que o precederam, assim como por seus contemporâneos, falariam sempre do homem civil pretendendo falar do homem original: "Enfim, todos, falando incessantemente de necessidade, de avidez, opressão, desejo, orgulho, transportaram para o estado de natureza ideias que tinham adquirido em sociedade; falavam do homem selvagem e descreviam o homem civil." (ROUSSEAU, 1983, p. 236).

Rousseau deixa claro, de início, que o modelo do *homem natural* que desenvolve é apenas uma construção teórica, um conceito que não pretende representar a realidade, tampouco prender-se a fatos históricos. Desenvolve um paradigma conceitual que possibilita pensar a condição de homem, pensar a sociedade e "esclarecer a natureza das coisas" (1983, p. 236). Ao pensar o homem em sua origem abstrata hipotética, ou o que poderia ser, em potencial, no estado de natureza, o conceito do *homem natural* em Rousseau nasce como um marco zero da humanidade, como um modelo teórico referencial, que permite relacionar e identificar as aptidões latentes, essenciais do homem, anteriores ao desenvolvimento de suas faculdades e anteriores ao processo de associação e socialização.

> Comecemos, pois, por afastar todos os fatos, pois eles não se prendem à questão. Não se devem considerar as pesquisas, em que se pode entrar neste assunto, como verdades históricas, mas somente *como raciocínios hipotéticos e condicionais, mais apropriados a esclarecer a natureza das coisas do que a mostrar a verdadeira origem* e semelhantes àquelas que, todos os dias, fazem nossos físicos sobre a formação do mundo. (ROUSSEAU, 1983, p. 236. Grifo nosso).

Rousseau desenvolve esse modelo teórico, essa categoria hipotética do homem original em sua condição natural – a fim de ter parâmetros para observar e pensar o homem e a existência humana em sociedade. Ou seja, longe de pretender uma retrospectiva histórica, mas tendo como parâmetro conceitual um modelo hipotético do *homem natural*, do que seria a essência da existência humana em *estado de natureza*, ele busca compreender e demonstrar como caminhou o homem e onde chegou a humanidade.

O *homem natural* de Rousseau nasce, portanto, como uma categoria de referência para pôr em questão a sociedade, o governo, as regras morais, políticas e educacionais. Resolvido a concorrer novamente ao prêmio da Academia de Dijon, em 1753, sob o tema – *Qual a origem da desigualdade entre os homens e será ela permitida pela lei natural?* – Rousseau se retira para a floresta e escreve entusiasmado o *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Este, o seu *Segundo Discurso*, se transforma em uma busca por demonstrar a origem não só da desigualdade, mas da alienação, da degeneração e da perversão da sociedade, no ponto em que chegou à sua época. O faz pensar e demonstrar o âmago, os fundamentos e os mecanismos funcionais da corrupção do homem no estado de sociedade.

Tendo, então, o *homem natural* como parâmetro, o autor procura entender e demonstrar a evolução hipotética (que em muitos aspectos se evidencia como retrocesso), desde o homem selvagem, vivendo isolado em estado de natureza, até chegar ao homem civil em estado de sociedade e ao homem da sociedade em que viveu. O h*omem natural* é um modelo conceitual que, como referência dentro do sistema de pensamento apresentado por Rousseau, permite que se enxergue como e por que tudo se degenerou nas mãos dos homens.

> [...] não constitui empreendimento trivial separar o que há de original e de artificial na natureza atual do homem, e conhecer com exatidão um estado que não mais existe, que talvez nunca tenha existido, que provavelmente jamais existirá, e sobre o qual se tem, contudo, a necessidade de alcançar noções exatas para bem julgar de nosso estado presente. (ROUSSEAU, 1983, p. 228).

Sobre como e por que chegamos ao estado de sociedade em que chegamos, declara Rousseau: “Tudo está bem ao sair das mãos do autor das

coisas; tudo degenera entre as mãos do homem" [2] (2009, p. 7). Assim, considera ser preciso chegar à origem da existência humana, à forma como o homem saíra das mãos do autor das coisas e como se desenvolveram as circunstâncias que lhe permitiram degenerar-se pelas próprias mãos. Ser preciso fazer esse percurso rumo à essência original do ser humano com o fim de obter parâmetros para pensar o homem e a humanidade.

> O mais útil e o menos avançado de todos os conhecimentos humanos parece-me ser o do homem [...] O que há de mais cruel ainda é que, todos os progressos da espécie humana distanciando-a incessantemente de seu estado primitivo, quanto mais acumulamos novos conhecimentos, tanto mais afastamos os meios de adquirir o mais importante de todos: é que, num certo sentido, à força de estudar o homem, tornamo-nos incapazes de conhecê-lo. (ROUSSEAU, 1983, p. 227).

Rousseau inicia seu percurso em busca da origem da desigualdade, ao constatar que, para questionar a origem da desigualdade entre os homens, seria preciso conhecer antes o próprio homem. E, para conhecer o próprio homem, seria preciso conhecer como o homem chegou a ser o que é hoje. Desenvolve, assim, um paradigma com o qual pôde pensar a condição do homem, a essência do ser humano anterior ao estado de sociedade, com a intenção de ressaltar as condições em que tem vivido o homem civilizado. Na sistematização desse modelo hipotético do homem original, busca demonstrar o que seriam as aptidões naturais e as faculdades que diferenciam o homem dos animais e que fazem do homem um ser humano; mas, principalmente, quer demonstrar como se corrompeu a natureza humana original com a vida em sociedade.

> De que se trata, pois, precisamente neste discurso? De assinalar, no progresso das coisas, o momento em que, sucedendo o direito à violência, submeteu-se a natureza à lei; de explicar por que encadeamento de prodígios o forte pôde resolver-se a servir ao fraco, e o povo a comprar uma tranquilidade imaginária pelo preço de uma felicidade real. Os filósofos que examinaram os fundamentos da sociedade sentiram todos a necessidade de voltar ao estado de natureza, mas nenhum deles chegou até lá. (ROUSSEAU, 1983, p. 236).

Ao pensar a respeito da corrupção e a degeneração da condição humana na sociedade, em seus vários aspectos possíveis, Rousseau faz uma reconstituição hipotética dos estágios de transformação do homem, do *homem natural* em *estado*

---

[2] "Tout est bien sortant des main de la nature, tout dégénèret dan les mains de l´homme."

de natureza ao homem civil em *estado de sociedade;* busca a origem e os fundamentos da desigualdade, procurando entender o momento hipotético em que ocorre o desvio do homem em relação à natureza, o instante simbólico dessa passagem em que o homem, entre homens, se encaminhou para a corrupção de sua própria condição e para o distanciamento progressivo da natureza.

Como o *homem natural* não é o homem original, não se trata de uma reconstituição histórica dos primórdios da humanidade, pelo contrário. É um modelo de comparação que fala do estado no qual o potencial e as aptidões humanas estão apenas latentes, ainda não manifestos. Um marco zero humano hipotético, anterior ao desenvolvimento da condição e das potencialidades do homem.

O *homem natural* em Rousseau, como grande parte dos seus conceitos e de sua maneira de ver e pensar o mundo, é de uma complexidade plena de paradoxos, com uma dialética peculiar, de contradições aparentes, não sendo facilmente apreensíveis ou classificáveis. Não são passíveis de definições fechadas e conclusivas. Há controvérsias e inúmeros mal-entendidos em relação à noção de homem no *estado de natureza* em Rousseau. Existem momentos na sua obra que levam à compreensão do *homem natural* para além do *estado de natureza*, em outros aspectos ou outras dimensões. Groethuysen fala do *homem natural* de Rousseau com especial poesia e afeto:

> Mas a partir do momento em que por trás dessas formas abstratas aparece uma fisionomia individual, a partir do momento em que uma experiência interior vem a agregar-se ao procedimento construtivo, adquire um caráter completamente diferente. O ser imaginário sai então dos marcos em que o havia encerrado a lógica; ao contato com as angústias e tribulações de Jean-Jacques, suas feições se animam, refletem algo da alma humana, dos seus sofrimentos, de suas esperanças. E a isto se deve que o homem natural de Rousseau tenha o que falta a outros homens naturais; tem uma alma. Apesar de ocupar seu lugar em um sistema, é refratário em si mesmo a todo espírito de sistemas, desafia qualquer definição. Se quiséssemos reduzi-lo a fórmulas, ficaríamos apenas com a sombra. (GROETHUYSEN, 1985, p. 14. Tradução nossa).[3]

[3] Pero desde el momento em que bajo estas formas abstractas aparece uma fisionomía individual, desde el momento em que uma experiência interior viene a agregar-se al procedimento constructivo, adquiere um carácter completamente distinto. El ser imaginário sale entonces de los marcos em que lo había encerrado la lógica; al contacto de las angustias y de las atribulaciones de Jean-Jacques, sus rasgos se animan, reflejan algo del alma humana, de sus sufrimientos, de sus esperanzas. Y a esto se debe que el hombre natural de Rousseau tenga lo que les falta a otros hombres naturales; tiene um alma. Aunque ocupe su lugar em um sistema, es refractario em sí mismo a todo espíritu de sistema, desafia toda definición. Si quisiéramos reducirlo a fórmulas, nos quedaríamos sólo com la sombra.

No *Segundo Discurso*, o homem no *estado de natureza* não é historicamente falando o homem originário. Não está em discussão se o *estado de natureza* existiu realmente no passado, como ele o descreve. O *estado de natureza* não é uma época histórica, e o *homem natural* não é o homem pré-histórico. O homem no *estado de natureza* também não é o "bom selvagem", figura fictícia exaltada à sua época como o homem feliz e puro. Apesar de extensamente utilizado na literatura do seu tempo e, posteriormente, no Romantismo, não é desse mito que ele fala, posto que o *bom selvagem*, por mais selvagem que seja, já é um ser social e um ser moral. A questão não é exaltar um retorno ao *estado de natureza*, pois não tem sentido voltar a algo que nunca existiu, e o homem, nesse estado, não é um homem perfeito, puro, ideal. Embora não degenerado, ele ainda não desenvolveu seu potencial, encontrando-se em um estado de desenvolvimento moral e intelectual nulo.

> Esse mesmo estudo do homem original, de suas verdadeiras necessidades e dos princípios fundamentais de seus deveres, representa ainda o único meio que se pode empregar para afastar essa multidão de dificuldades que se apresentam sobre a origem da desigualdade moral [...] e sobre inúmeras questões semelhantes, tão importantes quanto mal esclarecidas. (ROUSSEAU, 1983, p. 231).

Descartar os fatos históricos e as conceituações prévias de *homem natural*, em busca da essência da condição humana original, e construir o contexto hipotético de desenvolvimento desse homem, em comparação com o atual, permitiu a Rousseau enxergar aspectos fundamentais para a compreensão da condição humana em sociedade.

O que é, então, o homem no estado de natureza teórico? Quais são suas aptidões? Qual é sua essência? O que pode desenvolver? Por que sai do estado de natureza para o estado de sociedade? Quais as consequências da passagem para o estado de sociedade? Essa condição de sociedade é inevitável? Como pensar em outro caminho para a humanidade?

> Deixando de lado, pois, todos os livros científicos, que só nos ensinam a ver os homens como eles se fizeram, e meditando sobre as primeiras e mais simples operações da alma humana, creio nela perceber dois princípios anteriores à razão, um dos quais interessa profundamente ao nosso bem-estar e à nossa conservação, e o outro nos inspira uma repugnância natural por ver perecer ou sofrer qualquer ser sensível e principalmente nossos semelhantes. (ROUSSEAU, 1983, p. 230, Grifo nosso).

Rousseau (1983) busca pensar o homem natural “tal como deve ter saído das mãos da natureza” (p.238); quais seriam “as primeiras e mais simples operações da alma humana” (p.230); as faculdades que revelam a essência da condição humana, as características e aptidões naturais da forma como a natureza nos fez. O filósofo imagina esse homem primitivo, no estado de natureza, e vai tecendo suas características, suas qualidades originais hipotéticas, como acredita tê-las lido “na natureza que jamais mente” (p. 237). Descreve o *homem natural* como um animal que vive disperso pela terra, com vantagens quanto a sua organização como um todo, em relação aos outros animais. Vive isolado, sem muito contato com os outros homens e sem grandes esforços para assegurar sua sobrevivência, relacionando-se harmoniosamente com a natureza e os outros animais e “com tão poucas fontes de males” (p.241). Vê o homem no *estado de natureza* vivendo de acordo com o que a natureza provém, sem ter aperfeiçoado suas aptidões naturais, por ainda não ter-se deparado com circunstâncias que criassem tal necessidade.

Nesse estado de considerável harmonia com a natureza, o homem pode regozijar-se da sua condição privilegiada de animal, dotado de vantagens naturais sobre os outros, e é capaz de usufruir delas com grande habilidade e adaptabilidade, no seio fecundo da natureza. Nesse primeiro momento, “o corpo (é) o único instrumento que o homem selvagem conhece” [...] (e tem) “todo o vigor de que a espécie humana é capaz” (1983, p.238); um corpo naturalmente forte e vigoroso, em constante prontidão, e apto a responder e adaptar-se com habilidade às mais variadas circunstâncias. Vive a “vantagem de sempre ter todas as forças à sua disposição, de sempre estar pronto para qualquer eventualidade e de transportar-se, por assim dizer, sempre todo inteiro consigo mesmo” (ROUSSEAU, 1983, p.239).

Ao mesmo tempo em que a natureza o brinda com inúmeras vantagens, suas necessidades e fontes de males são escassas, não precisando ainda desenvolver suas aptidões. Entre elas as que Rousseau vem a chamar de *indústria* e de *luzes*. É quando as aptidões e os atributos humanos existem apenas em potencial, embora se apresentem características peculiares desse ser humano.

Duas qualidades específicas que o distinguem e o tornam diferente dos outros seres podem ser nomeadas: a liberdade ou a condição de ser livre – o livre

arbítrio; e a perfectibilidade – a condição de ser perfectível, de ser apto a aperfeiçoar-se. A perfectibilidade se torna possível pela própria condição de liberdade. Liberdade e perfectibilidade coexistem, são qualidades interligadas que possibilitam ao homem transformar a sua condição original e formar a si próprio, desenvolver suas faculdades naturais e autocriar-se, desenvolver a condição humana para além do estado primitivo dado pela natureza. (ROUSSEAU, 1983, p.243). A liberdade e a perfectibilidade determinam a condição de devir do homem, de exercer o seu potencial natural de vir a ser, de criar novas condições para a sua existência, criando para si uma *segunda natureza*. Entretanto, nem mesmo essas qualidades inatas ao homem são capazes de determiná-lo definitivamente.

Para os outros seres, a natureza desenhou um percurso fixo. Os hábitos e padrões são seguidos por todos os espécimes de todas as gerações, ao longo dos tempos, com transformações adaptativas ou genéticas raras ou imperceptíveis. Os animais não têm escolha, funcionam segundo os mecanismos determinados pela natureza. O homem, ao contrário, é um ser naturalmente livre, apto a fazer escolhas em sua interação com a natureza e com os outros seres, inclusive com seus pares; é um *agente livre*, pode agir de acordo com padrões, comandos e tendências da natureza ou resistir a eles. Por não ter seu destino, sua realidade e seu cotidiano previamente emoldurados pela natureza, o homem pode exercer seu potencial de vir a ser, de autocriar-se, de tornar-se homem "por um ato de liberdade" (p. 243). Em sua condição potencial é livre para transformar e recriar a própria realidade, o que pode acontecer em harmonia com a natureza ou concorrendo com ela, transgredindo suas leis ou potencializando-as. A liberdade pode levá-lo a se aproximar, ou a se distanciar da natureza e de sua condição humana original.

> Em cada animal vejo somente uma máquina engenhosa a que a natureza conferiu sentidos para recompor-se por si mesma e para defender-se, até certo ponto, de tudo quanto tende a destruí-la ou estragá-la. Percebo as mesmas coisas na máquina humana, com a diferença de tudo fazer sozinha a natureza nas operações do animal, enquanto o homem executa as suas como agente livre. Um escolhe ou rejeita por instinto, e outro, por um ato de liberdade, razão por que o animal não pode desviar-se da regra que lhe é prescrita, mesmo quando lhe fora vantajoso fazê-lo, e o homem, em seu prejuízo, frequentemente se afasta dela. [...] Não é, pois, tanto o entendimento quanto a qualidade de agente livre possuída pelo homem que constitui, entre os animais, a

> distinção específica daquele. A natureza manda em todos os animais, e a besta obedece. O homem sofre a mesma influência, mas considera-se livre para concordar ou resistir, e é sobretudo na consciência dessa liberdade que se mostra a espiritualidade de sua alma. (ROUSSEAU, 1983, p. 242, 243).

Na liberdade natural ao ser humano está o potencial de vir a ser *homem do homem*. No fato de ser livre para formar-se para além do que é dado pela natureza, está o seu potencial perfectível, a possibilidade de desenvolver e aperfeiçoar suas faculdades inatas, trilhando caminhos ainda desconhecidos, ainda não dados.

As qualidades inerentes ao homem, e só a ele – a liberdade e a perfectibilidade – o diferenciam de todos os outros seres. Reunidas, tais qualidades lhe dão a condição de adaptabilidade, maleabilidade e plasticidade em relação à existência. Em sua condição de devir, de vir a ser, ele tem diante de si um infinito de possibilidades quanto aos caminhos de desenvolvimento da sua condição humana. A liberdade e a perfectibilidade permitem ao homem desenvolver suas aptidões para muito além do que a natureza oferece e criar um caminho próprio. Para Rousseau (1983, p. 243), trata-se de uma capacidade "distintiva e quase ilimitada" de transformar e aprimorar todas as outras aptidões e faculdades naturais, e torna possível aperfeiçoar, como também deteriorar, o gênero humano, para seu bem ou para seu prejuízo – o que compreende um potencial infinito de possibilidades.

> Ora, sem o estudo sério do homem, de suas faculdades naturais e de seus desenvolvimentos sucessivos, jamais se chegará a fazer essas distinções e, no estado atual das coisas, separar o que a vontade divina fez daquilo que a arte humana pretendeu fazer. (ROUSSEAU, 1983, p. 231).

A perfectibilidade, todavia, traz em si também perigos para a existência humana, a possibilidade, por exemplo, de criar para si mesmo dificuldades. Observe-se a forma como o homem se afastou da natureza, levando a perfectibilidade a tomar caminhos perversos para o próprio homem. Ela ativou-se pelas necessidades e circunstâncias, caso contrário, segundo Rousseau, seria permanecer no marco zero da humanidade,. Aparentemente tudo contribuía para manter o homem no estado de natureza e poderia ter permanecido assim, mas

> Os progressos do espírito se proporcionaram precisamente segundo as necessidades que os povos receberam da natureza ou aquelas às quais as circunstâncias os obrigaram e, consequentemente, as paixões que os levavam a atender suas necessidades. (ROUSSEAU, 1983, p. 244).

São de Salinas Fortes as seguintes considerações:

> Fixado esse grau zero na evolução da espécie [...] De uma condição de integração com a natureza circundante e de independência de seus semelhantes, o homem evoluirá para uma situação de independência da natureza e de dependência em relação a outro homem. Ao longo desse processo veremos, sob os pontos de vista físico, metafísico e moral, o retrato já traçado sofrer uma desfiguração gradativa até se ajustar às aparências do civilizado. (SALINAS FORTES, 1989, p. 58).

Os homens, no processo de socialização e construção da civilização, respondem às necessidades e paixões, exercem seu potencial de liberdade e perfectibilidade e acabam, por força das circunstâncias, tornando-se dependentes uns dos outros e, paradoxalmente, abrindo mão de sua liberdade natural. O homem natural dá lugar ao homem civil ao trilhar o caminho que conduziu a humanidade ao atual estado de coisas; em que as pessoas se encontram em condição de servidão, aferrolhadas às regras e à dinâmica das instituições sociais, e escravas das máscaras e representações que perpetuam o espetáculo da sociedade. Espetáculo que impede o indivíduo de desenvolver, e comumente, até de perceber, ter consciência da própria essência e autenticidade como ser humano, em seu potencial de vir a ser. Exercendo a liberdade e a perfectibilidade, entre outras faculdades predominantes, como a racionalidade, o homem construiu a civilização, distanciando-se da natureza a ponto de esquecer ou perverter sua própria natureza e suas faculdades.

> Seria triste, para nós, vermo-nos forçados a convir que seja essa faculdade, distintiva e quase ilimitada, a fonte de todos os males do homem; que seja ela que, com o tempo, o tira dessa condição original na qual passaria dias tranquilos e inocentes; que seja ela que, fazendo com que através dos séculos desabrochem suas luzes e erros, seus vícios e virtudes, o torna com o tempo o tirano de si mesmo e da natureza. (ROUSSEAU, 1983, p. 243).

Com o progresso da sociedade, graças ao exercício da liberdade e da perfectibilidade do homem, emerge uma realidade na qual a dimensão histórica e a cultural são essenciais. Com a socialização a perfectibilidade implica a

dimensão cultural e histórica. Assim como a espécie transmite e perpetua as regras da vida dos animais, determinando que tenham os mesmos comportamentos e as mesmas aptidões ao longo dos séculos, a sociedade e a história, ao transmitir e perpetuar as regras do comportamento social, têm para o homem o mesmo papel que a espécie, para os animais. Se o animal é integrado à espécie que perpetua e transmite as características e condições de existência, o homem é integrado à sociedade e vive segundo as condições da existência, transmitidas e perpetuadas pela cultura.

No decorrer do processo de socialização da humanidade, o homem se distanciou da natureza e alienou-se de sua condição natural. Nas asas da perfectibilidade pôde corromper sua natureza própria, original, desviando-se dela a ponto de percorrer caminhos perversos, tanto para si quanto para toda a raça humana. Com a condição de liberdade, juntamente com o *amor de si* e à *pitié*, a perfectibilidade que, no estado de natureza, pôde colaborar para a conservação do homem e da humanidade, poderia potencialmente seguir os rumos da excelência, na expressão dos princípios e das virtudes humanas; mas, ao contrário, em sociedade ocorreu uma inversão, que tem contribuído para a corrupção e a perversão do que é natural no homem. Eis o *homem do homem*, o lugar, ou a *segunda natureza* que o homem construiu para si em sociedade.

> Essa adequação reiterada dos vários seres a si mesmos e de uns a outros levou, naturalmente, o espírito do homem a perceber certas relações. [...] Assim, o primeiro olhar que lançou sobre si mesmo produziu-lhe o primeiro movimento de orgulho; [...] Acostumam-se a considerar os objetos e a fazer comparações; insensivelmente adquirem-se ideias de mérito e beleza, que produzem sentimentos de preferência. [...] Cada um começou a olhar os outros e a desejar ele próprio ser olhado, [...] e foi esse o primeiro passo tanto para a desigualdade quanto para o vício. (ROUSSEAU, 1983, p. 260 a 263).

Aberto o caminho para a desigualdade social, e na medida em que o homem se individualiza, cria-se o terreno fértil para a instituição oportunista da propriedade privada, fato que ocorre em um processo de alienação dos indivíduos, que abrem mão de sua liberdade quando se fincam as cercas. Diante de um discurso enganador – o discurso do demagogo – esses homens optam por se calar e curvam-se, assumindo por regra o engodo, e inaugurando a corrupção humana da civilização.

Em busca, provavelmente, de uma suposta segurança e de supostos benefícios tais homens aceitam, de bom grado, a condição de servidão e subserviência. Momento trágico da história da humanidade, quando os homens, afastando-se das leis da natureza colocam-se dependentes uns dos outros e perdem-se da condição de liberdade própria do gênero humano.

> A perfectibilidade, um atributo próprio do ser humano, enquanto agente livre em sua capacidade de modificar-se, tanto contribui para sua adaptação e sucesso diante das circunstâncias, quanto possibilitou a origem da propriedade, dos consequentes vícios, e das inúmeras comodidades – jugo que representa a "primeira fonte de males que prepararam para seus descendentes". (ROUSSEAU, 1985, p.262).

É, portanto, na origem dessa desigualdade, forjada pelo pacto do engodo, quando alguém fincou as estacas e disse que o que estava dentro da cerca era seu, e os outros, ao redor, aceitaram esse forjar, também com intenções de obter vantagens, que nasce a dicotomia histórica e o homem se esquece das virtudes naturais, como o *amor de si* e a compaixão, próprios da sua condição natural; abre mão da própria condição de ser homem livre e autêntico, de ser o que é, abrindo essa ferida trágica na história e alimentando a condição de servidão e vícios na existência humana.

> Assim, a desigualdade natural insensivelmente se desenvolve junto com a desigualdade de combinação, e as diferenças entre os homens, desenvolvidas pelas diferenças das circunstâncias, se tornam mais sensíveis, mais permanentes em seus efeitos e, em idêntica proporção, começam a influir na sorte dos particulares. [...] Eis, pois, todas as nossas faculdades desenvolvidas [...] alcançando o espírito quase que o termo da perfectibilidade de que é suscetível. Aí estão todas as qualidades naturais postas em ação, estabelecidos a posição e o destino de cada homem, não somente quanto à quantidade dos bens e o poder de servir ou de ofender, mas também quanto ao espírito, à beleza, à força e à habilidade, quanto aos méritos e aos talentos e, sendo tais qualidades as únicas que poderiam merecer consideração, precisou-se desde logo tê-las ou afetar possuí-las. *Para proveito próprio, foi preciso mostrar-se diferente do que na realidade se era. Ser e parecer tornaram-se duas coisas totalmente diferentes.* (ROUSSEAU, 1983, p. 266 e 267. Grifo nosso).

Dessa maneira, chega-se à desfiguração mencionada por Rousseau (1983) em relação à estátua de Glauco, ao fato de o homem ter se transformado "a ponto de ser quase irreconhecível" e "em lugar de um ser agindo sempre por princípios certos e invariáveis, em lugar dessa simplicidade celeste e majestosa

com a qual seu autor a tinha marcado" (p.227), terem se tornado homens disformes e de alma desfigurada. Perdemos nossa essência, nossa integridade e nossa transparência original. Para Vieira (1989),

> Surge o fenômeno da emulação, da fruição de status, o homem perde o sentimento natural da piedade e passa a ver no seu semelhante um concorrente que convém eliminar. (...) Corrompem-se os costumes juntamente com as ciências e as artes, que se tornam venais e cúmplices do sistema, e o luxo produz as necessidades supérfluas, desencadeando o círculo vicioso do consumismo. Enquanto isso cresce, o índice de marginalização social e delinquência, agravando-se o quadro da patologia social. (VIEIRA, 1989, p.85).

Desnecessário agregar muitos adjetivos para definir o estado de corrupção humana, visto que basta olhar ao redor e nas manchetes de jornais e revistas, assim como nas chamadas dos noticiários, para perceber o estado de degeneração a que chegou a civilização. O homem civil parece não ter limites em suas possibilidades de corromper-se, em direção a um individualismo cego e à ausência das aptidões, que seriam, segundo Rousseau, naturais no homem, em troca de possuir e mostrar poder. Como disse o filósofo, ter tornou-se mais importante do que ser. O homem em sociedade perde suas virtudes e inclinações naturais, fragmenta-se, não é mais *inteiro absoluto*. Abre mão de si próprio, de sua essência e da possibilidade de realizar-se como ser humano. Rousseau (1983, p. 282), deixa clara sua indignação: "Basta-me ter provado não ser esse, em absoluto, o estado original do homem e que unicamente o espírito da sociedade e a desigualdade, que ela engendra, é que mudam e alteram, desse modo, todas as nossas inclinações naturais."

Se o homem civil se aliena de sua liberdade e inclinações naturais para assumir os papéis e máscaras que a sociedade inculca e exige, se esquece também das melhores faculdades e virtudes, como a capacidade de ser compassivo, de exercer a consciência e a conexão com a essência e o sentido da natureza humana. Fica adormecida a possibilidade de viver a excelência das aptidões humanas.

Ao longo do tempo, nesse percurso de afastamento da natureza e de distanciamento da sua *condição animal*, desenvolve-se o processo de afastamento da própria condição e qualidades naturais do homem. Ele se aliena de sua condição de liberdade em prol do pacto social estabelecido. Uma

alienação que está longe de representar a alienação da vontade comum em prol da vontade geral, proposta por Rousseau em *Do Contrato Social*, e que beneficiaria o corpo social como um todo. Na construção da civilização, no suposto progresso da sociedade, paradoxalmente, o homem se desfigurou e perpetuou a corrupção de sua condição natural, da degeneração da sua humanidade original, ao percorrer caminhos que não trazem o bem-estar e a felicidade nem para o indivíduo, nem para a sociedade. Na passagem da condição de isolamento e dispersão dos homens no estado de natureza à socialização e à condição de homem civil no estado de sociedade, na passagem da natureza à cultura, as paixões naturais, as qualidades originalmente benéficas que ele tem em comum com os animais entram em desequilíbrio, transformam-se em paixões perversas na medida em que corrompem a natureza do homem. Distanciando-se de sua própria natureza, seja na alienação de sua liberdade ou nos rumos que suas virtudes e faculdades naturais se desenvolveram, ele põe em risco sua própria preservação e sobrevivência.

A perfectibilidade poderia ter levado o homem a desenvolver seu potencial excelente na prática de suas virtudes e faculdades; porém, no decorrer da socialização, contribuiu para a desfiguração e corrupção do que é natural no ser humano. A mesma perfectibilidade é, no entanto, a faculdade que torna possível – pela formação e pela educação dos homens, como propõe Rousseau em seu projeto pedagógico, em *Emílio,* cultivar uma segunda natureza, seguindo o curso natural da infância e as *inclinações naturais* do ser humano, facultando, assim, desenvolver o potencial excelente do homem em sociedade.

Nas qualidades distintivas do homem e em especial na consciência delas, reside o universo da sua espiritualidade e todo o potencial de desenvolvimento próprio do humano.

> [...] pois a física de certo modo explica o mecanismo dos sentidos e a formação das ideias, mas no poder de querer, ou antes, de escolher e no sentimento desse poder só se encontram atos puramente espirituais que de modo algum serão explicados pelas leis da mecânica. (ROUSSEAU, 1983, p. 243).

Caso essas mesmas faculdades e a consciência delas encontrem-se abafadas ou corrompidas no estado de sociedade, da mesma forma a humanidade e a espiritualidade do homem encontram-se esquecidas.

Quais seriam essas qualidades ou paixões que se degeneram? No estado de natureza, segundo Rousseau, o homem não é bom nem mau, não é moral nem amoral; trata-se de um estado anterior à moralidade. Da mesma forma que entre os outros animais não está em questão o que possa ser julgamento de valores, o homem natural age conforme a natureza e suas regras, segundo as necessidades e inclinações naturais, e, por sequer conceber o que sejam esses valores do bem e do mal, não pode praticar nem o bem nem o mal. Nesse percurso em busca do que é natural no homem, originalmente, Jean-Jacques Rousseau percebe dois princípios fundamentais ou duas paixões primitivas, constitutivas da condição humana: o *amor de si* e a *pitié*, princípios comuns também aos animais.

O *amor de si* ou o desejo de conservação é a paixão que, na natureza, move as ações humanas; "é um sentimento natural que leva todo animal a velar pela própria conservação e que, no homem dirigido pela razão e modificado pela piedade, produz a humanidade e a virtude" (ROUSSEAU, 1983, p. 307). O *amor de si* é uma paixão ou um sentimento natural que leva o homem a desejar e a empenhar-se em sua conservação, a buscar o que é necessário e afastar-se do que é nocivo para ele, como acontece com os outros animais. Trata-se, pois, de um elã vital anterior à razão e que, mais tarde, no estado de sociedade e com a ação da razão cultivada, pode se desenvolver em outras condições e outras paixões. Esse sentimento natural de conservação no estado primitivo leva todo ser vivo a perseverar no seu ser, desejar, ter interesse e dedicar esforços e cuidados à sua preservação. Pode-se dizer que o amor de si, além de uma paixão sensível e uma necessidade física instintiva, confere um sentido ou uma ligação espiritual com a vida, tem a legitimidade das coisas da natureza, conforme a ordem natural. Essa inclinação ao próprio bem, essa aspiração a ser feliz é comum aos homens e aos animais, e, nesse sentido, um instinto, uma paixão universal.

Ao falar das paixões naturais, em comum entre seres humanos e animais, além do *amor de si*, Rousseau (1983) identifica a *pitié,* [4] a piedade ou compaixão universal, outro sentimento natural presente no homem no *estado de*

[4] Optou-se por manter o termo "pitié" no original, em francês, já que a simples tradução por "piedade" parece empobrecer a compreensão do conceito em Rousseau. Ressaltando sua complexidade, alternamos ao longo do texto o uso da palavra *pitié* no original, em francês, com as traduções comumente utilizadas por estudiosos de Rousseau: "compaixão universal" ou "piedade natural".

natureza, que é "a única virtude natural", e se trata de uma aversão ao sofrimento do semelhante. Essa *virtude universal*, esse movimento da natureza, compartilhado com os outros animais, é presente no homem selvagem, e também, segundo o autor, melhor preservado e melhor percebido na população rural e mais simples, com menos cultura, ou, entre as pessoas menos favorecidas das cidades. [5]

> [...] não constitui empreendimento trivial separar o que há de original e de artificial na natureza atual do homem, e conhecer com exatidão um estado que não mais existe, que talvez nunca tenha existido, que provavelmente nunca existirá, e sobre o qual se tem, contudo, a necessidade de alcançar noções exatas para bem julgar dentro de nosso estado presente. (ROUSSEAU, 1983, p. 228).

A piedade natural, essa compaixão universal também comum aos animais, "uma repugnância inata de ver sofrer seu semelhante" (ROUSSEAU, 1983, p. 307), no *estado de natureza*, faz com que o homem evite fazer o mal a outrem. É o que se pode chamar, entre os humanos, de sentimento de humanidade, pouco comum no *estado de raciocínio* da civilização. Essa

---

[5] A questão do *homem natural* em suas dimensões psicológica e antropológica é desenvolvida por Rousseau em diferentes momentos de sua obra. Embora não caiba nesta dissertação, pode-se compreender que o *homem natural* concebido pelo filósofo existe, ou pode existir, na realidade, em situações diversas em relação ao tempo e também às circunstâncias sociais. O *homem natural* de Rousseau, apesar de hipotético, é visto por ele próprio como um potencial que pode ou poderia existir, inclusive no estado de sociedade, o que é proposto em Emílio. O que é da natureza humana é inato ao homem e, portanto, acessível, ainda que esquecido ou desfigurado. Nessa perspectiva, Rousseau encontra aspectos do homem natural entre as populações primitivas, assim como entre as pessoas do campo, pessoas mais "simples", a quem a cultura civilizatória ainda não pôde corromper demasiadamente. Ao pensar o que é natural a todos os seres humanos, Jean-Jacques considera ainda poder encontrar em si, em sua consciência e coração, os ecos e as palavras para revelar para si, e para o mundo, essa verdade essencial a que pertence a natureza humana. Esse caminho seria possível, ressalta o autor, ouvindo-se a verdade do coração muito mais do que pelo caminho da razão intelectual e das chamadas *Luzes* da racionalidade, apregoadas com tanta ênfase durante o iluminismo, e até os dias de hoje.

Rousseau se viu não só em uma busca pela humanidade e pela condição do homem em si, e percebeu que só seria possível saber algo realmente nesse sentido, caso se pusesse no caminho de conhecer-se a si mesmo. Conhecer a si mesmo na condição de homem social e de homem em si, criação do "autor das coisas", de homem autêntico e único, este que levava o nome Jean-Jacques Rousseau. O autor mostra desde os seus primeiros escritos o fato que se confirma ainda mais profundamente nos últimos: acreditar que, conhecendo a si mesmo a fundo, guiado pelo próprio sentido interior, poderia então conhecer o homem. Porém, tal empreita se mostra já de início bastante complexa, posto que, como afirma também no prefácio do segundo discurso, assim como a estátua de Glauco, que se apresenta desfigurada pelo tempo e pelas intempéries, encontra-se também "a alma humana, alterada no seio da sociedade" (1983, p. 227). Conhecer-se a si mesmo, ou ao homem em si, requer, portanto, um esforço cujo caminho não está dado, e que significa desvelar, sob as deformações cunhadas na sociedade e em cada um de nós, a natureza original do homem.

compaixão natural, entretanto, não implica, necessariamente, solidariedade, por exemplo, posto que esse sentimento em potencial, para ser cultivado, depende do desenvolvimento de ideias complexas e da razão. A piedade natural não garante, assim, os caminhos para a formação de laços sociais ou para a vontade de socialização.

Todavia, dentro das *regras da natureza*, no estado de equilíbrio da *ordem natural*, a *pitié*, ao lado do *amor de si* faz com que o ser vivo evite fazer sofrer seu semelhante. A *piedade natural*, portanto, por obra das mãos da natureza, tempera o *amor de si* e leva o homem a prezar a própria vida e a vida de seus semelhantes, colaborando para a conservação da espécie.

> Certo, pois a piedade representa um sentimento natural que, moderando em cada indivíduo a ação do amor de si mesmo, concorre para a conservação mútua de toda a espécie. Ela nos faz, sem reflexão, socorrer aqueles que vemos sofrer; ela, no estado de natureza, ocupa o lugar das leis, dos costumes e da virtude, com a vantagem de ninguém sentir-se tentado a desobedecer à sua doce voz. (ROUSSEAU, 1983, p. 254).

Para Rousseau (ROUSSEAU, 1983, p. 244), no *estado de natureza*, o homem selvagem vive segundo os impulsos da natureza, sem se distanciar de sua condição animal, “não ultrapassando, pois, seus desejos e suas necessidades físicas”; com suas faculdades especificamente humanas em potencial, ainda não desenvolveu a indústria e as *luzes*. O homem natural no *estado de natureza*, portanto, tem apenas as *luzes* e os sentimentos próprios desse estado e de acordo com suas necessidades.

Os atributos específicos da condição original de ser humano, e apenas dele, são a liberdade e a perfectibilidade. Atributos que só podem se desenvolver diante de necessidades e de circunstâncias favoráveis, na medida em que as necessidades movem as paixões e os desejos que, então, podem estimular a capacidade perfectível. As primeiras paixões que movem o homem a criar, recriar a sua condição e se aperfeiçoar, *o amor de si* e a *pitié*, foram os primeiros motores da condição de perfectibilidade. Paixões naturais, presentes no homem primitivo do *estado de natureza*, só se desenvolveram ou se transformaram no decurso de muito tempo e de inúmeras causas que, se não tivessem existido, teria o homem permanecido eternamente na condição primitiva. No *estado de*

sociedade, porém*,* após séculos no exercício da sua condição de perfectibilidade, de “progressos no desenvolvimento sucessivo do espírito humano” (ROUSSEAU, 1983, p. 258), o homem se distanciou da sua natureza original. O *homem do homem*, nesse caminho, ao se abster da liberdade em nome das facilidades e dos vícios decorrentes dos artifícios do progresso e dos vícios próprios das comodidades dele advindas, esqueceu-se do *amor de si,* cultivando o *amor próprio* como paixão egocêntrica e deixou de lado a *pitié,* cultivando a indiferença e o individualismo. Por serem essas aptidões, ou paixões, semelhantes às dos animais, pode-se dizer que o homem se esqueceu de sua natureza animal original, assim como do que o faz humano e o distingue dos outros seres, alienando-se também de sua humanidade.

> Depois de ter mostrado que a perfectibilidade, as virtudes sociais e as outras faculdades que o homem natural recebera potencialmente jamais poderão desenvolver-se por si próprias, pois para isso necessitam do concurso fortuito de inúmeras causas estranhas, que nunca poderiam surgir e sem as quais ele teria permanecido eternamente em sua condição primitiva, resta-me considerar e aproximar os vários acasos que puderam aperfeiçoar a razão humana, deteriorando a espécie, tornar mau um ser ao transformá-lo em ser social e, partindo de tão longe, trazer enfim o homem e o mundo ao ponto em que o conhecemos. (ROUSSEAU, 1983, p. 258).

O homem, alienando-se de sua condição de liberdade em nome de “facilidades”, esquecido de suas virtudes naturais e sob o jugo do amor próprio – tendo como referência as reflexões comparativas, da convivência em sociedade, e as luzes que se desenvolvem nas circunstâncias da razão cultivada em nome do progresso – na perspectiva da propriedade, da desigualdade e da competitividade crescentes, autocria-se como *homem do homem* e permite, sem se dar conta, que se corrompa a essência própria da natureza humana, permite que se perca da natureza o desenvolvimento das faculdades naturais ao homem. Nesse sentido, fala-se de alienação da humanidade natural, uma segunda natureza alheia ao que é natural no homem.

Se a perfectibilidade levou à dicotomia histórica vivida nos tempos atuais, em que o homem se afastou radicalmente da sua essência original, esquecendo-se, precisamente, das faculdades que o fazem ser humano, essa é uma questão fundamental, à qual não se pode furtar quando se trata da educação

e da formação do homem em sociedade e na sociedade atual. Uma sociedade de aparências e de máscaras, em que *ser* se tornou diferente de *parecer*, em que possuir se tornou mais importante do que ser, em que o *amor próprio* se sobrepôs ao *amor de si* e em que, no lugar da compaixão, reina, como princípio o egocentrismo. Uma condição em que as máscaras que vestimos não nos contam mais quem somos e estão tão distantes de nos acenar para nossa humanidade e para uma felicidade possível na condição de seres humanos.

Como se deu a passagem da natureza à cultura e o fracasso da socialização? Por que a humanidade cultivou uma sociedade perversa? Em que momento ou por que meios o homem deixou corromper-se? É na origem da desigualdade moral entre os homens, no início da valorização das comodidades e vícios, que Rousseau encontra a origem da corrupção e do que se torna, com o tempo, a desnaturalização, a desfiguração do homem.

Se “tudo parece afastar do homem selvagem a tentação e os meios de deixar de ser selvagem” (p. 244), então, como e por que se chega à desnaturalização e à civilização do modo em que se encontra? O homem selvagem, vivendo sempre no momento presente, guiado pelo perceber e pelo sentir no seio da mãe natureza, vive inteiro e “entrega-se ao sentimento da existência atual”. Foram necessários ”milhares de anos para sucessivamente desenvolverem-se no espírito humano as operações de que era capaz”. E essa capacidade inerente só pôde desenvolver-se diante das necessidades e das circunstâncias de cada um dos povos. (ROUSSEAU, 1983, p. 244 a 246).

A língua e o desenvolvimento da linguagem foram, para Rousseau, uma condição prévia para o desenvolvimento das ideias gerais e da perfectibilidade, o que, então, possibilitou o desenvolvimento da indústria e das luzes. A linguagem teria se desenvolvido a partir da reunião dos homens em núcleos familiares, as primeiras sociedades. Os primeiros progressos da indústria do homem, também situados nesse momento primeiro de socialização, exigem um salto da condição animal, para o cultivo dos mais simples conhecimentos e progressos humanos. “Quando as ideias dos homens começaram a estender-se e a multiplicar-se, e se estabeleceu entre eles uma comunicação mais íntima, procuraram sinais mais numerosos e uma língua mais extensa”. Até então, “[...] o presente do infinito foi o único tempo dos verbos.” (ROUSSEAU, 1983, p. 248).

> Concluamos que, errando pelas florestas, sem indústrias, sem palavras, sem domicílio, sem guerra e sem ligação, sem qualquer necessidade de seus semelhantes, bem como sem qualquer desejo de prejudicá-los, talvez sem sequer reconhecer alguns deles individualmente, o homem selvagem, sujeito a poucas paixões e bastando-se a si mesmo, não possuía senão os sentimentos e as luzes próprias desse estado, no qual só sentia suas verdadeiras necessidades [...] (ROUSSEAU, 1983, p 256).

Esse momento em que os homens se agrupam em núcleos familiares e precisam enfrentar as dificuldades e as circunstâncias adversas, é também o momento em que começam a desenvolver a linguagem, as ideias, a consciência de sua humanidade peculiar. É a chamada *idade de ouro* ou o segundo e último *estado de natureza*, quando ainda vivem as benesses de sua integração com a natureza, de sua condição animal original, ainda usufruem da condição de felicidade desse estado do homem natural, mas já estão desenvolvendo o processo de socialização em seus primórdios. Processo que possibilitou a expansão inicial da consciência, das ideias, das faculdades humanas em geral, e, em especial, da perfectibilidade, tendo como consequência o desenvolvimento germinal da racionalidade ou das *luzes* e das suas *indústrias*.

Vivendo em conjunto e adequando-se a essa convivência uns com os outros, começaram, naturalmente, a perceber certas relações e a ter certo tipo de reflexão o que propiciou expandir as *novas luzes*, ressaltando a superioridade do homem sobre os outros animais e a consciência dessa superioridade. Seria o primeiro olhar sobre si mesmo. O desenvolvimento do espírito motivava o desenvolvimento da indústria, e aos primeiros progressos sucederam-se outros mais rápidos. Nessa fase também ocorreram os primeiros progressos do coração e a evolução do canto e da dança como “verdadeiros filhos do amor” (ROUSSEAU, 1983, p. 260 a 263).

> Os primeiros progressos do coração resultaram de uma situação nova em que reunia numa habitação comum os maridos e as mulheres, os pais e os filhos. O hábito de viver junto fez com que nascessem os mais doces sentimentos que são conhecidos do homem, como o amor conjugal e o amor paterno. Cada família tornou-se uma pequena sociedade, ainda mais unida por serem a afeição recíproca e a liberdade os únicos liames [...] (ROUSSEAU, 1983, p. 262).

Nesse estado, possível pela reunião dos homens e pela evolução da linguagem, quando as necessidades ainda eram poucas e as invenções eram

muitas, esses homens puderam empregar seus esforços para desenvolver e obter de “inúmeras espécies de comodidades”. Estas tornaram-se “a primeira fonte de males que prepararam para seus descendentes”, já que tais facilidades levam ao enfraquecimento do corpo e do espírito, à degeneração dos hábitos; e, posteriormente, com a acentuação das comparações e da competição, vem a ser exatamente a fonte dos vícios e dos males da humanidade. (ROUSSEAU, 1983, p. 262). Com a convivência e capacidade de considerar as circunstâncias, desenvolvem, assim, não somente os laços afetivos, mas também o hábito de observar e perceber os outros homens. Acostumam-se ao hábito das comparações, desenvolvem preferências, passam a olhar os outros e a desejar serem olhados.

> O primeiro passo tanto para a desigualdade quanto para o vício; dessas primeiras preferências nasceram, de um lado a vaidade e o desprezo, e, de outro, a vergonha e a inveja. A fermentação determinada por esses novos germes produziu, por fim, compostos funestos à felicidade e à inocência. (ROUSSEAU, 1983, p. 263).

Para Rousseau (1983), é na *idade de ouro*, ápice do desenvolvimento humano enquanto os homens viveram “tão livres, sadios, bons e felizes”, que se plantam as sementes da corrupção humana. Segundo ele, é no instante em que o homem sente necessidade do outro, torna-se dependente do outro, seja para olhar para ele, para amá-lo ou para construir com ele algum instrumento da sua indústria, que nasce a corrupção humana. Nesse instante em que entra na história da humanidade também a metalurgia e a agricultura, se “civilizaram os homens e perderam o gênero humano” (1983, p. 265). A origem da civilização é a origem da corrupção e da degeneração humana, e o início de uma sociedade de máscaras, de escravidão e de servidão.

Na sociedade nascente o homem pode usufruir dos progressos que se sucedem, “começando os homens a alongar suas vistas até o futuro e tendo todos a noção de possuírem algum bem passível de perda” (p. 266). Com a cultura de terras, o crescer promissor da agricultura, nasce a partilha e a propriedade. É quando começa o processo em que “a desigualdade natural insensivelmente se desenvolve junto com a desigualdade de combinação e as diferenças entre os homens, desenvolvidas pelas diferenças das circunstâncias,

se tornam mais sensíveis, mais permanentes em seus efeitos." (ROUSSEAU, 1983, p. 266, 267).

Com o progresso das coisas, diante de tantas comodidades e das comparações entre os homens, *rompida a igualdade*, cria-se um terreno fértil para que a piedade natural seja abafada, o amor de si se perca na indiferença e, do amor, se cultive o ciúme; para que o ser seja diferente do parecer, a perfectibilidade perca os parâmetros do bem humano e não seja uma questão para o homem que o seu desenvolvimento, assim como o desenvolvimento de todas as faculdades humanas, sejam direcionados ao bem do homem e da humanidade. Ao contrário, o amor próprio, a indiferença, o domínio da racionalidade e da lógica do progresso mostram a tendência à corrupção das faculdades e das paixões do homem em sociedade.

Nessa nova ordem do gênero humano está a origem da desigualdade entre os homens e da alienação do homem de sua condição natural de liberdade; a origem das competições e comparações que, levam o homem a valorizar mais a opinião alheia que seu próprio bem-estar; estão as fundações da *sociedade do espetáculo*, quando se começam a cultivar as máscaras sociais, instituindo a hipocrisia nas relações e a corrupção da natureza humana como base da nova sociedade.

> Eis, pois, todas as nossas faculdades desenvolvidas, a memória e a imaginação em ação, o amor próprio interessado, a razão em atividade, alcançando o espírito quase que o termo da perfectibilidade de que é suscetível. Aí estão todas as qualidade naturais postas em ação, [...] Para proveito próprio, foi preciso mostrar-se diferente do que na realidade se era. Ser e parecer tornaram-se duas coisas totalmente diferentes. Dessa distinção resultaram o fausto majestoso, a astúcia enganadora e todos os vícios que lhe formam o cortejo. Por outro lado, o homem, de livre e independente que antes era, devido a uma multidão de novas necessidades passou a estar sujeito, por assim dizer, a toda natureza e, sobretudo a seus semelhantes dos quais, num certo sentido se torna escravo, mesmo quando se torna senhor. [...] Todos esses males constituem o primeiro efeito da propriedade e o cortejo inseparável da desigualdade nascente. (ROUSSEAU, 1983, p.267).

Os movimentos essenciais que tiraram os homens do caminho da natureza, o aperfeiçoamento das faculdades humanas, possível pelo aparecimento da linguagem e o cultivo da razão, possibilitaram o progresso da indústria e das consequentes comodidades – futura fonte dos vícios e dos males.

O convívio íntimo, as consequentes comparações, a competição pelas comodidades e pela propriedade foram o terreno fértil para que as paixões e as faculdades humanas se distanciassem das regras naturais, do curso da natureza, corrompendo radicalmente o que antes era natural no homem.

No *estado de natureza*, o *amor de si*, moderado pela compaixão natural, conduzia à "conservação mútua de toda a espécie". No *estado de sociedade,* o *amor de si* dá lugar ao *amor próprio*: "sentimento relativo, fictício e nascido na sociedade, que leva cada indivíduo a fazer mais caso de si mesmo do que de qualquer outro, que inspira aos homens todos os males que mutuamente se causam [...]" (ROUSSEAU, 1983, p.307).

O *amor próprio* é uma paixão que se desenvolve no *estado de sociedade*, pelo próprio potencial de liberdade e perfectibilidade do homem. Esse amor próprio, segundo Rousseau (1983), engendrado pela razão e fortalecido pela reflexão, dentro das circunstâncias em que se desenvolve, dá lugar a um olhar e a um estado de comparação e competição que, com o tempo, levam ao egocentrismo sem limites e ao individualismo como princípio, o que é muito conhecido na vida em sociedade. Esse olhar revela uma instância do indivíduo que observa e que é observado, inaugurando uma relação de espectador e ator no espetáculo social, e, tornando possível o nascimento de sentimentos e paixões, cuja fonte são as comparações e reflexões, relativas ao que se habituam a fazer os homens entre si. É a origem das máscaras sociais e da *sociedade do espetáculo*.

A *pitié,* a compaixão ou *piedade natural*, a primeira, e a fonte potencial de todas as virtudes (como, por exemplo, a generosidade a clemência, a humanidade e até o bem-querer e a amizade), no *estado de sociedade* torna-se abafada, quase esquecida. No cultivo do *amor próprio* em lugar do *amor de si* e sem o equilíbrio da compaixão universal, as virtudes naturais do homem perdem-se da sua natureza. Essas circunstâncias em que o homem se volta sobre si mesmo e, paradoxalmente, afasta-se radicalmente de sua natureza e da natureza em si, possibilitaram a perversão de suas paixões e faculdades naturais; a humanidade se esquece de cuidar da sua conservação, as paixões perdem seu equilíbrio natural. A *pitié* dá lugar à indiferença, abrindo caminho para as "paixões desenfreadas", e tornando "os homens avaros, ambiciosos e maus" (ROUSSEAU, 1983, p. 268).

Diante do esquecimento da *pitié* natural e das virtudes que dela nascem, e estando o homem perdido da sua própria natureza, o *amor próprio* sem limites o leva a exercer sua liberdade e sua *perfectibilidade*, assim como a razão, as *luzes* e a indústria, de um modo sem medidas em relação ao que seja bom para a conservação da espécie e de si próprio. Nessas circunstâncias de alienação da sua condição natural, das paixões e das virtudes universais, o homem corrompe sua natureza a ponto de desenvolver a *perfectibilidade* por caminhos contrários à natureza, à sua própria natureza e ao que permita evitar os males para si e para os outros. A perfectibilidade se inverte, deixando de ser uma qualidade que contribua para o bem do homem e da humanidade.

O *concurso fortuito de inúmeras causas estranhas* faz surgir as circunstâncias que possibilitaram o desenvolvimento da perfectibilidade, das faculdades e também a corrupção da natureza humana no decorrer da socialização. Nessa nova ordem nascente, plena de potencial – para o bem ou o mal – foram lançadas as bases perversas para a construção da civilização. Se tivesse, o homem, imaginado como se encaminharia a civilização, talvez tivesse freado nesse mesmo instante os progressos, tendo mais cuidado, ocupando mais tempo e mais atenção na construção das bases e do caminho para a socialização.

Assim, pelas necessidades e circunstâncias em que se encontraram os homens ainda na *idade de ouro*, quando se intensificaram os progressos, as *luzes* e a indústria advindos da socialização, plantaram-se na alma humana também os males e os vícios, que se tornaram hábitos e, com o tempo, determinaram o progresso da civilização nos rumos da *sociedade do espetáculo* e da corrupção da humanidade. “O homem nasce livre e por toda a parte encontra-se a ferros”, afirma Rousseau (1983, p.22), logo ao início do *Contrato Social*, referindo-se ao que seria a corrupção da natureza humana em sociedade: a alienação do homem de sua condição original própria de liberdade, para uma condição de servidão ao sistema social, que tem sua gênese no pacto do engodo, institucionalizado desde a origem da propriedade. Esse mesmo momento simbólico em que se cultiva o terreno para o desenvolvimento dos mecanismos perversos, dos vícios e das máscaras germinais da sociedade do espetáculo.

Liberdade, *perfectibilidade*, *amor de si* e *pitié* são princípios que nos fazem humanos e dos quais nos esquecemos progressivamente no estado de sociedade. Do mesmo modo começamos a nos esquecer de quem somos, tão logo nascemos na civilização, sendo formados, adestrados, e nos moldando em representações alheias a nós mesmos, como única forma de sobrevivência, a fim de estarmos aptos a sustentar as nossas máscaras, na *sociedade do espetáculo*.

Rousseau propõe, em *Emílio,* pensar uma educação que leve de volta ao caminho de desenvolvimento do que é natural no homem, rumo à expressão excelente de seu potencial. Talvez inspirado pela condição de *inteiro absoluto* do homem selvagem, que possuia "a vantagem de sempre ter todas as forças à sua disposição, de sempre estar pronto para qualquer eventualidade e de transportar-se, por assim dizer, sempre todo inteiro consigo mesmo". (ROUSSEAU, 1983, p.239), desenvolve uma visão de formação que busca a expressão excelente do homem em sociedade, segundo as *Regras da Natureza*. Pensa o reencontro possível com a condição natural de liberdade, o cultivo o amor de si e a *pitié*, entre outras inclinações naturais, pela mesma condição de perfectibilidade que lhe permitiu distanciar da natureza e de sua própria natureza. Pela condição de perfectibilidade, essa capacidade do ser humano de autocriar-se, é possível pensar nos projetos *Do Contrato Social*, em relação às regras de convívio em sociedade, e em *Emílio ou Da Educação*, no que concerne à formação do homem.

A faculdade perfectível torna possível reavivar as dimensões da condição humana, esquecidas ou corrompidas no *estado de sociedade*, e cultivar a essência da natureza e da condição original do homem, aprendendo com as *regras da natureza*. Recuperar a liberdade, reviver a condição de *perfectibilidade* de forma consciente, sem causar mal algum a outrem, como queria Rousseau, fazendo jus à condição humana.

Diante da corrupção do homem e da perversão da sociedade, que se ocorreu no que se pode chamar de fracasso no movimento de socialização, na passagem da natureza à cultura, a proposta de Rousseau, em Emílio, lança um desafio à humanidade. Trata-se de um possível retorno à essência, ao exercício, originalmente natural, da condição humana de liberdade e perfectibilidade; de

reencontrar a humanidade ou o que é natural e original no homem; de reencontrar e cultivar as paixões ou virtudes primitivas de preservação e compaixão em sua convivência social.

> Como a estátua de Glauco, que o tempo, o mar e as intempéries tinham desfigurado de tal modo que se assemelhava mais a um animal feroz do que a um deus*, a alma humana, alterada no seio da sociedade por milhares de causas renovadas, pela aquisição de uma multidão de conhecimentos e de erros, pelas mudanças que se dão na constituição dos corpos e pelo choque contínuo das paixões, por assim dizer mudou de aparência a ponto de tornar-se quase irreconhecível* e, em lugar de um ser agindo sempre por princípios certos e invariáveis, em lugar dessa simplicidade celeste e majestosa com a qual seu autor a tinha marcado, não se encontra senão o contraste disforme entre a paixão que crê raciocinar e o entendimento delirante. (ROUSSEAU, 1983, p.227, Grifo nosso).

Para pensar o *inteiro absoluto*, a liberdade e a felicidade como possibilidades do homem, apesar da sociedade que o corrompe, é fundamental refletir sobre o que é a natureza humana. No estado de coisas em que se encontra a humanidade, o homem se afastou de sua natureza e de sua essência, abafadas pelo homem civil que cada um assume em sociedade; encontra-se, da mesma forma que estaria o homem selvagem em sociedade: “ofuscado pelas luzes, atormentado por paixões e raciocinando sobre um estado diferente do seu.” (ROUSSEAU, 1983, p. 251).

Esse estado de civilização em que se vive, em que o homem se esqueceu do que é natural no homem, em que a humanidade perdeu-se de sua humanidade, e a sociedade, corruptora do homem e de nossa humanidade, continua destruindo o planeta a serviço sabe-se lá de que forças, que já provaram não fazer a felicidade dos homens e a de nenhum homem. Um caminho torto e funesto que a liberdade e a perfectibilidade humanas tornaram possível, e só a condição de liberdade e de perfectibilidade do homem podem transformar.

Em *Emílio*, o caminho é de reencontro e retomada do que é natural no homem, do que ele tem de essencial na sua condição humana original. Não se está falando de um retorno ao *homem natural*, paradigma criado como critério de compreensão, uma referência conceitual que não existe e nunca existiu no tempo histórico. Mas um paradigma que possibilitou a Rousseau a reflexão sobre o que é natural no homem, abrindo caminho para pensar a condição e as faculdades originais do ser humano e que se desenvolveram ao longo do tempo. Refletir

sobre o que é natural e inato na condição humana, os princípios e virtudes como a liberdade, a *perfectibilidade*, o *amor de si* e a *compaixão natural*, e como se deu o desenvolvimento desse potencial em sociedade.

Se as condições fundamentais iluminadas pelo autor e os princípios inatos à condição de homem, estão corrompidos no *estado de sociedade*, e, se são estes princípios a essência da natureza humana, como reativar o que é originalmente inato ao homem, buscando, nas *regras da natureza* o caminho de retorno à essência humana?

Em *Emílio ou Da Educação*, Rousseau desenvolve princípios de formação em um projeto de educação para seu aluno imaginário, o Emílio, como um caminho para desenvolver o que é natural no ser humano e o potencial excelente do homem. Uma proposta de cultivo e emancipação da *educação da natureza* radicalmente contrária à educação vigente em sociedade.

Ao perguntar acerca de uma possível transformação da condição humana em sociedade, Rousseau se norteia pelos princípios e *regras da natureza*, buscando compreendê-las como princípios naturais existentes na maneira em que a natureza rege e indica o caminho da sobrevivência e da preservação. Imagina tais princípios originalmente regendo a forma de o homem atuar em seu meio. Desde essa perspectiva, tendo, por referência, o *homem natural* no *estado de natureza*, o autor demonstra os males da formação do homem civil no estado de sociedade, em relação às instituições, em especial em relação à educação nas escolas, nas famílias e na perpetuação dos hábitos e costumes em sociedade.

Abrindo caminho para que a perfectibilidade nos leve para outros rumos da civilização, diferentes do estado social em que vivemos, Rousseau pensa o desenvolvimento da percepção, da consciência, da perfectibilidade, da razão e da espiritualidade, por exemplo, de acordo com o potencial excelente da condição humana. Por meio da educação de Emílio, ele mostra que o caminho da formação, de acordo com o que é natural no homem, segundo os ensinamentos da natureza, pode ser o caminho para a liberdade, a integridade e a felicidade do ser humano em sociedade. Algo como um *inteiro absoluto* possível do homem em sociedade; um homem capaz de estar todo em si mesmo, inteiramente presente no momento, em si e em tudo que o cerca, movido por sua autenticidade e pela

verdadeira sabedoria; vivendo a integridade e a excelência de seu potencial nas circunstâncias e nas relações sociais.

Rousseau viu-se não apenas em uma busca pela humanidade e pela condição do homem em si, mas percebeu que só seria possível saber algo, realmente, nesse sentido, caso se pusesse no caminho de conhecer-se a si mesmo. Conhecer a si mesmo na condição de homem social e de homem – criação do "autor das coisas", autêntico e único – esse que levava o nome Jean-Jacques Rousseau.

Mostra, desde os seus primeiros escritos, o fato que se confirma ainda mais profundamente nos últimos: acreditar que conhecendo a si mesmo a fundo, guiado pelo próprio sentido interior, poderia, então, conhecer o homem. Porém, como afirma também no prefácio do segundo discurso, assim como a estátua de Glauco, que se apresenta desfigurada pelo tempo e pelas intempéries, encontra-se também "a alma humana, alterada no seio da sociedade" (1983, p. 227), tornando tal empreita, já de início, bastante complexa, posto que

> [...] não constitui empreendimento trivial separar o que há de original e de artificial na natureza atual do homem, e conhecer com exatidão um estado que não mais existe, que talvez nunca tenha existido, que provavelmente nunca existirá, e sobre o qual se tem, contudo, a necessidade de alcançar noções exatas para bem julgar dentro de nosso estado presente. (ROUSSEAU, 1983, p. 228).

Conhecer-se a si mesmo ou ao homem em si requer, dessa maneira, um esforço cujo caminho não está dado, e que significa desvelar, sob as deformações cunhadas na sociedade e, em cada um de nós, a natureza original do homem.

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO NATURAL E A SOCIEDADE – UTOPIA POSSÍVEL?

> Sempre seguindo meu método, não tiro essas regras dos princípios de uma alta filosofia, mas as encontro no fundo do meu coração escritas pela natureza em caracteres indeléveis. Basta consultar-me acerca do que quero fazer; tudo o que sinto ser bem é bem, tudo o que sinto ser mal é mal: o melhor de todos os casuístas é a consciência. E é somente quando negociamos com ela que recorremos às sutilezas do raciocínio. [...] Vezes demais a razão nos engana, temos mais que o direito de recusá-la; mas a consciência não engana nunca; ela é o verdadeiro guia do homem: está para a alma como o instinto para o corpo; quem a segue obedece à natureza e não receia perder-se.
>
> Rousseau

> Tentei não fazer nada na vida que envergonhasse a criança que fui.
>
> Saramago

Em *Emílio ou Da Educação,* obra que questiona o sentido da formação do homem em sociedade e propõe revolucioná-lo, buscou-se compreender a essência e os princípios fundamentais da proposta pedagógica de Rousseau e como ela pode contribuir para pensar a educação na atualidade. É preciso para isso perguntar o que tem de universal e atemporal no olhar de Rousseau e refletir sobre o desenvolvimento das aptidões e do potencial do ser humano, no *estado de natureza* e no *estado de sociedade*, na busca de compreender as categorias desenvolvidas pelo filósofo, visando a formação do homem natural em sociedade.

A compreensão da condição do homem em sociedade e a reflexão sobre a educação, em *Emílio*, continuaram atuais ao longo dos três séculos que se seguiram e parecem supreendentemente pertinentes neste momento da condição civilizatória, no qual nos encontramos, de total afastamento da natureza e da natureza original da condição humana. Diante do caminho que levou a sociedade ao estado de coisas em que se acha a civilização, Rousseau se pergunta se há uma saída possível, um caminho no estado de sociedade, para que, pela educação, se possa reencontrar o “elo perdido” com a própria natureza e com o que é natural no homem.

Na nossa leitura de *Emílio* nos ativemos especificamente aos princípios e linhas mestras, como preceitos originais da natureza, para a evolução humana. Pensamos em que e como as *regras da natureza* e o *mestre natureza* podem

permitir-nos resgatar aspectos originais ao homem, esquecidos em sociedade – aspectos próprios à essência do homem, à natureza em si da condição humana original. Rousseau oferece inúmeros exemplos, com riqueza de detalhes, ao longo do livro, na medida em que se sucedem e se relacionam. Por ser inevitável escolher alguns em detrimento de outros e, da mesma maneira, em relação às tantas máximas, regras e princípios encontrados ao longo das reflexões e análises, procurou-se evidenciar o que ficara obscuro numa primeira leitura: os fundamentos e a arquitetura de seu projeto.

É necessário compreender a essência da natureza humana e da condição do homem em sociedade. Tem-se, comumente, trabalhado com a educação como se fosse natural e inevitável o desenvolvimento do homem, da forma como se deu no estado de sociedade, sem questionamentos preliminares sobre o homem e sobre os sentidos da formação. Do paradoxo institucionalizado na sociedade em que se vive uma dicotomia histórica, e na busca de uma humanidade essencial, seguindo os passos de Rousseau, ecoam diversas questões: Qual o verdadeiro sentido da educação? É possível pensar num caminho diferente para o homem em sociedade? Seria mesmo natural o potencial "inteiro absoluto" do ser humano? Estaria na natureza a resposta, ao menos hipotética, para reencontrarmos os caminhos da completude, da excelência e da felicidade humanas em sociedade?

Rousseau encontra – e trata de demonstrar – a origem da corrupção do homem em sociedade: as raízes da alienação dos homens de sua condição natural, no momento de aprofundamento dos liames sociais, quando, iludidos por uma suposta segurança na dependência entre os homens, estes aceitam o pacto do engodo e se entregam às facilidades e aos vícios que o progresso das *luzes* e das *indústrias* permitiu. Esse momento hipotético revela o caminho histórico do progresso das faculdades e do potencial de perfectibilidade, da maneira como supostamente aconteceu, levando ao estado de corrupção da natureza humana e de perversão da sociedade.

Ao ocorrer a passagem da natureza à cultura, do isolamento à associação, do estado de natureza ao estado de sociedade, processa-se, no indivíduo algo como um movimento de afastamento de si, um caminho que passa pela alienação da condição anterior de homem natural integrado à natureza, e

anterior à observação distanciada da natureza e dos semelhantes. Ao se associar e cultivar o convívio, o aperfeiçoamento das relações, o homem passa da condição natural de humanidade, anterior a qualquer moralidade, para a condição de seres que se observam, se percebem, se espelham, se comparam e se percebem sendo observados. Aperfeiçoando a capacidade natural de se por no lugar do outro, a aptidão natural da compaixão, a *pitié*, eles desenvolvem uma forma de desdobramento dessa paixão natural em relação ao seu semelhante e dessa capacidade de ver, em si, o outro, e inauguram uma relação de distanciamento entre observador e observado, percebendo-se espectadores tanto quanto objetos de expectativas.

Nesse movimento de percepção e de distanciamento da natureza, do outro e de si, de observação dos atributos e das qualidades que se revelam no convívio social, acontece naturalmente o surgimento de juízos de valor; quando se começa a perceber e a estabelecer preferências e diferenças de qualidade entre o que se observa nos outros, começa-se a construir naturalmente, em si, a necessidade de se apresentar bem no cenário coletivo, de fazer boa figura como objeto que é observado. O homem se vê como um integrante dessa sociedade, entre tantos outros com tantas qualidades; e nesse conjunto deseja ser uma referência positiva, quer expressar da melhor forma seu modo de ser no grupo, exercer da melhor forma seu papel nessa sociedade, posto que também percebe as vantagens dessa condição. Naturalmente todos os componentes desejam ser vistos como veem os que consideram a melhor expressão do humano: homens e mulheres que, por uma ou outra forma de ser e de agir, obtêm maior atenção e maiores vantagens no palco social.

Assim, apresentar-se no grupo naturalmente vai adquirindo refinamentos de representação, ganhando o *status* da condição de apresentar-se, representando ser o melhor possível. A apresentação de si passa a ser, preferencialmente uma representação do melhor de si. A representação do que se crê ser o melhor, portanto, passa a ser o tom do espetáculo no cotidiano a que se entregam os homens em sociedade. Aí está a origem do cultivo das máscaras e dos personagens sociais na *sociedade do espetáculo*.

A perfectibilidade ou “a faculdade de aperfeiçoar-se”, qualidade que faz dos homens “agentes livres”, é o principal atributo que distingue o homem dos

outros animais e que possibilita, por meio da “consciência dessa liberdade”, o aprimoramento de todos os outros atributos do ser humano, para além do que é dado pela natureza. Esse atributo, que permite desenvolver quase ilimitadamente o potencial humano, pode, pelas circunstâncias que se sucederam, transformar-se no algoz da humanidade:

> Seria triste, para nós, vermo-nos forçados a convir que seja essa faculdade, distintiva e quase ilimitada, a fonte de todos os males do homem: que seja ela que, com o tempo, o tira dessa condição original na qual passaria dias tranquilos e inocentes; que seja ela que, fazendo com que através dos séculos desabrochem suas luzes e erros, seus vícios e virtudes, o torna com o tempo o tirano de si mesmo e da natureza. (ROUSSEAU, 1983, p. 243).

Nessa oposição entre a sociedade e a natureza, nessa dissociação entre o ser e o parecer, nessa transformação paradoxal em que o homem se aliena de sua condição de agente livre, pondo a perfectibilidade a serviço dos nascentes liames e vícios sociais, o homem entra em contradição consigo mesmo. Na medida em que descobre e desenvolve a relação com o outro, como espectador e ator de um espetáculo social, e que passa a tiranizar com o próprio olhar e a escravizar-se pelo olhar do outro, é que “se estabelecem as condições da generalizada alienação que vai caracterizar o homem social a partir de agora e nas etapas ulteriores do seu desenvolvimento.” (SALINAS FORTES, 1983, p. 43 a 53).

Alienando-se de sua condição natural de agente livre e deixando a perfectibilidade a serviço das demandas sociais, o homem passa a viver em contradição com o que seria a própria essência humana, aliena-se e se esquece do potencial que, neles, seria natural. O que ele passa a representar, a aparência com que se constroem e se alimentam as máscaras sociais, passa a confundir-se com o ser e o próprio homem; homem que já não se percebe em sua própria natureza, mas que incorpora e se apresenta como o que deve parecer no exercício de seu papel social. O homem que nasce como criação humana, pela condição de perfectibilidade, desenvolveu-se por força das circunstâncias, nessa dicotomia entre natureza e sociedade, entre ser e parecer, característicos da civilização.

Nessa realidade, os indivíduos mesmos que compõe tais associações, já não são expressão de sua natureza, de sua essência; transfiguram-se, assumindo papéis egoístas e “desumanos”, que não condizem com o seu ser original. “Para proveito próprio, foi preciso mostrar-se diferente do que na realidade se era. Ser e parecer tornaram-se duas coisas totalmente diferentes.” (ROUSSEAU, 1983, p. 267). Na sociedade de máscaras, afastam-se de si mesmos na mesma proporção em que se afastam de seus semelhantes.

Dessa maneira, esse homem se abstém da sua essência, das suas virtudes e de sua felicidade possível, de uma só vez, historicamente. ”Essa fenda, que impede a ‘atitude exterior’ de corresponder as ‘disposições do coração’, faz o mal penetrar no mundo. Os benefícios das luzes se encontram compensados, e quase anulados, pelos inumeráveis vícios que decorrem da mentira da aparência.” (STAROBINSKI, 1991, p.15).

As relações, dessa forma, só podem ser construídas sobre patamares ilusórios, têm uma natureza de base falsa ou o que podemos chamar de uma natureza esquizofrênica das relações. Se as personalidades se desenvolvem de forma esquizofrênica, as relações seguem o mesmo curso. Se não sabemos quem somos realmente, como podemos nos relacionar inteiros? Se nem conhecemos o que é nossa integridade, como podemos ser íntegros nas nossas relações? Assim, a felicidade possível ficou, em todos os sentidos, no universo próprio da nossa natureza humana original, da nossa essência esquecida e escondida de nós mesmos.

Assim Rousseau atribui a degeneração do homem à vida em sociedade, não porque a associação entre os homens necessariamente levaria a essa corrupção da condição humana, senão porque, pela perfectibilidade humana, em algum momento da história da humanidade, seguiu-se o caminho equivocado, que afastou demasiadamente o homem da natureza, da natureza em torno e da própria natureza.

> Fixado esse grau zero na evolução da espécie [...] De uma condição de integração com a natureza circundante e de independência de seus semelhantes, o homem evoluirá para uma situação de independência da natureza e de dependência em relação a outro homem. Ao longo desse processo veremos, sob os pontos de vista físico, metafísico e moral, o retrato já traçado sofrer uma desfiguração gradativa até se ajustar às aparências do civilizado. (FORTES, 1989, p. 58).

Em *Paradoxo do Espetáculo*, Salinas Fortes deixa claro que a metáfora da representação usada por Rousseau sobre o distanciamento do ser e do parecer no homem civil tem múltiplos aspectos semelhantes às artes do espetáculo e fundamentos precisos que se revelam nos mecanismos sociais; são fundamentos e aspectos por vezes contraditórios e sempre dialéticos, mas de uma riqueza e acuidade, segundo Salinas, inquestionáveis:

> Não há de fato espetáculo sem a presença simultânea, no seu evoluir, do dizer e do fazer, do representar e do agir, do dissimular e do revelar. Nada tem de inocente, em consequência, o emprego em todos esses textos do termo representação ou da metáfora cênica. Sua utilização acha-se comprometida com implicações das mais profundas e é no movimento desse jogo paradoxal que o discurso vai buscar o seu rigor. (SALINAS FORTES, 1997, p. 32).

Rousseau, na *Carta a Beaumont* citada por Fortes, ao desenvolver a questão do paradoxo que distancia o ser do parecer, no homem civil, conclui que nesta contradição reside a fonte de "todos os vícios dos homens e de todos os males da sociedade" (ROUSSEAU, Op.Cit. SALINAS FORTES, 1997, p. 37), sendo essa a origem mesma e o terreno para o progresso do mal em sociedade, o que Fortes chama de "etiologia do mal".

> O mal por excelência é a duplicidade do homem existente, a contradição entre sua realidade e seu modo de aparecer, o seu fenômeno. A "origem" desse mal essencial pode ser designada: é a passagem para a vida em sociedade. [...] É dessa desigualdade, por conseguinte, que não é apenas desigualdade entre os homens, mas oposição entre a aparência e a realidade, que os vícios também se alimentam, é em virtude dela que a "polidez" e a "arte de agradar" do primeiro Discurso transformam-se numa espécie de segunda natureza, que não se ousa mais "parecer aquilo que é", que já não é mais possível conhecer o íntimo dos outros, que cada face é necessariamente mentirosa e que a vida em sociedade é o reino da hipocrisia. [...] A passagem para a sociedade se caracteriza então fundamentalmente pela produção simultânea de dois processos paralelos: ao mesmo tempo em que se gera a desigualdade e a consequente "perversão" do coração humano com o seu "cortejo de vícios", cria-se igualmente a possibilidade do seu disfarce. (FORTES, 1997, p. 38 a 40).

Então, o *homem do homem*, esse ser que parece o que não é e que já se alienou do que é natural no homem, é o homem das aparências, é o homem civil mascarado na sociedade do espetáculo, é o homem em contradição com a própria essência e natureza humana. O homem civilizado, em quem os vícios

sociais deformam a alma humana e as máscaras sociais modelam o corpo humano; em que o homem se corrompeu de sua própria humanidade, esquecendo-se do que é sua natureza, seu corpo e sua alma humana. A *segunda natureza,* criada pelo homem ao longo do processo de socialização, pelas circunstâncias e sua capacidade perfectível, deu-se dessa maneira, mas poderia ter sido de outra. A perfectibilidade torna possível ao homem autocriar-se; sua condição nata de devir, de vir a ser, condição de sua liberdade natural, não determina, porém, a forma dessa *segunda natureza*.

Esse homem civilizado, que vive em contradição com a própria natureza, alienado da própria essência, cuja existência cindida revela e manifesta a perversão e a corrupção da humanidade original, é o homem criação do próprio homem. O homem em contradição consigo mesmo. Nessa existência dicotômica e paradoxal, um homem de corpo e alma desfigurados. Um homem em que a alma não pode ser o que é, e, consequentemente, permanece como alma distante, esquecida e alienada da existência em sociedade. Um homem em que o corpo nada mais é do que mero objeto, para exercício da representação social, apenas um instrumento de representação “do que se deve ser” em sociedade, servindo como corpo para construção e manifestação das máscaras e papéis que devem ser assumidos; um corpo objeto do sistema, garantindo o funcionamento dos mecanismos, regras e instituições sociais, que devem ser repetidos e perpetuados.

Esse homem corrompido, alienado da própria natureza, esquecido de seu corpo e alma é a expressão do homem do homem, a expressão da perversão da humanidade, alimentada pelo próprio homem, no círculo vicioso das sociedades.

Desse corpo fantoche e dessa alma esquecida é que se alimenta o silêncio da humanidade. Uma humanidade vivendo em repetição frenética os mecanismos que a afastam mais e mais da natureza humana, em uma velocidade imensurável, aprofundando a corrupção do que é natural no homem. Com Rousseau, observa-se que, quando a humanidade se afasta da própria natureza, desfigura-se e perverte-se o corpo e a alma do homem. Nesse processo de afastamento da natureza, a humanidade tem tornado a existência humana no planeta uma existência inviável; corrompendo a própria natureza, o homem se

distanciou da natureza do planeta, instituindo um padrão de destruição desta como forma de sobrevivência da espécie. Espécie, porém, que não pode viver fora da natureza e que tem, apesar disso, de forma alienada e esquizofrênica, alimentado a própria destruição. Um reflexo do paradoxo fundamental da civilização e da dicotomia histórica que vive o *homem do homem*, afastado de sua natureza. Na passagem da natureza à cultura,

> Encantado ou iludido por uma possível "facilidade", o homem social se rende ao pacto do engodo e autoriza o discurso do demagogo, assumindo sua condição de "escravo" destes novos grilhões sociais. Abdica da sua condição anterior de liberdade no estado de natureza, aferrolhando-se a estrutura nascente, que transforma todos os homens em servos da civilização.
> Com a dita civilização nasce, portanto, a servidão voluntária, ou melhor, com a servidão voluntária e a abdicação à condição livre do homem, nasce a civilização e a sociedade dos grilhões, da subserviência. Vale repetir que neste processo, o orgulho e a necessidade de poder e de ter clamam a institucionalização das máscaras: ser torna-se distinto de parecer, nessa sociedade nascente do espetáculo.
> Nessa deformação da vida – leia-se nesta corrupção da natureza humana – constroem-se as estruturas da sociedade e as leis que a regem. (MACIEL, Ceila Portilho, 2013, ANPED, p. 2).

Nesse contexto, a educação dos homens no estado de sociedade perpetua a transformação do homem natural em homem social nas circunstâncias vistas, contribuindo para a alienação da própria essência e condição original e para a corrupção e degeneração do potencial e das faculdades naturais no homem, tornando-o servil, moldando-o para bem funcionar e servir às instituições sociais.

A criança, desde o seu nascimento, tem o corpo adestrado, a mente condicionada, e se desenvolve exposta a toda sorte de deformações, inculcadas pelos próprios hábitos, vícios e grilhões sociais. As *escolas da sociedade*, ensinando as crianças a raciocinar antes do momento em que estão aptas a isso, e depositando uma infinidade de informações que nada significam para elas, de modo alheio às suas necessidades e interesses, faz com que raciocinem pela mente dos outros, atrofiando a capacidade de raciocinar por si próprios. Tornam-se depósitos de informações, que não lhes servem em nada ao longo do tempo de escola e que, provavelmente, não lhe servirão ao longo da vida. Habituam-se a viver sempre em função de um futuro incerto e improvável, a estar sempre projetadas para fora de si e para um tempo ausente. Viver para um futuro

socialmente imposto significa não viver no presente, mas viver ausente. Ausente de si, de sua própria natureza, ausente de sua essência nas próprias máscaras e nas relações sociais, ausente na própria vida.

> De que serve escrever em suas cabeças um catálogo de signos que nada representam para elas? Ao aprender as coisas, não aprenderão os signos? Por que dar-lhes o trabalho inútil de aprendê-las duas vezes? E, no entanto, que perigosos preconceitos não começamos a lhes inspirar ao lhes fazermos tomar como ciência palvras que não têm nenhum sentido para elas! É a partir da primeira palavra com que a criança se contente, é a partir da primeira coisa que aprende confiando na palavra de outrem, sem ter ela p´ropria percebido a sua utilidade, que seu juízo está perdido: terá muito tempo para brilhar diante dos tolos antes de reparar tal perda. (ROUSSEAU, 2009, p. 126, 127).

No caminho que seguiu a socialização e em que se encontra a sociedade, as aptidões do indivíduo se degeneram, pelo adestramento do corpo e da mente, numa lógica prejudicial à vida, com os males e vícios decorrentes, o que inclui, especialmente, a banalização e a instrumentalização do potencial de perfectibilidade. A alma do homem se aliena da própria essência, desfigura-se pelo hábito de viver para fora de si, para o olhar do outro e por ter que viver aparentando ser o que não é. O homem se aliena também de sua natureza original, enquanto indivíduo único e autêntico, pelo uso sistemático das máscaras, na prática cotidiana do espetáculo social. Espetáculo que se impõe no teor das relações, cultivadas em todas as instâncias da civilização; perpetua-se na lógica das relações, das instituições em geral e das instituições de ensino, em especial.

Ao seguir essa lógica da sociedade, a educação repete o afastamento da natureza, perpetuando, por exemplo, a supremacia do intelecto e da razão, de forma isolada das outras faculdades humanas, e institucionalizando o adestramento do corpo e a opressão da corporeidade, em detrimento das faculdades sensíveis e da integralidade do sistema corpo-espírito. Incute nos aprendizes uma moralidade exterior, artificial e descolada do sentido da existência, perde-se o fluxo das virtudes naturais. Prioriza os livros e as ciências e esquece os ensinamentos da natureza, assim como os conhecimentos culturais tradicionais. Em suma, a educação repete e aprofunda os males da sociedade na formação do homem civil em todas as instâncias.

Vê-se, hoje, mais frequente e intensamente que nos tempos de Rousseau, como são sufocadas as crianças, com inúmeras facilidades e comodidades, cultivando necessidades e vontades artificiais, criadas pelo mercado, desde os primeiros dias de vida. Naquela época, a começar pelos cueiros com que se amarravam as crianças como em pacotes e, hoje em dia, com sapatos mesmo antes de serem capazes de por os pés no chão, com roupas cheias de enfeites que incomodam e alteram seus movimentos naturais; assim também com brinquedos que, desde aquela época, as superestimulam, por um lado, e limitam o desenvolvimento natural de sua sensibilidade e de sua inteligência, por outro. "Quantos apetrechos inúteis e perniciosos!" (ROUSSEAU, 2009, p.60). Desde o início, a criança é alimentada de vícios, submetida a amarras, modelos e exigências, que a afastam de sua natureza, incutindo-lhes uma segunda natureza socialmente forjada; ensinando a andar antes da hora, criamos adultos que andam mal, a falar antes da hora, criamos adultos que falam e se expressam mal, a raciocinar antes da hora, criamos adultos que mal raciocinam, e assim por diante. "O homem civil nasce, vive e morre na escravidão" (ROUSSEAU, 2009, p. 16). Desde sempre está sujeito a conformar-se às fantasias, amarras, vícios e grilhões sociais.

Pode-se chamar de positiva essa educação em sociedade, não no sentido de valor, mas no sentido de inferência e imposição de um sistema socialmente construído, independentemente da realidade de cada local ou indivíduo e do potencial do ser humano em questão. Rousseau demonstra o quanto essa educação positiva, assim como as práticas sociais e as instituições em geral, corrompem a natureza humana e pervertem a natureza das relações em sociedade. Uma educação que tem se mostrado, sob vários aspectos, essencialmente contrária à vida.

> Não posso encarar como instituição pública esses ridículos estabelecimentos chamados colégios. Tampouco considero a educação da sociedade, pois, tendendo essa educação a dois fins contrários, não atinge nenhum dos dois; só serve para criar homens de duas faces, [...] Dessas contradições nasce aquela que sem cessar sentimos em nós mesmos. Arrastados pela natureza e pelos homens a caminhos contrários, forçados a nos dividir entre esses diversos impulsos, seguimos uma composição que não nos leva nem a um, nem a outro objetivo. Assim, combatidos e errantes durante toda a nossa vida, terminamo-la sem ter podido entrar em acordo com nós mesmos, e sem termos sido bons nem para nós, nem para os outros. (ROUSSEAU, 2009, p. 13, 14).

A educação positiva condiciona o indivíduo à submissão, à perda da autonomia e da liberdade, fazendo do ser humano um ser ausente de si mesmo e do momento presente, tornando-o inapto em suas habilidades naturais, e, como uma eterna criança, dependente dos laços e estruturas sociais. A evolução das faculdades naturais do homem ou o que seria a formação natural do homem em estado de natureza, no estado de sociedade se desvia do seu curso. As faculdades próprias à condição humana se deterioram, inevitavelmente, pelo afastamento do homem de sua condição natural de liberdade e das qualidades fundantes de sua condição original. Afastando-se da natureza, de si mesmo, de sua sensibilidade, do próprio corpo e da própria alma, aliena-se da própria natureza, para cumprir os preceitos ditados em sociedade. A alienação gera todo um desequilíbrio e as consequentes doenças sociais que são tão bem conhecidas. Fica, porém a pergunta: é possível pensar outro caminho para o aperfeiçoamento das faculdades humanas e das relações entre os homens em sociedade? Pensar se e como seria possível recuperar nossa humanidade original, reencontrar e revigorar o potencial natural de homens livres e perfectíveis, em sua expressão plena, absoluta, em nós e em comunidade? Um caminho alternativo para a existência humana em sociedade que permitisse ao homem preservar sua condição original de liberdade, integridade e perfectibilidade, desenvolvendo a sociedade e a cultura em sintonia com a própria natureza, sem perder suas aptidões e virtudes naturais?

Rousseau desenvolve em *Emílio* a proposta de um caminho de formação no sentido de um retorno à natureza humana: uma educação que valorize e reacenda o que é natural no ser humano, que cultive suas aptidões naturais originais, pela educação, tendo as *regras da natureza* como mestre. É desafiador pensar um caminho de retorno ao que há de original na condição humana e ao cultivo da excelência, do potencial *inteiro absoluto* na formação do homem, utilizando a mesma capacidade perfectível que nos levou para fora de nós mesmos.

O desafio de autocriar-se ou o cultivar de uma nova segunda natureza, tendo como parâmetros o desenvolvimento do que há de melhor no potencial humano, do que seria o potencial excelente do homem, a condição íntegra, virtuosa e possível para a natureza humana em sociedade. Criar o

homem do homem em sintonia com o que é natural nele e com os preceitos que a natureza ensina, eis o desafio de que se ocupa, e nos transmite, Rousseau. Tendo as regras e princípios da natureza como referência e como mestre na formação dos jovens aprendizes, poder-se-ia, então, preparar o *novo homem*. Um homem com as qualidades e virtudes do *homem natural*, mas preparado para viver em sociedade, de forma que sua liberdade e perfectibilidade se desenvolvam dentro das leis da natureza, para seu próprio bem e para o bem da espécie.

Com tal desafio Rousseau inicia *Emílio,* pensando em escrever uma "coletânea de reflexões e observações sem ordem e quase sem sequência", porém, cativado pelo assunto, "esta memória aos poucos se tornou uma espécie de obra grande demais, sem dúvida, para o que contém, mas pequena demais para a matéria que trata." De início, deixa clara a intenção de desenvolver um projeto de educação, cuja "parte sistemática" é a "marcha da natureza". Sua proposta por vezes assume o tom, o compromisso e o detalhamento próprios de um "tratado de educação", com fundamentos, princípios e regras claros, além dos inúmeros exemplos hipotéticos de referência para a prática educacional. Desenvolve seu projeto com o compromisso de "que a educação proposta seja conveniente ao homem e bem adaptada ao coração humano" (ROUSSEAU, 2009, p. 3 a 5), e convencido de que

> A maior ou menor facilidade de execução depende de mil circunstâncias, impossíveis de serem determinadas a não ser numa aplicação particular do método a este ou àquele país, a esta ou àquela condição [...]. Para mim, basta que em toda parte onde nascerem homens se possa fazer deles o que proponho; e que, tendo feito deles o que proponho, se tenha feito o que há de melhor, tanto para eles próprios quanto para os outros. (ROUSSEAU, 2009, p. 6).

Seu método é tecido em meio às reflexões e considerações sobre a formação do homem em sociedade, apresentando suas "reflexões" e os princípios da educação natural, com exemplos práticos de situações hipotéticas para seu aluno imaginário. Introduz, progressivamente, os fundamentos, as máximas, regras e leis que compõem o sistema, cunhando princípios, dos mais gerais aos mais específicos, entre os diversos temas e contextos ilustrados, desde o nascimento e ao longo d e toda a infância.

Com o objetivo de contribuir para a retomada e valorização do projeto de formação, trabalhado por ele em *Emílio,* no campo da educação buscamos a essência e a arquitetura desse projeto educacional. A empreita a que nos dispomos de tentar expor a proposta de Rousseau para a educação de Emílio, buscando compreender melhor o sistema que ele constrói, vai ao encontro da ausência de linearidade, da imprevisibilidade e multiplicidade de formas com que o autor apresenta os aspectos fundamentais que se complementam, e por vezes aparentemente se contradizem. A contradição e o paradoxo fazem parte do processo de reflexão, como bem frisa o autor, assim como da existência em sociedade; e não poderia ser diferente em seu método, que se propõe a lidar com essa contradição na formação de um *novo homem*. Dessa forma, não podemos pretender apresentar uma sistematização fechada do seu projeto pedagógico, forjando-a em um modelo de projeto; buscamos, ao contrário, enumerar e relacionar as palavras-chave, os conceitos com que ele desenvolveu seu método, na intenção de possibilitar uma melhor visão dos fundamentos e diretrizes que o compõem.

Em busca do sentido da educação e da formação em sociedade, Rousseau reúne suas observações e faz comparações ao longo de todo o *Emílio*, que demonstrem a diferença entre os caminhos da educação em sociedade e os caminhos por ele propostos, segundo o *método da natureza*. Analisa a realidade da educação em sociedade, questionando-se em relação ao sentido da formação do homem, para construir sua proposta. Os homens necessitam da educação para desenvolver sua condição natural, já que o ser humano se constitui, diferentemente dos outros animais, em um processo longo no qual, por tempo suficiente, ainda depende de outros. Esse surgimento tardio da autonomia no ser humano, mesmo no estado de natureza, faz com que boa parte de seu processo de aprendizagem e formação se dê sob a tutela de outros seres humanos. Nesse fato peculiar reside a origem e o cultivo do espaço/tempo em que a educação dos homens determina a formação do ser humano, estabelecendo os traços culturais que passam a reger os indivíduos; nessa necessidade reside o germe para pensar o sentido da educação.

Seguindo esse percurso, Rousseau apresenta três tipos, a educação da natureza, a das coisas e a dos homens, sendo a dos homens aquela em

que supostamente se pode interferir, o que a torna uma arte, repleta de inefabilidade. A primeira, a educação que vem da natureza, não depende em nada de nós e diz respeito ao desenvolvimento das faculdades naturais e orgânicas. A segunda está no âmbito da relação com o que nos afeta, ou seja, a experiência adquirida com as coisas ao longo da vida, e essa, só depende de nós em alguns aspectos. A terceira é a educação dos homens, em relação à qual supostamente podemos ter influência relativa, posto que vem de todos os lados e cujo "sucesso não depende de ninguém". Assim uma arte de êxito quase impossível. (ROUSSEAU, 2009, p. 9).

Como almejar o sucesso nessa arte tão impalpável? Rousseau propõe uma educação que se aproxime do alvo, que seria o mesmo da natureza: "é para aquela quanto à qual nada podemos que é preciso dirigir as duas outras." Seguir a educação da natureza seria o caminho para que a formação do homem aconteça da melhor maneira para o desenvolvimento do seu potencial natural. Essa é a questão fundamental a que ele se propõe desenvolver nos primeiros livros de *Emílio*. Seguindo a ideia de que no curso da natureza a vida no planeta andaria muito melhor do que o que se tem feito "entre as mãos do homem", o filósofo observa, porém, que "neste estado" de sociedade, um homem abandonado a si próprio, convivendo em meio aos outros, aos vícios e deformidades da civilização e das instituições, "seria o mais desfigurado de todos". Há que pensar, portanto, em uma educação contrária à que conhecemos em sociedade, uma formação que sirva ao homem e à sua natureza, uma educação natural, própria ao homem. Pensar em uma alternativa para o atual estado de coisas requer que se pense na formação de um *novo homem*.

Não é difícil constatar que a educação corrente nas práticas da sociedade é uma educação utilitarista e instrumental, que segue uma ideia de progresso econômico, científico e tecnológico e que incute, de forma impositiva, perspectivas, informações, hábitos, costumes e regras, a fim de consolidar os padrões dominantes e a lógica de mercado na ordem social. Uma formação que impõe um modelo de desenvolvimento, com foco na racionalidade própria do sistema econômico vigente e da *indústria* dos homens. Um movimento de "progresso" ditado pelas regras mercadológicas e

pela lógica do *status quo*. Quanto à prática estabelecida na educação, o autor diz não querer perder tempo com isso, mas se utiliza constantemente de comparações entre o que é em sociedade, pensando o que deve ser na *educação natural*.

Incita-nos a ouvir a voz da natureza e a reencontrar o homem natural. Todavia, no que concerne à sociedade, é necessário formar novos homens; homens não desfigurados de sua essência, não (de)formados pelos vícios e grilhões dominantes em sociedade; homens plenos em seu potencial natural e aptos a seguir a voz da natureza. Se não é possível reformar ou melhorar o que já nasce equivocado desde a sua estrutura fundante, quem sabe seria possível refletir acerca da realidade social, identificar os erros e propor uma saída, uma reconstrução radical (no sentido de raiz – radice) nas bases da sociedade e do homem. Assim se inicia a construção de seu projeto, com fundamentos radicalmente diferentes da educação existente em sociedade; uma proposta pedagógica que está longe de ser um método de ensino rígido e que incorpora as contradições próprias da condição humana em sociedade. Propõe basear-se nas *regras da natureza* e delas compreender as linhas mestras e princípios fundamentais que tornam esse projeto pedagógico possível.

Rousseau identifica, na infância, um caminho potencial de aprendizado, em que a criança naturalmente se desenvolve segundo as regras da natureza, a menos que a sociedade e as práticas culturais a desviem desse caminho. Se na sociedade tudo tende a desviar o homem dele mesmo, de sua natureza, de sua essência e de suas aptidões naturais, é fundamental evitar que isso aconteça para que sua formação seja condizente com sua condição original e com seu potencial natural. Esse, certamente, é um dos motivos fundamentais para que o autor só possa ter concebido a educação ideal de seu aluno imaginário fora do seio da sociedade. Mas diante da impossibilidade de isolar completamente a criança dos males da sociedade, mesmo vivendo no campo e convivendo majoritariamente com seu preceptor, deve-se, todo o tempo e nas diversas circunstâncias, prevenir a criação de hábitos e vícios decorrentes das práticas sociais. “Portanto, a primeira educação deve ser puramente negativa. Consiste não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em

proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro." (ROUSSEAU, 2009, p. 97). [6]

[6] Rousseau tece uma série de críticas demonstrando a forma como as instituições sociais nos acorrentam e como os hábitos que então foram se desenvolvendo, em sociedade, tendem a distanciar mais e mais o homem da natureza e da sua própria natureza. A questão que ele traz em relação ao aleitamento materno, por exemplo, infelizmente ainda hoje é atual, entre muitas mães, que, por questões estéticas ou de praticidade, e muitas vezes por necessidade em função da sua posição social, deixam de amamentar seus filhos muito precocemente, ou nem os amamentam.

Essa realidade se repete muito mais do que se imagina; visto que já há tanto tempo estão comprovados os benefícios e largamente divulgada a importância fundamental do aleitamento materno, o resultado é que hoje já não se faz mais alarde em relação ao desmame precoce, ao contrário, se procura abafar tal situação quando acontece.

Porém, por outro lado, em algumas regiões do planeta, como Brasil, e por extensão na nossa cidade de Goiânia, a questão do parto natural ainda se encontra envolta de tabus, mitos e controversas. Por incrível que pareça, apesar de todas, insistimos, de absolutamente todas as comprovações científicas possíveis de que o parto natural é o melhor para as crianças e para as mães, encontra-se ainda muita resistência, seja por desinformação das próprias mães ou por má fé e interesses particulares dos médicos. Existem, no âmbito que se pode chamar de máfia das cesarianas, os partos que acontecem, quase sempre, com datas marcadas previamente, sem nenhuma necessidade, e que são estimulados por um mercado interessado nos benefícios econômicos que tais cirurgias, na maioria das vezes desnecessárias, promovem para muitos. Esses muitos, acima citados, vão desde os hospitais e laboratórios, que ganham mais ou recebem um pagamento maior, pelas intervenções cirúrgicas do que pelos partos naturais, até, infelizmente os médicos, que deixaram a ética em algum lugar remoto da sua formação para pensar apenas no seu benefício imediato. As equipes médicas recebem um valor muito maior pelo parto cesáreo, e da mesma forma precisam dispender muito menos do seu precioso tempo do que no evento raro de um parto natural, já que para que o parto natural aconteça é necessário seguir o tempo da natureza. Porém, já há muito a sociedade deixou de seguir o tempo da natureza, assim como a valorizar a perfeição da natureza em completar a gestação com o parto, momento precioso do desenvolvimento fetal.

O afastamento da natureza e a crença de que as mulheres já não sabem parir e que correm riscos no nascimento do bebê, assim como o mito de que colocam a vida dos bebês em risco durante o parto natural, parece justificar, ou servir de justificativa, até para as mães, pais e familiares envolvidos e bem intencionados, que, por incrível que pareça, muitas vezes têm um nível cultural e de informação privilegiados. Esse é um caso em que a ignorância e a desinformação não têm distinguido classe ou nível econômico e cultural. O parto natural é cientificamente comprovado como sendo infinitamente mais indicado para o benefício das crianças e mães saudáveis em condições normais. Esses benefícios não são somente em relação ao momento do parto, mas para a mãe na recuperação pós-parto e, especialmente, para a criança, no desenvolvimento posterior de suas faculdades e aptidões. Muitos dos processos de desenvolvimento orgânico e psíquico da criança são acionados e estimulados durante as contrações e o processo do nascimento, sendo este mesmo um processo necessário ao o funcionamento pleno natural do organismo. Assim, tal tipo de procedimento violento, que só deveria ser realizado em casos patológicos, repetimos – após infinitas comprovações científicas dos malefícios dos partos cesáreos nos casos de crianças e mães saudáveis e em condições normais – é propagado ainda hoje por tantos dos ditos "bons e sérios" profissionais na nossa sociedade. Se esse fato não é uma vergonha para a sociedade médica, e se nenhum alarde ou uma mínima manifestação em contrário é realizada por ela, só pode comprovar o fato de que a sociedade como um todo alimenta a própria corrupção e falta de ética, e acoberta as chamadas Máfia Médica e Máfia dos Laboratórios, entre outras coisas, com extrema naturalidade.

Todavia, nem tanto por essa constatação absurda e óbvia decidimos dedicar alguns parágrafos ao tema, mas, sim, pelo fato de ser o parto cesáreo mais um dos aspectos radicais com que a sociedade arranca o homem da própria natureza. Acreditam defensores do parto natural pelo mundo que, quando os homens nascerem de forma natural e não violenta, teremos homens mais humanos e uma sociedade mais pacífica e solidária.

Se a sociedade e a formação em sociedade deformam e corrompem a natureza humana, fica claro que é necessário evitar que se desenvolvam esses vícios, males e perversões sociais no homem, desde a primeira infância, de modo que o fluxo natural do desenvolvimento possa operar no processo de aprendizagem. “Trata-se menos de ensinar-lhe uma verdade do que de mostrar-lhe como se deve agir para sempre descobrir a verdade” (ROUSSEAU, 2009, p. 278). Rousseau pensa a educação do homem na plenitude de sua condição natural de liberdade e perfectibilidade e na perspectiva da natureza de suas virtudes originais, como o *amor de si* e a *pitié*. Entende que, para que a formação desse *homem raro* possa acontecer, é necessário que a educação possibilite o fluir da *ordem natural* no desenvolvimento das crianças, sendo então, imprescindível que se evite que algo contrário à ordem da natureza seja cultivado; leia-se: os males e vícios instituídos em sociedade. Devido a essa perspectiva não impositiva da educação em relação ao desenvolvimento do indivíduo, cuidando para que a *educação da natureza* opere no processo de aprendizagem, convencionou-se chamar de *educação negativa* a proposta pedagógica de Rousseau.

A *educação negativa*, ou o que preferimos chamar de *educação natural*, consiste não em impor uma formação artificial exterior ao homem e à natureza humana, mas em permitir que as aptidões naturais evoluam segundo seu curso natural. Seu desafio é garantir que os preceitos da *educação da natureza* possam operar e evitar a (de)formação e a corrupção social. Evitar que o homem se degenere pelas mãos do próprio homem em sociedade, impedir que essa (de)formação civilizatória aconteça. Em suma, consiste em impedir que o mal seja feito, no que concerne à formação do homem, garantindo que a educação da natureza possa seguir seu curso na educação dos homens, e possibilitando que o cultivo e evolução das faculdades naturais do homem se dê, de forma integral, também na educação da sociedade. Fica claro, então, que, em relação às práticas e costumes estabelecidos em sociedade, a educação há de ser negativa, há de impedir que se criem os vícios e que se perpetuem a perversão e os males socialmente instituídos. Há de manter o aprendiz livre e protegido da influência das distorções, vícios e grilhões da sociedade, deixando fluir a educação segundo as regras da natureza. “De resto, a educação natural

deve tornar um homem próprio para todas as condições humanas." (ROUSSEAU, 2009, p. 32).

Seguindo esse princípio, Rousseau propõe um novo caminho de formação do homem, um método radicalmente contrário ao que se tem percorrido na sociedade; uma formação cujo mestre é a *educação da natureza*. Ao longo de *Emílio*, mostra as relações, princípios, regras e máximas que levam à construção desse caminho hipotético, utilizando-se de exemplos práticos, múltiplos e precisos, "para as ocasiões difíceis", que possam surgir na aplicação desse método. Fala de maneira flexível de uma realidade que é em si flexível, porém, o autor não deixa dúvidas em relação à radicalidade da proposta, à clareza dos fundamentos, princípios e regras e à objetividade de seu projeto: "mostro o alvo que devemos propor-nos; não digo que podemos alcançá-lo, mas sim que aquele que mais se aproximar dele será o mais bem sucedido." (ROUSSEAU, 2009, p. 102, 99).

> [...] contentei-me em colocar os princípios, cuja verdade cada qual deve perceber. Mas, quanto às regras que podiam precisar de provas, apliquei-as todas ao meu Emílio ou a outros exemplos, e mostrei em pormenores bastante extensos como podia ser realizado o que eu estabelecia; este pelo menos é o plano que me propus a seguir. Cabe ao leitor julgar se me saí bem. [...] minhas primeiras máximas de educação, embora contrárias às que estão estabelecidas, são de uma evidência que é difícil para todo homem razoável recusar o consentimento. (ROUSSEAU, 2009, p. 30).

Propondo um novo modo de pensar, um método que permite flexibilidade, vai-se construindo o seu sistema. Como foi dito, um sistema cujos fundamentos baseiam-se na educação da natureza, tendo suas regras como princípios, e cultivando a busca da excelência no desenvolvimento das faculdades naturais do homem. O objetivo deste trabalho é menos definir, sistematizar ou codificar o que se pode por enquanto compreender que seja o projeto pedagógico desenvolvido em *Emílio*, mas, sim, lançar novamente um olhar à forma com que Rousseau permite vislumbrar uma revolução radical na formação do homem, pela educação, e ao consequente potencial de transformação das relações em sociedade, que se abre.

Emílio ou Da Educação inaugura a perspectiva pedagógica, cujo compromisso é habilitar o homem a reencontrar e aperfeiçoar sua natureza e

aptidões naturais, tendo como mestre as *leis da natureza* e como alvo a excelência do potencial humano. Um método cujo objetivo é tornar o indivíduo apto a viver o potencial de liberdade, virtude e felicidade do homem. A condição natural do homem como solo para o desenvolvimento de uma segunda natureza virtuosa em sociedade. Propõe-se a pensar e desenvolver os princípios e regras para a formação do homem que possibilitem e inspirem o preceptor e o aluno a ler o mestre natureza e a viver suas regras; é o alvo em direção ao qual Rousseau se lança em busca do que pode ser o caminho de evolução do que é natural no homem, em direção ao potencial excelente de suas faculdades, em qualquer tempo. O caminho que possibilita a realização do homem no que há de melhor em seu potencial de humanidade. Assim se desenvolve em Emílio uma proposta de formação, norteada pelas regras da natureza, para a qual nossas inclinações naturais, nosso coração e nossa consciência podem nos levar.

Nas páginas, frases, palavras, pausas e silêncios de Rousseau, buscou-se compreender a essência e o sentido do que seria o caminho para a formação de um *novo homem*: um homem na plenitude de sua condição humana e de seu potencial como ser humano, o *inteiro absoluto.* Rousseau afirma que seu aluno imaginário, ou mesmo todo aquele que seguir esta educação, estará apto a tornar-se o que quer que seja, soldado, magistrado, padre, e da mesma forma poderá mudar de função ou de papel, posto que estará, independente de sua função social, sempre no seu lugar, o de homem inteiro, o inteiro absoluto. Homem que, em lugar de ser formado para repetir as verdades, as doutrinas e os paradigmas sociais, impostos pela educação da sociedade, desenvolve sua capacidade de “sempre descobrir a verdade” por si mesmo e de cultivar o caminho da natureza, na sua existência e nas suas relações. *Emílio* busca mostrar o caminho e os passos para, por meio da formação, tornar possível a expressão sublime, excelente do homem; o homem que, seguindo as regras da natureza, desenvolve naturalmente sua essência, seu potencial inteiro absoluto de liberdade, perfectibilidade e felicidade – os atributos próprios da condição humana original e que fazem do homem o ser humano. Apesar dos tantos escritos sobre educação, já em seu tempo Rousseau afirma:

> a primeira de todas as utilidades, que é a de formar homens, ainda está esquecida. [...] Não se conhece a infância; no caminho das falsas

> ideias que se tem, quanto mais se anda, mais se fica perdido. Os mais sábios prendem-se ao que aos homens importa saber, sem considerar o que as crianças estão em condições de aprender. Procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que ela é antes de ser homem. Eis o estudo a que me apliquei, para que, mesmo que meu método fosse quimérico e falso, sempre se pudessem aproveitar minhas observações. Posso ter visto muito mal o que se deve fazer, mas acredito ter visto bem o sujeito sobre o qual se deve agir. Começai, pois, por melhor estudar vossos alunos, pois com toda certeza não os conheceis. (ROUSSEAU, 2009, p. 4).

Ao pensar sobre a condição humana e a formação do homem em sociedade, os primeiros fundamentos que devem ser a base para a *educação natural* ou *negativa* são o *estudo da criança* e o *estudo do aluno*. Para isso, seria preciso, antes, conhecer o homem em sua natureza, "seria preciso conhecer o homem em seu estado natural", sua vocação; "Nosso verdadeiro estudo é o da condição humana.", já que é para o homem e para a sua felicidade que deve servir a educação. Isso leva ao princípio seguinte, o de formar a criança para a vida humana, como faz a natureza, já que seu ofício é viver (ROUSSEAU, 2009, p. 14, 15).

> Viver é o ofício que quero ensinar-lhe. Ao sair de minhas mãos, concordo que não será nem magistrado, nem soldado, nem padre; será homem, em primeiro lugar; tudo o que um homem deve ser, ele será capaz de ser, se preciso, tão bem quanto qualquer outro; e, ainda que a fortuna o faça mudar de lugar, ele sempre estará no seu. (ROUSSEAU, 2009, p. 15).

No estado de coisas em que vivemos, cultivar os preceitos e ensinamentos da natureza, uma educação natural em sociedade, é, em si um paradoxo pleno de contradições. Rousseau propõe observar e ter como parâmetro os *hábitos conforme a natureza*, aqueles que são inclinações naturais, ou seja, aquelas *disposições primitivas* a que tendemos naturalmente, desde que não se nos imponham hábitos contrários. Como as plantas que, embora contrariadas em sua natureza e forçadas a outros "hábitos", assim que postas em liberdade, retornam à sua inclinação natural. (ROUSSEAU, 2009, p. 10 e 11).

Podemos forçar o girassol, como as crianças, a crescer contra sua natureza; novamente em liberdade, voltam a crescer, com sua face em direção ao sol. No tempo em que tiveram sua natureza forçada, podem desenvolver deformações irreversíveis, que comprometem todo o seu desenvolvimento

ulterior. O que leva a pensar que a desfiguração do homem pode chegar a ser tal, que ele não possua mais olhos para ver, ouvidos para ouvir, e tenha comprometidas até mesmo todas as suas aptidões naturais.

O primeiro princípio fundamental dessa educação é, portanto, formar homens, homens que estejam sempre em seu lugar e que sejam capazes de ser tudo o que um homem deve ser. Seu lugar de homem livre e perfectível, seu potencial *inteiro absoluto*. Estudar a condição humana, a criança e o aluno, e formar esse homem para viver, para exercer plenamente a sua condição humana de liberdade e perfectibilidade, são, pois as bases fundamentais para que se possa construir tal educação. Tão fundamental quanto é o princípio que, anteriormente, chamou-se de *alvo*, o de dirigir a educação dos homens para a educação da natureza, visto que, na natureza, pode-se aprender os caminhos para o que é natural no homem e para o seu desenvolvimento *inteiro absoluto*. “Qual é esse alvo? É o mesmo da natureza, isso acaba de ser provado. Já que o concurso das três educações é necessário para a perfeição delas, é para aquela quanto a qual nada podemos que é preciso dirigir as duas outras” (ROUSSEAU, 2009, p. 9). Viver em acordo com *a ordem natural*, cultivar hábitos conforme a natureza e conforme as *disposições primitivas* do homem são o cerne desse projeto de formação. E alerta Rousseau (2009, p. 260): “Tornai apropriada ao homem a educação do homem, e não ao que ele não é”.

CAPÍTULO III

NATUREZA, CORPO E FORMAÇÃO EM ROUSSEAU

> Viver não é respirar, mas agir; é fazer uso de nossos órgãos, de nossos sentidos, de nossas faculdades, de todas as partes de nós mesmos que nos dão o sentimento de nossa existência. O homem que mais viveu não é o que contou o maior número de anos, mas aquele que mais sentiu a vida.
>
> Rousseau

No *caminho da natureza* é fundamental permitir que a infância siga o curso de seu desenvolvimento natural, as *leis da natureza*. "Observai a natureza e segui a rota que ela vos traça. Ela exercita continuamente as crianças, enrijece seu temperamento com provas de toda espécie e cedo lhes ensina o que é sofrimento e dor. [...] Eis a regra da natureza" (ROUSSEAU, 2009, p. 24). É preciso compreender ainda que "a verdadeira educação consiste menos em preceitos do que em exercícios." e lembrar que para formar esse *homem raro*, é preciso evitar que o curso da natureza seja desviado, impedir que se corrompa a natureza humana. Desde o princípio da vida em sociedade é preciso cuidar para que, pela *educação negativa,* a *educação da natureza* possa operar. "Começamos a nos instruir quando começamos a viver; nossa educação começa junto conosco" (ROUSSEAU, 2009, p. 15).

Desde o início, desde o "momento em que a criança respira ao sair de seus invólucros", deve-se deixar "todos os seus membros em liberdade". Permitir que a infância siga seu curso natural só é possível em um corpo livre; livre para se movimentar, para seguir seus instintos, necessidades e desenvolver suas *disposições naturais.* "Ignoramos o que nossa natureza nos permite ser". Encaminhar a educação da criança para a educação da natureza, permitir que ela se movimente livremente e que a infância siga seu curso natural, evitando que adquira hábitos contrários à sua natureza e nocivos à sua evolução, são as bases fundamentais para que a natureza encaminhe o desenvolvimento das faculdades do homem em seu potencial excelente. Permitir que a criança se desenvolva progressiva e naturalmente na totalidade de seu potencial, compreende manter-se no *caminho da natureza*, cultivar o *hábito*

natural e evitar que o hábito acrescente “uma nova necessidade à da natureza”. Cuidar para que a criança adquira apenas o hábito de não contrair hábito nenhum, necessita de uma atenção e dedicação constantes do preceptor. “Preparai à distância o reinado de sua liberdade e o uso de suas forças, deixando em seu corpo o hábito natural, colocando-a em condições de sempre ser senhora de si mesma e de fazer em todas as coisas a sua vontade, assim que a tiver.” (ROUSSEAU, 2009, p. 45 a 49).

> [...] aqui, onde a educação começa junto com a vida, ao nascer a criança já é discípula, não do preceptor, mas da natureza. O preceptor só estuda com esse primeiro mestre e impede que seus esforços sejam contrariados. Vigia o bebê, observa-o, segue-o, espreita com vigilância o primeiro brilho de seu débil entendimento, como os muçulmanos espreitam o momento do nascer da lua quando o primeiro quarto se aproxima. (ROUSSEAU, 2009, p. 46).

A natureza trata de ensinar à criança, quando se permite, o reinado de sua liberdade e o hábito natural dos corpos. É caindo que ela aprende a se levantar, são as circunstâncias e a necessidade que possibilitam o aprimoramento de seus sentidos, suas habilidades físicas, perceptivas, de compreensão e comunicação, enfim, todas as faculdades que vão se compondo, umas nas outras, naturalmente. *Falar de educação natural é falar da disciplina em seguir as regras da natureza, tanto quanto falar de liberdade para que a natureza possa operar. Um dos paradoxos fundantes e fecundos desse projeto.*

> No pensamento de Rousseau, a liberdade se confunde com a existência mesma do homem. O que se necessita, não é apenas agir ou pensar livremente, é ser livre, viver livre. [...] Ser livre não é agir em tal ou qual ocasião segundo a própria vontade, e menos ainda dominar o outro, senão deixar que a vida se desenvolva em todas as suas manifestações e manter-se fiel a si mesmo mantendo-se fiel à natureza. [...] As funções vitais formam parte de um plano conjunto e o homem livre é aquele que sente, pensa e vive inteiramente de acordo com sua disposição natural. Não perguntes se ser livre será sempre bom para o homem; isso equivaleria a perguntar se ser e manter-se homem é bom para o homem, equivaleria a duvidar das intenções da natureza. [...] A natureza não está unicamente no começo das coisas, é um princípio que permanece, porque constitui o próprio fundamento de nosso ser. [...] Os homens nascem e permanecem livres. Isto vale para o estado de natureza, mas não de outro modo. Se queremos que nosso filho siga sendo livre, eduquemo-lo de maneira que seja sempre ele e não outro, que aprenda a ver com seus olhos e a sentir com seu coração e “que nenhuma autoridade o governe fora de sua própria razão” (ibid) Que seja

> selvagem! Não, certamente, "um selvagem que se deva delegar aos desertos, mas um selvagem feito para que habite nas cidades". Ser livre é desenvolver em si mesmo a natureza humana. (GROETHUYSEN, 1985, p. 182 a 190, Grifo nosso, tradução nossa). [7]

A liberdade e o aperfeiçoamento da própria natureza humana se expressam no corpo, nos impulsos e disposições naturais, na necessidade do movimento, na curiosidade dos instintos. Aprendamos com a natureza, já que ela trata de ensinar à criança o que ela precisa para se aperfeiçoar. Como nós, os "animais adquirem muitos conhecimentos. Têm sentidos, é preciso que aprendam a fazer uso deles; têm necessidades, é preciso que aprendam a satisfazê-las; é preciso que aprendam a comer, a andar, a voar" (ROUSSEAU, 2009, p. 48). Da mesma forma, a criança precisa fazer uso dos seus sentidos, seguir e exercitar sua curiosidade e instintos naturais, para que suas faculdades possam se desenvolver em todo o seu potencial, o potencial *inteiro absoluto* de liberdade e perfectibilidade do homem.

É pelas sensações e movimentos do corpo que se adquire conhecimentos e se aprimoram as faculdades. É o exercício livre e contínuo do corpo, no exercício de suas faculdades, que permite à perfectibilidade do homem se desenvolver. A liberdade e os exercícios do corpo são o grande aprendizado dessa fase.

> No início da vida, quando a memória e a imaginação ainda estão inativas, a criança só presta atenção ao que realmente atinge seus sentidos; sendo as sensações os primeiros materiais dos seus conhecimentos, oferecê-las numa ordem conveniente é preparar sua memória para um dia apresenta-las na mesma ordem ao entendimento. [...] A criança quer tocar em tudo, pegar em tudo: não vos oponhais a

---

[7] En el pensamiento de Rousseau, la libertad se confunde com la existencia misma del hombre. Lo que se necessita, no es tan sólo actuar o pensar libremente, es ser libre, vivir libre. (...) Ser libre no es obrar em tal o cual ocasión según la propia voluntad, y todavia menos dominar la ajena, sino dejar que se desarrolle la vida em todas sus manifestaciones y mantenerse fiel a sí mismo mantaniéndose fiel a la naturaleza. (...) Las funciones vitales forman parte de um plan de conjunto y el hombre libre es aquel que siente, piensa y vive del todo según la disposición de su natural. No preguntéis si ser libre será siempre bueno para el hombre; ello equivaldría a preguntar si ser y mantenerse hombre es bueno para el hombre, equivaldría a dudar de las intenciones de la naturaleza. (...) La naturaleza no está unicamente em el comienzo de las cosas, es um principio que permanece, porque constituye el fondo mismo de nuestro ser. (...) Los hombres nacen y permanecem libres. Esto es válido para el estado de naturaleza, pero no de outro modo. Si queremos que nuestro hijo siga siendo libre, eduquémoslo de manera que sea siempre él y no outro, que aprenda a ver com sus ojos y a sentir com su corazón y "que ninguna autoridade lo gobierne fuera de su propia razón" (ibid.) Que sea salvaje!, no, certamente, "um salvaje al que hay que relegar a los desiertos, sino um salvaje hecho para que habite em las ciudades". Ser libre es desarrollar em sí mismo la naturaleza humana. (GROETHUYSEN, 1985, p. 182 a 190, Grifo nosso).

> esta inquietação; ela lhe sugere um aprendizado muito necessário. É assim que ela aprende a sentir o calor, o frio, a dureza, a moleza, o peso, a leveza dos corpos, a julgar sua grandeza, sua figura e todas as qualidades sensíveis, olhando, apalpando, escutando e principalmente comparando a visão com o tato, estimando com os olhos a sensação que produziriam em seus dedos. [...] É apenas pelos movimentos que aprendemos que existem coisas que não são nós, e é apenas por nosso próprio movimento que adquirimos a ideia de extensão. (ROUSSEAU, 2009, p. 51, 52).

Os fundamentos e princípios gerais até aqui explanados parecem ser a base fundamental para que se desenvolva a *educação natural* nas primeiras fases da vida da criança. Até o final da primeira fase da infância, mais ou menos aos dois anos, quando a criança começa a falar a comer e a andar quase concomitantemente, quanto menos interferirmos melhor. “Uma vez conhecido o princípio, vemos claramente onde nos afastamos do caminho da natureza” (ROUSSEAU, 2009, p. 58). Para manter-nos no caminho, além de seguir os princípios anteriores devemos seguir quatro regras ou máximas, assim apresentadas por Rousseau (ROUSSEAU, 2009, p. 58):

> Primeira máxima: Longe de terem forças supérfluas, as crianças nem mesmo têm forças suficientes para tudo o que a natureza lhes exige. É preciso, facultar-lhes o emprego de todas as forças que ela (a natureza) lhes dá e de que não poderiam abusar.
> Segunda máxima: É preciso ajudá-las e suprir o que lhes falta, quer em inteligência, quer em força, em tudo o que diz respeito à necessidade física.
> Terceira máxima: No auxílio que lhes prestamos, devemos limitar-nos unicamente ao realmente útil, sem nada conceber à fantasia ou ao desejo irrazoável, pois a fantasia não as atormentará enquanto não se a fizer nascer, dado que ela não pertence à natureza.
> Quarta máxima: É preciso estudar com atenção sua linguagem e seus sinais, para que, numa idade em que elas não sabem fingir, distingamos em seus desejos o que vem imediatamente da natureza e o que vem da opinião. (ROUSSEAU, 2009, p. 58).

As quatro máximas ajudam o preceptor a contribuir para que a formação siga o caminho da natureza. Cuidar de suas necessidades, facultar o desenvolvimento das suas faculdades, estudar o que são suas necessidades verdadeiras e as necessidades de fantasia; e estudar o aluno, conhecer seu gênio particular, suas inclinações.

> O espírito destas regras é dar às crianças mais verdadeira liberdade e menos domínio, deixar que façam mais por si mesmas e exijam menos dos outros. Assim, acostumando-se cedo a limitar os seus desejos às

> suas forças, pouco sentirão a privação do que não estiver em seu poder. Eis, portanto, uma nova razão, muito importante, para deixar os corpos e os membros das crianças absolutamente livres, com a única precaução de afastá-las dos perigos de queda e de tirar de suas mãos tudo o que possa feri-las. (ROUSSEAU, 2009, p. 58).

Cultivar a educação natural é deixar os corpos *absolutamente livres* e tomar "sempre o instinto como exemplo", permitindo que a criança fique em seu *hábito natural*, sem distraí-la com o uso de tantos "apetrechos inúteis e perniciosos" e sem cultivar nelas necessidades que não sejam as que têm por natureza. Sem tanto contrariar ou corromper suas disposições naturais, as crianças choram menos, evitando, assim, que sejam atormentadas tanto com ameaças ou mimos. Da mesma maneira, não se deve perturbá-las em seu desenvolvimento natural, desejando apressar sua fala, seu andar ou o que quer que seja antes do tempo, com o risco quase seguro de ensiná-las a falar e a andar cheias de vícios. Em todas as coisas, seguir a natureza. A reflexão de Rousseau em relação ao desenvolvimento da fala parece-nos servir de referência para evitar o cultivo dos vícios no aperfeiçoamento de todas as aptidões naturais do homem. (ROUSSEAU, 2009, p. 60 a 68).

> [...] quando se deixa que aprendam por si mesmas, elas se detêm mais, inicialmente, nas sílabas mais fáceis de pronunciar e, dando a elas pouco a pouco uma significação que entendemos pelos seus gestos, elas nos dão suas palavras antes de receber as nossas. Isso faz com que só as recebam depois de tê-las entendido. Não tendo pressa para se servirem delas, as crianças começam por bem observar que sentido damos às palavras e, quando estão seguras quanto a isso, adotam-nas. [...] Essa desatenção de nossa parte para com o verdadeiro sentido que as palavras têm para as crianças parece-me ser a causa de seus primeiros erros; e esses erros, mesmo depois de corrigidos, influem pelo resto da vida na sua maneira de pensar. (ROUSSEAU, 2009, p. 67).

Essa desatenção para com o seu desenvolvimento natural em todos os aspectos e a pretensão de que nossas correções e nossa pressa em torná-las homens antes da hora possam contribuir positivamente, são a origem dos defeitos e vícios de linguagem e de toda ordem.

> "Nossa mania professoral e pedantesca é de sempre ensinar as crianças o que aprenderiam muito melhor por si mesmas, e esquecer o que só nós lhes poderíamos ensinar. [...] Quantas pessoas vemos que andam mal por toda a vida porque lhes ensinaram mal a andar!" (ROUSSEAU, 2009, p. 71).

Rousseau reforça que

> A cada ensinamento precoce que queremos inculcar em suas cabeças, plantamos um vício no fundo de seus corações; (...) Não deis a vosso aluno nenhum tipo de castigo, pois ele não sabe o que é ser culpado; não façais nunca com que peça desculpas, pois não saberia ofender-vos. Carente de qualquer moralidade em suas ações, ele nada pode fazer que seja moralmente mau e mereça castigo ou reprimenda. (...) *Estabeleçamos como máxima incontestável que os primeiros movimentos da natureza sejam sempre direitos: não há perversidade original no coração humano.* Não se encontra nele um só vício de que não possamos dizer como e por onde ele entrou. (ROUSSEAU, 2009, p. 94, 95).

Os primeiros movimentos da natureza são sempre direitos, é a máxima incontestável da educação natural. Além dela, os princípios e preceitos que, na *educação natural,* regem a primeira fase de sua vida continuam valendo na fase seguinte, a idade da alegria, dos dois aos 12 anos. Ao longo de diferentes momentos nessa segunda fase da vida, existem peculiaridades em relação às necessidades e ao *desenvolvimento natural das faculdades* humanas, as quais Rousseau mostra de forma por vezes pontual e outras longa e detalhadamente. “É nessa idade que se tomam as primeiras lições de coragem e, suportando sem pavor as dores leves, aprende-se aos poucos a suportar as grandes.” Assim, não devemos poupar as crianças das intempéries e das provas a que a natureza lhe submete. A criança deve perceber sua fraqueza, testar suas forças e, de acordo com suas necessidades, com sua natureza, ir se tornando apta a desenvolver suas aptidões e sua potência. “Longe de estar atento a evitar que Emílio se machuque, eu ficaria muito aborrecido se ele nunca se ferisse e crescesse sem conhecer a dor. Sofrer é a primeira coisa que ele deverá aprender, e a que ele terá maior necessidade de saber.” A necessidade deve reger a educação nessa fase, esse é o ensinamento da natureza. (ROUSSEAU, 2009, p. 70).

É na lida com sua fraqueza e sua força que ele começa a desenvolver suas faculdades e a aprender a equilibrar força e vontade. É apenas caindo que aprende a levantar por si mesmo, apenas se esforçando para ser compreendido que pode desenvolver com mais clareza, fluência e coerência a sua fala; quanto mais correr, cair e se divertir, mais cedo aprenderá. Sua alegria, assim como “O bem estar da liberdade compensa muitos machucados.” E é pelo exercício contínuo de suas faculdades na busca da satisfação de suas necessidades,

exercendo sua liberdade e enfrentando as dificuldades que se lhe apresentam, que sua perfectibilidade pode operar e que as crianças se tornam cada vez mais independentes. “Podendo mais por si mesmas, precisam com menos frequência recorrer aos outros. Junto com a força, desenvolve-se o conhecimento, que as põe em condições de dirigi-la.” O exercício do equilíbrio entre necessidade e força, entre vontade e potência é mais um princípio central na educação natural. Segundo Rousseau é nesse equilíbrio que se encontra a verdadeira liberdade e a felicidade do homem. (ROUSSEAU, 2009, p. 71 a 74).

Na *idade da alegria*, “em que o riso está sempre nos lábios, e a alma está sempre em paz” devemos favorecer suas brincadeiras, seus prazeres e seu instinto, fazer com que gozem o prazer de existir, assim que o sintam, e evitar seguir a *falsa sabedoria* “que sem cessar nos tira para fora de nós mesmos, que sempre considera o presente como nada e, perseguindo sem tréguas um futuro que foge à medida que avançamos, de tanto nos levar para onde não estamos, leva-nos para onde não estaremos nunca.” Ao contrário, a criança deve estar sempre em si, atendendo à sua natureza, sempre no momento presente lidando com as necessidades e os interesses próprios da sua idade, da sua condição e das circunstâncias em que se relaciona. (ROUSSEAU, 2009, p. 72, 73).

> Para não corrermos atrás de quimeras, não nos esqueçamos do que convém à nossa condição. A humanidade tem seu lugar na ordem das coisas, e a infância tem o seu na ordem da vida humana: é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança. Determinar para cada qual o seu lugar e ali fixa-lo, ordenar as paixões humanas conforme a constituição do homem, é tudo o que podemos fazer pelo seu bem estar. O resto depende de causas alheias que não estão em nosso poder.
> Não sabemos o que é a felicidade ou a infelicidade absolutas. Nesta vida tudo está misturado. Não experimentamos nenhum sentimento puro, não permanecemos dois momentos na mesma condição. As afecções de nossas almas, assim como as modificações de nossos corpos, estão num fluxo contínuo. O bem e o mal são-nos comuns a todos, mas em medidas diferentes. O mais feliz é o que sente menos sofrimentos; o mais miserável é o que sente menos prazeres: eis a diferença comum a todos. A felicidade do homem aqui na terra é apenas, portanto, uma condição negativa; devemos medi-la pela menor quantidade de males que se sofrem.
> Todo sentimento de sofrimento é inseparável do desejo de se livrar dele; toda ideia de prazer é inseparável do desejo de desfrutá-lo; todo desejo supõe privação, e todas as privações que sentimos são penosas; portanto, é na desproporção entre os nossos desejos e as nossas faculdades que consiste a nossa miséria. Um ser sensível cujas faculdades igualassem os desejos seria um ser absolutamente feliz.

> Em que, então, consiste a sabedoria humana ou o caminho da verdadeira felicidade? Não exatamente em diminuir nossos desejos, pois, se eles estivessem abaixo de nossa potência, uma parte de nossas faculdades permaneceria ociosa, e não gozaríamos de todo o nosso ser. Também não consiste em ampliar nossas faculdades, pois, se nossos desejos ao mesmo tempo se ampliassem em maior proporção, tornar-nos-íamos mais miseráveis. Trata-se, pois, de diminuir o excesso de desejos relativamente às faculdades, e de igualar perfeitamente a potência e a vontade. Somente então, estando todas as forças em ação, a alma permanecerá tranquila e o homem se encontrará bem ordenado. (ROUSSEAU, 2009, p. 74, 75).

A previdência, que para Rousseau é "a verdadeira fonte de todas as nossas misérias", nos provoca essa mania de estar sempre olhando para um futuro que não sabemos se vai existir e que provavelmente nunca existirá, mas que certamente nos leva "para além de nós mesmos", a existir onde não estamos, e onde consequentemente nossa felicidade é impossível. Assim se encontra o homem em sociedade, vive para um futuro incerto ao preço de "desdenhar o presente de que tem certeza". O hábito de viver fora de si concorre com a imaginação na criação de necessidades e males imaginários, frutos de fantasias, e que nos levam a nossa própria miséria e infelicidade. "Permanece no lugar que a natureza te atribui na cadeia dos seres. (...) Tua liberdade, teu poder só vão até onde vão tuas forças naturais e não além." A importância de se viver no presente, se cultivar o hábito de estar aqui e agora, presente em si e nas circunstâncias. Rousseau desenvolve um pensamento da presença em oposição à condição do homem em sociedade. (ROUSSEAU, 2009, p. 78 a 81).

A verdadeira liberdade e a felicidade estão relacionadas ao exercício de um equilíbrio necessário que se anuncia na própria natureza do homem. "O homem verdadeiramente livre só quer o que pode e faz o que lhe agrada. Eis a minha máxima fundamental. Trata-se apenas de aplica-la à infância, e todas as regras da educação decorrerão dela." Por exemplo, conservar a criança no lugar da criança é outra regra fundamental decorrente da máxima anterior e que "cabe aos que a educam". Mantê-la em seu lugar, de acordo com sua condição e suas forças. Se a felicidade do homem está em sua liberdade, essa mesma liberdade é uma conquista do homem no exercício de sua força e em relação à sua vontade. É fundamental o cultivo da autonomia. O desenvolvimento da força e o exercício da liberdade na perspectiva da educação natural devem se equilibrar e ser proporcionais no desenvolvimento das faculdades naturais do homem; é nesse

exercício que pode o homem cultivar sua felicidade. A liberdade e a felicidade se encontram então, em potencial, no exercício de uma disciplina radical, fundante, que torna possível o equilíbrio entre força e vontade, e dessa maneira, o cultivo da verdadeira liberdade e da verdadeira felicidade. (ROUSSEAU, 2009, p. 81).

Compreendemos que ao longo da *idade da alegria* os exercícios do corpo, assim como os trabalhos manuais, são de fundamental importância para o desenvolvimento das faculdades assim como para o cultivo do caráter. O necessário aprendizado dos sentidos, traz "os primeiros materiais de seu conhecimento", e, é pelos movimentos do corpo que aprendemos a conhecer o mundo e a adquirir ideias em relação ao mundo. Para permitirmos que esses corpos se desenvolvam "absolutamente livres" precisamos ainda nos atentar para a questão da autonomia:

> Existem dois tipos de dependência: a das coisas, que é da natureza, e a dos homens, que é da sociedade. Não tendo nenhuma moralidade, a dependência das coisas não prejudica a liberdade e não gera vícios; a dependência dos homens, sendo desordenada*, gera todos os vícios, e é por ela que o senhor e o escravo depravam-se mutuamente. (...) Conservai a criança unicamente na dependência das coisas e tereis seguido a ordem da natureza no progresso de sua educação. Nunca ofereçais a suas vontades indiscretas senão obstáculos físicos ou punições que nasçam das próprias ações, de que se lembrem quando oportuno; sem lhe proibir de agir mal, basta que seja impedida. Só a experiência e a impotência devem ser lei para a criança. Nada concedei a seus desejos porque ela o pede, mas porque precisa. Que ela não saiba o que é obediência quando age, nem o que é dominação quando agem por ela. Que sinta de igual modo sua liberdade em suas próprias ações e nas vossas. Supri a força que lhe falta exatamente na medida em que tem necessidade dela para ser livre, e não imperiosa; (...) Para fortalecer o corpo e fazê-lo crescer, a natureza dispõe de meios que nunca devemos contrariar. Não devemos obrigar uma criança a ficar quando quer sair, ou a sair quando quer ficar. Quando a vontade das crianças não está mimada por nossa culpa, elas nada querem inutilmente. Elas devem pular, correr, gritar quando têm vontade. Todos os seus movimentos são necessidades de sua constituição, que procura fortalecer-se. Devemos, porém, desconfiar do que desejam sem que possam fazê-lo elas mesmas, sendo outros obrigados a fazê-lo por elas. É preciso então distinguir com cuidado a verdadeira necessidade, a necessidade natural, da necessidade de fantasia que começa a nascer, ou então daquela que provém da superabundância de vida de que falei. (ROUSSEAU, 2009, p. 82 a 84).

No que se refere aos cuidados com a criança, em relação ao rigor e à indulgência, lembramos ainda duas máximas inseparáveis que ele aponta ao versar sobre a educação da fala, no que diz respeito ao excesso e à falta: "Considero inseparáveis essas duas máximas *sempre bastante*, e *nunca demais*.

Bem estabelecida a primeira, a outra segue-se necessariamente." (ROUSSEAU, 2009, p. 64). É preciso dizer que não nos detemos nas questões específicas da fala ou em tantos outros meandros da pedagogia de Rousseau que são de riqueza inquestionável para a reflexão sobre a educação, mesmo considerando-os aspectos significativos, em função da multiplicidade de temas e desdobramentos que não podemos dar conta neste estudo. Porém, cientes da relação radical entre todos os aspectos na arquitetura geral do projeto, procuramos estar atentos a não deixar de fora, entre estes, alguns dos que parecem determinantes e imprescindíveis para se pensar o todo do processo de formação, na perspectiva da *educação natural*.

Quanto à dependência dos homens e ao teor de dominação e servidão que, como vimos, pode se estabelecer na relação entre as crianças e seus preceptores ou cuidadores, Rousseau não deixa dúvidas do seu prejuízo; tornam as crianças pequenas déspotas miseráveis, escravas da própria dependência. Uma tendência que vemos com frequência em nossa sociedade.

> É uma disposição natural ao homem encarar como seu tudo o que está em seu poder. (...) Assim, a criança que só precisa querer para conseguir acredita ser a proprietária do universo; considera todos os homens seus escravos e, quando finalmente somos forçados a lhe recusar alguma coisa, ela, acreditando que tudo é possível quando manda, toma essa recusa como ato de rebeldia. Todas as razões que lhe damos numa idade incapaz de raciocinar só lhe parecem pretextos; vê por toda parte má vontade. Irritando a sua natureza o sentimento de uma pretensa injustiça, a criança passa a ter ódio de todos e, sem nunca ter gratidão pela complacência, indigna-se com qualquer oposição.
> Como posso conceber que uma criança de tal modo dominada pela cólera e devorada pelas paixões mais irascíveis possa algum dia ser feliz? Feliz ela! É um déspota; ao mesmo tempo, é o mais vil dos escravos e a mais miserável das criaturas. (...) A fraqueza e a dominação reunidas só geram loucura e miséria. (...)
> Se tais ideias de dominação e de tirania as tornam miseráveis desde a infância, que será delas quando crescerem e suas relações com os homens começarem a se ampliar e a se multiplicar? Habituadas a ver todos se curvarem diante delas, que surpresa terão, ao entrarem na sociedade e sentirem que tudo lhes resiste, por se verem esmagadas pelo peso desse universo que julgavam poderem mover à vontade!
> Seu jeito insolente, sua vaidade pueril só lhes atraem mortificações, desdéns, zombarias; bebem afrontas como água; logo, provocações cruéis ensinam-lhes que não conhecem nem sua condição, nem suas forças. Não podendo tudo, acreditam que nada podem. Muitos obstáculos inabituais as repelem, muitos desprezos as aviltam; tornam-se covardes, medrosas, servis e caem tanto abaixo de si mesmas quanto tinham se elevado acima do que eram.
> Voltemos à regra primitiva. A natureza fez as crianças para serem amadas e socorridas, mas será que as fez para serem obedecidas e temidas? (ROUSSEAU, 2009, p. 86, 87).

A miserabilidade das crianças a quem tudo se presta, é um panorama recorrente também, nos nossos “tempos de abundância”. Temos evidências, especialmente entre as inúmeras notícias veiculadas na mídia, de inúmeros exemplos extremos que vão desde adolescentes que matam por um tênis Nike, ou o que seja, até assassinatos em massa que devastam comunidades em função de indivíduos desgostosos ou contrariados; assassinatos em família que transcorrem com características semelhantes, já que tal ou tal pessoa não faz exatamente o que eu quero e que satisfaria a minha necessidade, na maioria das vezes imediata, ou exemplo de uma “necessidade de fantasia”. Parece que esse fenômeno que Rousseau identifica se aprofundou de maneira crítica e progressiva em nossa sociedade, somada às tantas comodidades e bens supérfluos que nos são incutidos como necessidades pela mídia. Falsas e fantásticas necessidades na promessa de uma felicidade inatingível. [8]

---

[8] Rousseau, insistindo no fato de que desde cedo corrompemos as crianças e as desviamos do curso natural do seu desenvolvimento, chama ainda a atenção para o fato de que as crianças mimadas, a quem “paparicamos” muito e facilitamos por demais a vida, ou aquelas a quem sempre se faz as vontades, tendem a tornar-se verdadeiros pequenos tiranos; e nem precisamos pensar muito para vislumbrar os desdobramentos possíveis de tais tendências na vida adulta. Hoje em dia temos inúmeros exemplos, desde os mais graves que chegam a assassinatos bárbaros e aleatórios, até assassinatos de pais, como o caso da família Richthofen - um dos que marcou significativamente a sociedade brasileira por ter sido um dos primeiros a vir à tona em que se via claramente essas características de (de)formação.

Mas, temos também outro exemplo, este massivo, e em um primeiro momento aparentemente não tão trágico, e, que agrega outras características além do egocentrismo, da dependência e da tendência ao despotismo, segundo Rousseau consequências diretas da superproteção. É o exemplo da dita geração “Y”, ou das gerações seguidas de jovens adultos entre a geração “X” e a “Z”. Estes indivíduos nascidos a partir da metade dos anos 70, até mais ou menos meados dos anos 90, que “tudo tiveram”, que “tudo receberam”, não só relativo à suas necessidades básicas, como ao fato de ter a maioria dos seus desejos geracionais e mercadológicos atendidos, entre outros aspectos. Estes indivíduos, com frequência, apresentam sérios problemas em enfrentar a realidade, em lidar com limites ou dificuldades e seguem sendo classificados, até por muitos que nela se enquadram, de uma geração de infelizes, inadaptados, frustrados e sem perspectivas.

Não temos a intenção de nos alongar tecendo conjecturas a respeito dessa geração, mas, cabe ressaltar que, o fato de terem sido educados em uma época em que, em princípio, se valorizou intensamente a infância e, em que, a educação se propunha a aplicar os melhores métodos para a formação humana, faz-nos pensar. Foi um período em que a educação praticada, nas famílias, assim como nas escolas, procurava fazer com que as crianças se sentissem bem, além de estimular a autoestima e a liberdade de escolha, assim como a autenticidade destes aprendizes, valorizando, por exemplo, a ideia de que poderiam “ser o que quisessem” e que deveriam ir em busca dos próprios sonhos e paixões, etc. Apesar de quadro aparentemente tão favorável, estes indivíduos são hoje, comumente, uma geração de adultos acomodados e sem motivação, sendo com frequência taxados de ansiosos, preguiçosos, distraídos, alienados, mimados e narcisistas, entre outros adjetivos na maioria das vezes pejorativos.

Interessa-nos o assunto, não somente pelo fato de serem estes indivíduos considerados adultos bastante inadaptados, com expectativas altíssimas e capacidade limitada de lidar com a realidade e com as frustrações, mas, posto que pensando a formação humana e os possíveis caminhos que apontam para a realização do homem e de seu potencial pleno, muitas vezes temos como parâmetros alguns dos aspectos valorizados neste quadro educacional dominante por que

A liberdade e o poder vão até onde vão as forças naturais de cada um. Uma máxima essencial nesta arquitetura. Já vimos que o indivíduo é verdadeiramente livre enquanto seus desejos se equilibram com suas forças e, vivendo em seu lugar, não vive na dependência das pessoas para ser feliz. Mas como fazer a criança perceber e realizar esse princípio, quando as influências da sociedade começam a retirá-lo de si, de sua natureza, de seu lugar, do que convém à sua condição natural e às necessidades de sua constituição? Mais uma vez a ação e não as palavras, o exemplo e não os sermões, a experiência e não o ensino teórico da moral ou das ciências são os caminhos escolhidos por Rousseau em seu método. Para entregar "à infância o exercício da liberdade natural" é necessário mais uma vez aprendermos com o método da natureza.

> Retorno à prática. Já disse que vosso filho nada deve obter porque pede, mas porque precisa, nem fazer nada por obediência, mas somente por necessidade. Assim as palavras *obedecer* e *mandar* serão proscritas de seu dicionário, e mais ainda os termos *dever* e *obrigação*; mas as palavras *força*, *necessidade*, *impotência* e *constrangimento* devem nele ocupar um grande espaço. Antes da idade da razão, não se poderia ter nenhuma ideia sobre os seres morais ou sobre as relações sociais. Assim devemos evitar na medida do possível empregar palavras que as exprimam, por medo de que a criança relacione a essas palavras de início falsas ideias que não conheceremos ou que não poderemos mais destruir. A primeira falsa ideia que entra em sua cabeça é para ela o germe do erro e do vício; devemos prestar atenção sobretudo a esse primeiro passo. Fazei com que, enquanto ela só for impressionada por coisas sensíveis, todas as suas ideias se detenham nas sensações; fazei com que de toda parte ela só perceba ao seu redor o mundo físico, sem o que podeis ter certeza que ela não vos ouvirá de maneira nenhuma, ou então fará do mundo moral de que lhe falais noções fantásticas que não apagareis em toda a sua vida. (ROUSSEAU, 2009, p. 89).

Antes de versar sobre o mundo moral na vida da criança, pensemos em outro aspecto fundante da pedagogia rousseauniana: a percepção e o desenvolvimento do raciocínio e da razão. "A infância tem maneiras de ver, de pensar e de sentir que lhe são próprias; nada é menos sensato do que querer substituir essas maneiras pelas nossas". A educação em sociedade acelera, corrompendo e formatando o desenvolvimento das crianças, por exemplo, na

---

passaram a maioria dos nossos "Ypsilons". Então, o que seriam os fatores determinantes para que o quadro educacional desse período chegasse a ser considerado um dos piores resultados em um processo de formação geracional?

Não é nossa intenção responder a essa pergunta, senão termos como parâmetro quando eventualmente nos sentirmos um pouco chocados com a crueza e a radicalidade da proposta inicial de Rousseau para essa educação da natureza.

insistência em se raciocinar com elas precocemente, acerca de coisas e assuntos que estão muito além de suas necessidades e de sua condição; coisas a que ainda não são sensíveis, por não serem próprias à sua idade. (ROUSSEAU, 2009, p. 91, 92).

> ...não vejo nada de mais tolo do que essas crianças com quem tanto se raciocinou. De todas as faculdades do homem, a razão, que não é, por assim dizer, senão um composto de todas as outras, é a que se desenvolve com mais dificuldade e mais tardiamente, e é ela que se pretende utilizar para desenvolver as primeiras! A obra-prima de uma educação é formar um homem razoável, e pretende-se educar uma criança pela razão! Isto é começar pelo fim, é da obra querer fazer o instrumento. (ROUSSEAU, 2009, p. 89, 90).

A razão, sendo o "freio da força", não é necessária ao indivíduo nessa fase da vida; seguindo a ordem natural, devemos ser "a força e o freio que o detém, e não a autoridade". Os limites devem estabelecer-se pelas circunstâncias, permitindo a ele aprender a lidar com a necessidade das coisas, recebendo "lições somente da experiência". Encontrar as lições no seio das situações e circunstâncias é um dos desafios do preceptor. Os limites de suas forças e da "força das coisas" é que devem reger sua liberdade. "A frase *não tem mais* é uma resposta contra a qual nunca criança alguma se revoltou, a menos que acreditasse que fosse mentira." Falamos sempre de uma liberdade que se constrói por uma disciplina natural ao desenvolvimento humano, um dos fecundos paradoxos que Rousseau encontra ao desenvolver seu método. "Tentaram-se todos os instrumentos, menos um, exatamente o único que pode dar certo: a liberdade bem regrada." (ROUSSEAU, 2009, p. 92 a 94).

Seguindo a *ordem natural* e no exercício da liberdade bem regrada, a criança desenvolve suas faculdades, sem que se apresse e se corrompa o seu desenvolvimento. "A cada ensinamento precoce que queremos inculcar em suas cabeças, plantamos um vício em seus corações". O desenvolvimento natural das faculdades sensório-perceptivas é nesta fase da alegria o solo fecundo para o desenvolvimento de suas primeiras imagens, sensações e percepções, assim como da sua faculdade de raciocínio. Nessa segunda fase da vida a razão que devemos desenvolver é uma espécie de *razão sensitiva*, que germine das circunstâncias e que "se relacione com seu interesse presente e sensível". Assim, as crianças são capazes de raciocinar muito bem, mas não como imaginamos

que seja, atribuindo a elas conhecimentos que não têm, e "fazendo-as raciocinar sobre o que não são capazes de compreender". Proporcionando-lhes "lições somente da experiência", aprendem pela força das coisas e evita-se que os vícios e os preconceitos possam germinar. (ROUSSEAU, 2009, p. 89 a 94). [9]

---

[9] Inevitável em algum ponto, quando na busca da educação natural, pensarmos nas sociedades ditas por nós "primitivas" quando pensamos neste homem se formando no estado de natureza. Sociedades como as comunidades nativas das Américas, da África, da Ásia, do Polo Norte e da Austrália, por exemplo. Sociedades que tachamos de primitivas e assumimos serem pouco desenvolvidas cultural, social e tecnologicamente. Neste sentido lembramos do que disse Rousseau a esse respeito quando se referindo à idade de ouro e à existência do homem natural em sua plenitude possível:

> O exemplo dos selvagens, que foram encontrados quase todos nesse ponto, parece confirmar que o gênero humano era feito para nele sempre permanecer, que esse estado é a verdadeira juventude do mundo e que todos os progressos ulteriores foram, aparentemente, outros tantos passos para a perfeição do indivíduo e, efetivamente para a decrepitude da espécie. (ROUSSEAU, 1983, p. 264)

Apesar do enorme preconceito que envolve tais comunidades, vistas como "exemplos típicos de formas primitivas de organização social", temos relatos no Brasil de grandes homens, como os irmãos Vilas Boas e Darcy Ribeiro, que tiveram o privilégio de ir muito além da pesquisa e do estudo; de viver entre os "povos índios" e vivenciar as dimensões da existência indígena em sua essência e em profundidade, em diversos desses povos. Comunidades que pra nós, ditos civilizados, parecem viver em um outro tempo. O tempo em que o ser era assim como parecia, quando era possível ser como se é e, natural ser inteiro e íntegro em sua autenticidade. Tempo, talvez para nós hoje em dia meramente hipotético, em que a essência do que se é era o que realmente se expressava no mundo e, por essas mesmas características únicas e peculiares, se era conhecido e reconhecido. Tempo em que se vivia em harmonia com a natureza e com a própria natureza humana.

Darcy Ribeiro em seu livro *Meus índios, minha gente* faz vários relatos comoventes compartilhando as impressões de sua longa convivência com os índios brasileiros. Nas suas palavras: "Gente muito mais capaz que nós de compor existências livres e solidárias." (2010, p.23)

> Foram, porém, outras as razões maiores de meus longos, belos anos de vida de índio, dormindo em redes e esteiras, comendo o que eles comem, eu só, em suas aldeias, contente de mim e deles. (...) *Desde então, até hoje, me pergunto o como e o porquê dos seus modos tão extraordinários de serem tal qual são. (...) ...sua dignidade, inalcançável para nós, de gente que não passou pela mó da estratificação social.* Não tendo sido nem sabido, jamais, de senhores e escravos, nem de patrões e empregados, ou de elites e massas, cada índio desabrocha como um ser humano em toda a sua inteireza e individualidade. Pode, assim, olhar o outro e ser visto por todos como um ser único e irrepetível. Um ser humano respeitável em si, tão só por ser ente de seu povo. Creio mesmo que lutamos pelo socialismo por nostalgia daquele paraíso perdido de homens vivendo uma vida igualitária, sem nenhuma necessidade ou possibilidade de explorar ou ser explorados, de alienar-se e de ser alienados. (RIBEIRO, 2010, p.27,28. Grifo nosso).

Os índios brasileiros são apenas alguns exemplos de sociedades que, em geral, têm na base das relações interpessoais e produtivas regras mais "simples" de convivência. Que vivem prioritariamente no presente e que não costumavam ter perspectivas de acumulação, por exemplo, mas de um equilíbrio entre a necessidade e a produção. Em que as relações de poder e hierarquia e as respectivas funções sociais se construíam dentro do que as circunstâncias e a realidade objetiva apresentavam, dentro das condições mesmas dos seus integrantes, relativas às realidades como se davam.

> Lá, ninguém manda jamais em ninguém. No máximo, um cabeça de família, exercendo discreta liderança, sugere que talvez seja bom fazer, agora, tal ou tal coisa. Alguém pode até querer mandar, mas nunca será obedecido. Rirão dele. (RIBEIRO, 2010, p.29)

Não falamos claro, de uma harmonia estática e sem contradições, mas de relações mais harmônicas em seu equilíbrio dinâmico entre homem e natureza e entre os homens. Não seria este quadro muito próximo do que pode ser uma sociedade que existe sabendo ouvir a voz da

A frequência e continuidade nos exercícios do corpo, em todos os momentos do desenvolvimento contribuem para desenvolver nossas faculdades como um todo, como por exemplo, para formar em nós a *razão sensitiva*, "a única espécie de razão de que a primeira idade é capaz e a mais necessária de todas as idades." Já vimos que o corpo e espírito, ou corpo e mente como costumamos chamar, na educação natural não se separam, mas se educam mutuamente. O desenvolvimento do corpo possibilita as conquistas do espírito e vice versa.

> Esses exercícios continuados, entregues assim à direção apenas da natureza, (...) formam em nós a única espécie de razão de que a primeira idade é capaz, e a mais necessária a todas as idades. Eles nos ensinam a conhecer bem o emprego de nossas forças, as relações entre os nossos corpos e os corpos circundantes, o emprego dos instrumentos naturais que estão ao nosso alcance e que se adaptam aos nossos membros. (...) As primeiras faculdades que se formam e se aperfeiçoam em nós são os sentidos. São, portanto, as primeiras faculdades que seria preciso cultivar; são as únicas que são esquecidas, ou mais desdenhadas.
> Exercitar os sentidos não é apenas fazer uso deles, mas aprender a bem julgar através deles é aprender, por assim dizer, a sentir; (ROUSSEAU, 2009, p. 147, 160).

Sendo assim, não é difícil compreender o mal que fazemos às crianças e aos homens, em mantê-los presos dentro de um quarto ou de uma sala de aula, ao longo do desenvolvimento das suas faculdades, tendo que se comportar "como um adulto" e que manter seu corpo adestrado, praticamente imóvel. Constrói-se uma ilusão em relação ao processo de aprendizagem, tendo a ideia de que "ficar quieto", "manter silêncio" e "sentar de modo elegante", por exemplo, seriam boas condições para que se dê o desenvolvimento das faculdades e da capacidade cognitiva da criança. Grande equívoco que quando pensamos na *educação natural*, ou, como menciona Rousseau, na "maneira de viver dos antigos" pode

---

natureza e seguir o caminho da natureza? Fizemos esse percurso, aparentemente nos distanciando do nosso objeto, com a intenção de ressaltar uma possibilidade real, diferente da proposta hipotética apresentada por Rousseau em Do contrato social, mas, que seja próxima da possível existência e realização do homem na perspectiva do homem natural de Rousseau.

A intenção é também poder vislumbrar e buscar inspiração, em um sistema de formação mais próximo das lições da natureza, que permita a existência humana segundo as leis da natureza, e que, estimule nos homens a vivência e a expressão das condições naturais de liberdade e de autenticidade, por exemplo, assim como de relações interpessoais de igualdade e transparência. Ou seja, trazemos as comunidades ditas primitivas como outro parâmetro possível, complementar à sociedade na era de ouro, ou à hipotética sociedade do *pacto social* do *Contrato* de Rousseau, para pensar uma educação que permita uma formação do homem em sua integridade, enquanto expressão do seu potencial de homem natural, na direção da expressão e desenvolvimento do potencial pleno possível do ser humano, enquanto *inteiro absoluto*.

parecer óbvio, mas que tem se propagado na educação ao longo de séculos e por todos os continentes impunemente. Não falamos apenas dos primeiros anos da infância, ainda que nesse momento a veracidade do princípio fique mais óbvia, já que quando a criança começa a entrar no espaço do mundo, age como um gato no exercício de sua percepção e de sua força. Aprender a bem julgar pelos sentidos é o desenvolvimento germinal do que no homem chamamos de raciocínio, inteligência e consciência.

> Consistindo, portanto, os primeiros movimentos naturais do homem em medir-se com tudo o que o rodeia, e em experimentar em cada objeto que percebe todas as qualidades sensíveis que podem ligar-se a ele, *seu primeiro estudo é uma espécie de física experimental relativa à sua própria conservação*, de que é desviado através de estudos especulativos antes que tenha reconhecido seu lugar aqui na terra. (...) Como tudo o que entra no entendimento vem pelos sentidos, a primeira razão do homem é uma razão sensitiva; é ela que serve de base para a razão intelectual: nossos primeiros mestres são nossos pés, nossas mãos, nossos olhos. Substituir tudo isso por livros não equivale a nos ensinar a raciocinar, mas sim a nos ensinar a nos servirmos da razão de outrem; equivale a nos ensinar a acreditar muito e a nunca saber nada. (...) Para aprender a pensar, devemos portanto exercitar nossos membros, nossos sentidos, nossos órgãos, que são os instrumentos de nossa inteligência; e, para tirar todo o partido possível desses instrumentos, é preciso que o corpo que os abastece seja robusto e são. *Assim, longe de a verdadeira razão do homem formar-se independentemente do corpo, é a boa conformação do corpo que torna fáceis e seguras as operações do espírito.* (ROUSSEAU, 2009, p. 148, 149).

Se ocupar do instrumento para adquirir a ciência, ao invés de dar a ciência cedo às crianças, é a arte do ensino na *educação natural*, “uma arte muito longa” a qual Rousseau pretende que se ensine; “é a arte de ser ignorante, pois a ciência daquele que só acredita saber o que sabe reduz-se a pouquíssima coisa.” Vimos diversos aspectos em que fica claro que em sociedade e pela educação corrompemos o que é natural no homem e o potencial de suas faculdades. “Seus defeitos de corpo e de espírito vêm quase todos da mesma causa: queremos ver as crianças homens antes do tempo.” Deixemos claro ainda, em relação aos exercícios do corpo, que tão importante quanto estes é o tempo de repouso da noite, um longo sono condizente com o exercício extremo. Neste sentido, como em todos, devemos seguir a natureza, e saber que o sono tranquilo e reparador é o sono entre o pôr e o nascer do sol; mas essa, assim como todas as regras nesta educação, devem seguir a primeira delas, que “é poder infringi-las sem

risco quando a necessidade assim o quer.” Especialmente na vida civil, que não é nem simples, nem natural. (ROUSSEAU, 2009, p. 149 a 155).

Poder infringir as regras, desde que a necessidade o queira parece estar em pleno acordo com os princípios da educação natural e em especial com a faculdade da perfectibilidade de que é dotado o homem. Estar apto a facultar o desenvolvimento desta assim como das outras faculdades, especialmente quando pensamos a vida civil, exige que se seja tão disciplinado em seguir o método da natureza, quanto livre para construir novos caminhos. Fundamental para se garantir todo o processo de aprendizagem e formação do novo homem, é que o preceptor cultive a curiosidade, a vontade ou apetite, a vivacidade, a alegria e o prazer. “Percebe-se que não se trata de fazê-la agir pela força, mas de mexer com algum apetite que a leve a agir” e esse apetite deve ser “escolhido dentro da ordem da natureza”. Estes instrumentos são fundamentais; especialmente a “alegria natural, instrumento de êxito seguro de que nenhum preceptor jamais foi capaz de se valer”. (ROUSSEAU, 2009, p. 157).

O hábito mata a curiosidade e a imaginação, as circunstâncias assim como os objetos novos e estranhos, despertam a imaginação que ascende o fogo das paixões, as mesmas que movem nossa curiosidade, nosso desejo e nossas virtudes. Cultivar a alegria, o prazer, jogos e brincadeiras, proporcionando “que ele aprenda a dar todos os passos que favorecem a evolução do corpo”, não é tarefa difícil, já que a criança está sempre pronta a “tudo o que dá movimento ao corpo”, e que são inúmeras as maneiras de fazê-la interessar-se a aprimorar suas faculdades na descoberta e exploração do mundo ao seu redor. (ROUSSEAU, 2009, p. 164 a 173).

O método das crianças é diferente do nosso, o que em nós é a *arte de raciocinar*, nelas é a *arte de ver*. Raciocinar sem um espírito inventivo não leva muito longe. Para aperfeiçoar o raciocínio precisamos fazer uso de nossos órgãos, tirar partido das experiências que nos proporcionam. É fundamental então exercitar todos os órgãos e sentidos do corpo-espírito e aprender a tirar partido deles, o que é uma longa experiência. Aliás, “Só uma longa experiência pode ensinar-nos a tirar partido de nós próprios, e esta experiência é o verdadeiro estudo em que nunca é cedo demais para aplicar-nos” (ROUSSEAU, 2009, p. 181 a 184).

> Se no plano que comecei a traçar, seguis regras diretamente contrárias as que são estabelecidas; se, em vez de levar para longe o espírito de vosso aluno; se, em vez de desorienta-lo continuamente em outros lugares, em outros climas, em outros séculos, nas extremidades da terra e até nos céus, *vos aplicardes a mantê-lo sempre em si mesmo, atento ao que o toca imediatamente, então o vereis capaz de percepção e memória e até de raciocínio: é a ordem da natureza.* À medida que o ser sensitivo torna-se ativo, adquire um discernimento proporcional às suas forças, e é somente com a força que excede aquela de que precisa para conservar-se que se desenvolve nele a faculdade especulativa própria para empregar esse excesso de força em outros usos. Quereis, então, cultivar a inteligência de vosso aluno; cultivai as forças que ela deve governar. *Exercitai de contínuo seu corpo; tornai-o robusto e sadio, para torna-lo sábio e razoável; que ele trabalhe, aja, corra e grite, esteja sempre em movimento; que seja homem pelo vigor, e logo o será pela razão.* (ROUSSEAU, 2009, p. 136, 137 Grifo nosso).

Para se cultivar a inteligência e a faculdade de raciocinar, há que se cultivar então as forças que a inteligência deve governar e, esse cultivo, como o de todas as outras habilidades próprias à condição humana, depende do cultivo dos exercícios do corpo, da percepção, das relações sensório-perceptivas e motoras que lhe possibilitem desenvolver essa espécie de *razão sensitiva* da primeira idade, que é a base para o desenvolvimento da razão intelectual. A criança como o selvagem, que "não obedecendo a ninguém, sem outra lei que não a sua vontade", deve considerar antecipadamente as consequências em todas as situações, deve ser estimulada a raciocinar a cada passo e a cada ação, se ver diante de objetos novos e estranhos, se encontrar em situações nas quais necessite empregar suas forças e sua inteligência no exercício de sua liberdade e curiosidade. "Assim, quanto mais seu corpo se exercita, mais seu espírito se ilumina; sua força e sua razão crescem juntas e se ampliam uma à outra." Esse equilíbrio dinâmico em que corpo e espírito se desenvolvem parece estar no cerne do projeto educacional de Rousseau. (ROUSSEAU, 2009, p. 137, 138).

Lembrando o título de sua obra, *Os devaneios do caminhante solitário*, e o quanto Rousseau costumava caminhar, podemos imaginar a importância da caminhada para ele. O pensamento de Rousseau é um pensamento em movimento, o título contém a ideia da flexibilidade e do movimento do seu pensamento. Vale lembrar uma nota de Rousseau para falar das limitações da língua e da dificuldade no uso das palavras, explicando que em vários momentos necessita utilizar-se da mesma palavra para significar coisas distintas. Alerta que o leitor deve procurar a acepção das palavras diretamente no período do texto em

que está sendo utilizada. Raciocínio é uma destas palavras que ele utiliza com variações no sentido, mas em relação ao momento do texto, e que por vezes podem parecer contraditórias no todo. Por isso procuramos, nesta em outras situações, evidenciar a acepção que as palavras assumem no desenvolvimento das suas ideias, através de extensas citações. Não cabe, porém prolongar-nos em tantos detalhes, posto que nosso objetivo ainda seja o de buscar uma visão geral do seu método. Método que também se desenvolve com essa qualidade de flexibilidade e movimento que são próprios do pensamento do autor.

> Assim seu corpo e seu espírito exercitam-se ao mesmo tempo. Agindo sempre de acordo com seu pensamento, e não com o de outra pessoa, une continuamente as duas operações; quanto mais forte e robusto se torna, mais sensato e judicioso fica. Esse é o meio de um dia obter o que acreditamos ser incompatível e o que quase todos os grandes homens reuniram, a força do corpo e a força da alma, a razão de um sábio e o vigor de um atleta.
> Jovem professor, prego-vos uma arte difícil, a de educar sem preceitos e de tudo fazer sem nada fazer. (ROUSSEAU, 2009, p. 139).

Dedicar tempo às asas do desenvolvimento da infância, permitir que exerça sua liberdade natural e que seu gênio e sua natureza nos mostrem o caminho do equilíbrio para o cultivo excelente de suas faculdades, educando sem preceitos nem sermões, mas com exercícios e experiências, não é algo em que costumamos pensar e por isso pode parece difícil ou quimérico. É certo que para se chegar a estar apto a formar esse *homem raro*, feliz em sua constituição, é preciso que tenha o preceptor as qualidades e as “luzes necessárias” para exercer tal ofício. E que siga atentamente, e com precisão, aos caminhos e regras da natureza.

> Deixando-a assim dona de suas vontades, não incentivarei seus caprichos. Fazendo sempre apenas o que lhe convém, logo ela só fará o que deve fazer, e, embora seu corpo esteja em contínuo movimento, quando se tratar de seu interesse presente e sensível vereis toda a razão de que é capaz desenvolver-se bem melhor e de uma maneira bem mais apropriada a ela do que em estudos de pura especulação. (ROUSSEAU, 2009, p. 141).

A razão verdadeira, essa arte de raciocinar que se compõe de todas as outras faculdades do homem, que se inicia como uma *razão sensitiva* e vais se desenvolvendo como *razão intelectual* sem perder suas dimensões sensitivas, é o

que se convencionou chamar de *razão esclarecida* em Rousseau. Fala de uma racionalidade e de uma inteligência que não estão presas ao raciocínio intelectual como costumamos compreender, mas a uma inteligência e uma consciência que incluem o corpo, a corporeidade, as faculdades sensíveis, perceptivas entre outras que não provavelmente nem podemos nomear.

O equilíbrio necessário entre força e vontade, entre o excesso e a falta, entre o potencial das faculdades e o exercício da liberdade, entre os exercícios do corpo e os exercícios do espírito, entre a razão sensitiva e a razão intelectual, ou seja, este equilíbrio dinâmico que deve reger a educação natural está nos movimentos da natureza, com quem o aluno, mas antes o preceptor, devem estudar e aprender. O mestre é a natureza, preceptor e aluno são discípulos do mesmo mestre; conhecer, seguir e colaborar com os caminhos da natureza, impedindo "que seus esforços sejam contrariados" na formação do aluno é o desafio do preceptor, que deve ser "tão jovem quanto pode sê-lo um homem sábio." (ROUSSEAU, 2009, p. 30). Vejamos as qualidades e as *luzes* de que necessita para bem exercer este ofício e permitir que a infância amadureça na criança, no exercício do que quer a constituição humana, no cultivo de seu *inteiro absoluto*.

> ...é fundamental que a criança tenha um "bom preceptor", de "alma sublime", que seja um homem virtuoso no seu compromisso, nobre de espírito e consciente da sua principal missão: a de estudar com o primeiro mestre – a natureza, e proporcionar que a criança seja educada por este mestre. Que esteja sempre acompanhando, muito atentamente cada passo, protegendo, direcionando o aprendizado e não permitindo que a criança crie maus hábitos. Ainda e, essencialmente, que tenha sabedoria, sensibilidade e compromisso suficientes, para saber se o aluno "está seguindo o progresso da infância e a marcha natural do coração humano". (...) "trata-se menos, para ele, (o precepteur ou gouverneur), de instruir do que de dirigir. Não deve dar preceitos, e sim fazer com que eles sejam encontrados." (2009, p. 31).
>
> Portanto, o preceptor deve permitir à distância, que a criança vivencie as regras da natureza, exercendo plenamente a sua condição natural: "o reinado de sua liberdade e o uso de suas forças, deixando em seu corpo o hábito natural, colocando-a em condições de sempre ser senhora de si mesma e de fazer em todas as coisas a sua vontade, assim que a tiver." (2009, p. 49). (MACIEL, Ceila Portilho, 2013, ANPED Anais, p.6).

É importante lembrar que "antes de ousar empreender a formação de um homem, é preciso ter-se feito homem; é preciso ter em si o exemplo que se deve propor". (ROUSSEAU, 2099, p. 99) O preceptor estuda antes com o mestre

natureza, e nessa perspectiva precisa formar-se homem antes de ser preceptor. “Nunca é demais repetir que, para ser o mestre da criança, é preciso ser mestre de si mesmo.” (Ibid. p. 102) Mas para formar-se preceptor na educação natural, só é possível, no processo de formação do aluno dentro dessas premissas, já que nas circunstâncias mesmas é que é possível desenvolver o que ainda não está dado. Na *educação negativa* ou natural o preceptor é fundamentalmente aquele que observa e colabora para que a aprendizagem siga o curso da natureza, dirige o aprendizado segundo as regras da natureza, e, no fluxo das necessidades e da curiosidade do aluno diante da vida. O preceptor nada ensina, nada impõe, mas garante que o processo do aprendizagem siga o curso da natureza, dentro das circunstâncias e de acordo com as necessidades, com o gênio e as capacidades do aprendiz. “... trata-se menos, para ele, de instruir do que de dirigir. Não deve dar preceitos, e sim fazer com que eles sejam encontrados.” (Ibid. p. 31). A chamada *educação negativa*, então, em nenhum momento pretende deixar a criança abandonada á própria sorte ou facilitar a realização dos seus desejos. Ao contrário, no caminho da educação da natureza a liberdade se equilibra com a conquista da autonomia e da capacidade perfectível. A vontade se põe em curso de acordo com a força natural e no desenvolvimento das faculdades naturais. Para seguir esse caminho da natureza e permitir que o desenvolvimento natural das faculdades aconteça realmente, qual seria “a maior, a mais importante, a mais útil regra de toda a educação? Não se trata de ganhar tempo, mas de perdê-lo.” (ROUSSEAU, 2009, p. 96).

> Consiste não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro. (...) começando por nada fazer, teríeis feito um prodígio de educação. (...) Exercitai seu corpo, seus órgãos, seus sentidos e suas forças, mas conservai sua alma no ócio tanto tempo quanto possível. (...) Considerai como vantagens todas as demoras: ganha-se muito quando se avança para o final sem nada perder. Deixai que se amadureça a infância nas crianças. (...) Sacrificai na infância um tempo que ganhareis com juros numa idade mais avançada. (ROUSSEAU, 2009, p. 97, 98).

Não há dúvidas de que “a instrução das crianças é uma profissão em que é preciso saber perder tempo para poder ganha-lo.” Perder tempo parece nos falar do que hoje chamamos de ócio criativo, uma ideia talvez inspirada no exemplo de uma prática fundamental na formação entre os gregos: o tempo livre;

o tempo da contemplação, da reflexão, da maturação e do desenvolvimento do conhecimento. Na educação natural o conhecimento se constrói no exercício de todas as faculdades do homem de forma integrada e progressiva, desde o aprendizado dos sentidos e infinitamente, processo que, porém, especialmente em seu início precisa de tempo e de presença. Rousseau nos mostra progressivamente o caminho para o cultivo do *inteiro absoluto* do homem. Exercitando o corpo, os órgãos, os sentidos e as forças, "deixai primeiro o germe de seu caráter em plena liberdade para se mostrar, não o constranjais a seja o que for, para melhor vê-lo por inteiro." Conhecer o *gênio particular da criança*, para saber "que regime moral lhe convém" e a *forma própria*, segundo a qual seu espírito "precisa ser governado". (ROUSSEAU, 2009, p. 175, 98).

> devemos presumir que conheceis a marcha natural do coração humano e que sabeis estudar o homem e o indivíduo; que sabeis antecipadamente a que se dobrará a vontade de seu aluno diante de todos os objetos interessantes que lhe mostrareis. Ora, dispor dos instrumentos e saber como emprega-los não é ser senhor da operação? (ROUSSEAU, 2009, p. 141, 142).

Nesse *tempo de liberdade*, em que o *germe do caráter* se desenvolve, vimos que é fundamental que se cultive o exercício de suas faculdades como um todo, através dos movimentos e das experiências a que suas necessidades, suas curiosidades e sua realidade o levem, dentro das circunstâncias e em relação aos diferentes objetos a que o preceptor o conduzir. Porém, não se pode perder de vista que tanto o excesso de rigor quanto o excesso de indulgência devem ser evitados. "...vós as tornais delicadas, sensíveis; vós as retirais de sua condição de homens, à qual tornarão apesar de vós. Para não as expordes a alguns males da natureza, forjais os males que ela não lhes deu." (ROUSSEAU, 2009, p. 85).

> Tornarei miserável vosso filho expondo-o apenas aos incômodos que ele quiser suportar? Ajo para o seu bem no momento presente, deixando-o livre; ajo para o seu bem no futuro, armando-o contra os males que deverá suportar. Se ele pudesse escolher entre ser meu aluno ou vosso, achais que ele hesitaria um instante?
> Concebeis alguma verdadeira felicidade possível para algum ser fora de sua constituição? E não equivale a sair o homem de sua constituição querer afastá-lo igualmente de todos os males de sua espécie? Sim, eu afirmo: para sentir os grandes bens, ele deve conhecer os pequenos males. Assim é a natureza. (ROUSSEAU, 2009, p. 85, 86).

Vimos que a *educação natural* tem como alvo cultivar o desenvolvimento do homem em acordo com a natureza, com a ordem natural e com o que é natural no homem, suas necessidades, disposições naturais, seu gênio particular. Os instintos, as disposições naturais, o corpo e os sentidos são nossos primeiros mestres. A necessidade, o instinto e a curiosidade são nossos guias. Os primeiros movimentos da natureza são sempre direitos, basta-nos não contrariar o fluxo natural do desenvolvimento e garantir que a "infância amadureça na criança". (ROUSSEAU, 2009, p. 97).

> Não se trata de ensinar-lhe as ciências, mas de dar-lhe o gosto para amá-las e métodos para aprendê-las quando este gosto estiver mais desenvolvido. Este é com toda a certeza um princípio fundamental de toda boa educação. (ROUSSEAU, 2009, p. 97).

É fundamental mantê-la sempre em si, sempre no momento presente e aprendendo a lidar com suas forças em cada nova circunstância. O hábito forma para nós uma *segunda natureza*, o *homem do homem*. Se na primeira fase até os dois anos foi necessário evitar que se formem hábitos de toda sorte. Na segunda fase, dos dois aos doze anos, além de se evitar os hábitos nocivos e que vão contra a natureza, devemos pelo exemplo e pela necessidade, cultivar os hábitos de acordo com o que queremos que se desenvolva. Sem nos apressar em "fixar em seu espírito sinais convencionais", e, principalmente em tudo não lhe incutindo hábitos e formas que seriam difíceis de mudar caso fosse preciso. "O único hábito útil às crianças é sujeitar-se sem problemas à necessidade das coisas, e o único hábito útil aos homens é sujeitar-se sem problemas à razão. Qualquer outro hábito é um vício." Rousseau aprofunda suas observações sobre o desenvolvimento dos sentidos e nas relações entre eles, com exemplos práticos detalhados de como encaminhar o desenvolvimento nas diferentes fases da educação natural. "Em todas as coisas, nada de supérfluo". (ROUSSEAU, 2009, p. 184 a 206).

> Resta-me falar nos livros seguintes da cultura de uma espécie de sexto sentido, chamado senso comum, menos por ser comum a todos os homens do que por resultar do uso bem regrado dos outros sentidos, e por nos instruir a respeito da natureza das coisas com o auxílio de todas as suas aparências. Esse sexto sentido, por conseguinte não tem órgão particular; reside apenas no cérebro, e suas sensações, puramente internas, chamam-se percepções ou ideias. A extensão de nossos

> conhecimentos mede-se pelo número dessas ideias, e é sua nitidez, sua clareza que faz a justeza do espírito; é a arte de compará-las entre si que chamamos razão humana. Assim, o que eu chamava de razão sensitiva ou pueril consiste em formar ideias simples, com o auxílio de várias sensações, e o que chamo de razão intelectual ou humana consiste em formar ideias complexas com o auxílio de várias ideias simples. (ROUSSEAU, 2009. p. 201, 202).

Rousseau contempla então ao final do segundo livro, a criança hipotética que se forma e lhe agrada a visão de seu aluno. Descreve as características, aspectos e a constituição que deve ter Emílio, ou qualquer aluno formado pela *educação natural*. Saudável, seguro, alegre, sereno, rápido, vivaz, firme, independente e livre. Um aluno senhor de si mesmo, sempre pronto para tudo, e em tudo o que faz mostra interesse e liberdade. “Assim, não espereis dele discursos ditados, nem maneiras estudadas, mas sempre a expressão fiel de suas ideias e o comportamento que nasce de suas inclinações.” Da criança educada dessa maneira podemos dizer que “a natureza está às suas ordens” é uma criança que comparada à criança educada nas escolas da sociedade, “mais se aproxima da perfeição de sua idade.” (ROUSSEAU, 2009, p. 203 a 208).

> Ele chegou à maturidade da infância, viveu a vida de uma criança, não comprou a perfeição à custa de sua felicidade; pelo contrário, concorreram uma para a outra. Adquirindo toda a razão de sua idade, ele foi tão feliz e livre quanto lhe permitia a sua constituição. (ROUSSEAU, 2009, p. 208).

Estabelecidos os principais fundamentos, regras e máximas que norteiam a *educação natural*, chegamos ao final da segunda fase da infância. Até aqui nos parece que estão dadas as fundações e as vigas dessa arquitetura ou deste sistema desenvolvido por Rousseau, que esperamos ter podido observar em sua totalidade. No terceiro livro, Rousseau desenvolve a reflexão e os parâmetros que devem nortear a terceira fase da infância, a partir dos doze ou treze anos. Não pretendemos nos aprofundar nos detalhes dessa fase, mas, apenas versar sobre as características específicas deste estado, para situar melhor o contexto em que Rousseau trás as próximas máximas e referências, que são um desenvolvimento das anteriores, e que vão dar o norte para a continuidade do processo de formação, que tem como alvo a *educação da natureza*, na maturidade da infância. Regras e máximas que são complementares às anteriores e indispensáveis para completar a arquitetura desse projeto

pedagógico, assim como para ter em mente em todos os momentos do desenvolvimento da criança na formação desse *novo homem*.

Se a fraqueza do homem vem da desigualdade entre sua força e seus desejos, “Nossas paixões tornam-nos fracos, pois para satisfazê-las precisaríamos de mais forças do que as que a natureza nos deu”. Sabendo que a verdadeira liberdade e felicidade se tornam possíveis no equilíbrio entre potência e vontade e levando-se em conta que “Aos doze ou treze anos, as forças da criança desenvolvem-se bem mais rapidamente do que suas necessidades” é preciso bem empregar esse “excedente de faculdades e forças”. Um período muito curto “o de sua maior força relativa. É o tempo mais precioso da vida.”. É o momento em que a criança deve fazer provisões para o tempo em que lhe faltarão as forças e faculdades, provisões essas que devem ser armazenadas “em seus braços e em sua cabeça” e não em cofres ou celeiros. “É, portanto, o tempo dos trabalhos, da instrução, dos estudos; observai que não sou eu quem faz arbitrariamente essa escolha, mas é a própria natureza quem a indica.” Tendo em vista os limites da inteligência humana, e a variedade inesgotável de conhecimentos, verdades e erros, há que se fazer escolhas em relação ao tempo e às coisas a ensinar. (ROUSSEAU, 2009, p. 211 a 213).

> Dos conhecimentos que estão ao nosso alcance, uns são falsos, outros são inúteis e outros servem para alimentar o orgulho de quem os tem. Os poucos que realmente contribuem para nosso bem-estar são os únicos dignos das pesquisas de um homem sábio e, portanto, de uma criança que queiramos tornar sábia. Não se trata de saber o que existe, mas apenas o que é útil. (ROUSSEAU, 2009, p. 213).

Já vimos que o homem não se perde por não saber, mas por crer saber, e que não adianta imprimirmos na criança conhecimentos que não são seus de verdade, posto que eles, de nada lhe servirão se não souber usá-los, se não houver compreendido pela experiência a natureza das suas relações. “Até agora não conhecemos outra lei que não a da necessidade; agora nos deparamos com o que é útil; logo chegaremos ao que é conveniente e bom.” É fundamental então não impor os atrativos de conhecimentos inúteis e das “vãs ciências”. “Suprimamos, pois, de nossos primeiros estudos também os conhecimentos cujo gosto não é natural ao homem, e limitemo-nos àqueles que o instinto nos leva a procurar”. (ROUSSEAU, 2009, p. 214, 215).

> O mesmo instinto anima as diversas faculdades do homem. À atividade do corpo, que procura desenvolver-se, segue-se a atividade do espírito, que procura instruir-se. No começo as crianças são apenas irrequietas, depois se tornam curiosas; e essa curiosidade, quando bem dirigida, é o motivo da idade que chegamos. Distingamos sempre as inclinações que vem da natureza daquelas que vem da opinião. Existe um ardor de saber que só se baseia no desejo de ser considerado instruído; existe outro que nasce de uma curiosidade natural ao homem por tudo que pode dizer-lhe respeito de perto ou de longe. O desejo inato do bem-estar e a impossibilidade de satisfazer plenamente tal desejo faz com que ele procure sem cessar novos meios de contribuir para isso. Este é o primeiro princípio da curiosidade, princípio natural ao coração humano, mas cujo desenvolvimento só se faz proporcionalmente a nossas paixões e a nossas luzes. (ROUSSEAU, 2009, p. 215).

Nesse *estado de potência e força*, com o progresso de nossas forças e as *inclinações de nosso espírito* movidas pela curiosidade, é o momento em que "o desejo de ampliar nosso ser leva-nos além e faz com que nos arremessemos tão longe quanto possível". Neste momento nossas observações e estudos devem se relacionar com a terra ou com o sol, como na "filosofia de todos os povos selvagens"[10], já que "o mundo intelectual ainda nos é desconhecido, o pensamento não vai mais longe do que os olhos, e o entendimento só se amplia com o espaço que mede." Buscar no seu entorno, nas coisas que despertam as inclinações de sua alma, que estando ligadas às suas necessidades, lhe inspirem a curiosidade natural; porém é preciso manter-nos sempre atentos a não buscar comunicar relações e impressões em que seja "preciso uma experiência que ela ainda não adquiriu, sentimentos que não experimentou." Assim, sem nunca força-la a prestar atenção, encontrar os caminhos da sua curiosidade, lentamente, à cada *ideia sensível*. Apresentando os objetos de modo correto, quando vier a curiosidade, "dirigi-lhe alguma pergunta lacônica que a coloque no caminho da resposta." Sem palavras, descrições, eloquência, figuras ou poesia, procurando não substituir a coisa pelo signo sempre que possível, levar a criança na busca do conhecimento fazendo com que sempre busque a resposta por si mesma. (ROUSSEAU, 2009, p. 215 a 220).

---

[10] Em distintas passagens de *Emílio*, Rousseau faz menção aos povos selvagens como referência de um caminho de formação nos trilhos da educação da natureza. Mesmo que as informações que ele teve chegassem de escritos esparsos sobre o *novo mundo*, e as civilizações ditas primitivas, não fica dúvidas ao leitor atento que essa é uma referência imprescindível para que ele formule seus princípios de uma educação natural.

> Transformemos nossas sensações em ideias, mas não saltemos de repente dos objetos sensíveis para os objetos intelectuais. É pelos primeiros que devemos chegar aos outros. Nas primeiras operações do espírito, sejam os sentidos sempre seus guias; nenhum livro além do livro do mundo, nenhuma instrução a não ser os fatos. A criança que lê não pensa, só lê; Não se instrui, aprende palavras.
> Tornai vosso aluno atento aos fenômenos da natureza e logo o tornareis curioso: mas para alimentar sua curiosidade, nunca vos apresseis em satisfazê-la. Colocai questões ao seu alcance e deixai que ele a resolva. Que nada ele saiba porque lho dissestes, mas porque ele próprio compreendeu; não aprenda ele a ciência, mas a invente. (ROUSSEAU, 2009, p. 216).

No livro do mundo em que a criança se educa, a razão sensitiva e a razão intelectual, as percepções sensíveis e as primeiras operações do espírito se desenvolvem naturalmente. Estimular a criança a fazer-se as perguntas e a encontrar as respostas por si mesma, tornando-a capaz de inventar a ciência é o caminho certeiro na educação natural, para que possam desenvolver-se suas faculdades em seu potencial excelente. É preciso que ela conviva com uma *verdade sensível* que a inquiete, durante dias, para que possa estar atenta e receptiva a essa verdade para a qual queremos despertar sua curiosidade, e, no desvelamento da qual queremos que empregue e desenvolva suas faculdades e conhecimentos. É importante que ela faça por si mesma todos os instrumentos que possam ajudar na resolução das situações advindas da curiosidade ou da necessidade, e, ainda que seja preciso guia-las um pouco, não devemos corrigir os seus erros, mas aguardar que os enxergue e os corrija, ou no máximo conduzi-la a isso. “Lembrai sempre que o espírito de minha educação não é ensinar à criança muitas coisas, mas não deixar jamais entrar em seu cérebro ideias que não sejam claras e justas.” (ROUSSEAU, 2009, p. 218 a 221).

> Durante a primeira idade, o tempo era longo, procurávamos apenas perdê-lo, temendo empregá-lo mal. Agora acontece exatamente o contrário, e não temos tempo suficiente para fazer tudo o que seria útil. Considerai que as paixões se aproximam e que, assim que baterem à porta, vosso aluno só terá atenção para elas. A idade tranquila da inteligência é tão curta, passa tão depressa, tem tantos outros usos necessários, que é loucura querer que ela baste para tornar douta uma criança*. Não se trata de ensinar-lhe as ciências, mas de dar-lhe o gosto para amá-las e métodos para aprendê-las quando esse gosto estiver mais desenvolvido. Este é com toda certeza um princípio fundamental de toda boa educação*. (ROUSSEAU, 2009, p. 222. Grifo nosso).

Os estudos e os trabalhos, não têm o objetivo de doutrinar o aluno, ao contrário, devemos protegê-las dos erros e dos preconceitos incutidos por

conhecimentos que não são seus e que não sejam ideias claras e justas que desenvolveu por si próprio, já que a razão e o juízo se constroem lentamente, mas os preconceitos vêm aos montes. “Eis o tempo também de acostumá-lo aos poucos a prestar uma atenção contínua ao mesmo objeto. Mas nunca é a obrigação, é sempre o prazer ou o desejo que deve produzir essa atenção”. Como nas fases anteriores o prazer, o desejo e a curiosidade também devem guiar as lições quando a criança começa a raciocinar; neste momento, “devemos prestar menos atenção às palavras que ele diz do que ao motivo que o faz falar. Essa advertência, até aqui menos necessária, torna-se de primeira importância”, já que não se trata de seguir uma “cadeia de verdades gerais” como a das ciências e dos filósofos, mas sim cultivar as motivações regidas por outra ordem. (ROUSSEAU, 2009, p. 222, 223).

> Há uma cadeia totalmente diferente, pela qual cada objeto particular atrai outro e sempre mostra o que lhe segue. Essa ordem, que alimenta através de uma curiosidade contínua a atenção que todos exigem, é a que a maioria dos homens segue e, sobretudo, a que as crianças precisam. (ROUSSEAU, 2009, p. 223).

Quando progride em inteligência, começando a conhecer o suficiente a si mesma e a compreender no que consiste seu bem-estar e o que lhe convém ou não, começa a compreender o valor do tempo, a ser capaz de prever suas necessidades antes de senti-las. “A lei da necessidade cedo ensina o homem a fazer o que não gosta para prevenir um mal que lhe desagradaria ainda mais. Este é o uso da previdência, e da previdência bem ou mal ordenada nasce toda a sabedoria ou toda a miséria humana.” Anteriormente faláramos de uma previdência excessiva e relacionada a *necessidades de fantasia* ou que se projeta para um futuro que pode não existir, uma previdência mal ordenada, artificial, que nos leva à miséria; aqui, porém falamos da previdência bem ordenada, a previdência natural ligada ao desejo de todo homem de ser feliz. “A felicidade do homem natural é tão simples quanto a sua vida, e consiste em não sofrer; a saúde, a liberdade e o necessário a constituem.” Na busca da felicidade a previdência deve também seguir os princípios do equilíbrio e das máximas *sempre bastante* e *nunca demais*. (ROUSSEAU, 2009, p. 232).

Na maturidade da infância, “essa idade feliz, em que não se conhece outra felicidade que não o necessário e a liberdade”, temos a razão e o juízo se desenvolvendo lentamente, a inteligência e a consciência de si já avançadas, a criança tem uma melhor compreensão do entorno e das relações que se estabelecem entre as ideias advindas das experiências e dos conhecimentos que adquiriu por si própria; mas ainda assim não devemos apresentar tão cedo à ela, nada que se relacione “com a *ordem moral* e com os bons costumes da sociedade (...), pois não estão em condições de compreendê-lo.” Nada pode ser bom pra criança se ela não sente que é bom e se não tem nenhum interesse. Ensinar as crianças no tempo certo, tudo o que é útil à sua idade e que ela possa compreender por si própria, *“pois nossos verdadeiros mestres são a experiência e o sentimento, e o homem só sente bem o que convém ao homem nas relações em que se acha. (...) Todo o meu livro não passa de uma prova contínua desse princípio de educação.”* Compreendido bem esse princípio fundamental, cabe, porém à criança desejar, procurar e encontrar o que deve aprender, cabendo então ao preceptor “fazer habilmente nascer esse desejo e fornecer-lhe os meios de satisfazê-lo.” Esse parece ser o eixo central para a aplicação do método de Rousseau no caminho da educação natural e do desenvolvimento inteiro absoluto. O *mundo moral*, seguindo o mesmo princípio, deve ser apresentado segundo as necessidades e as circunstâncias somente na medida do entendimento e do interesse da criança. Ao preceptor cabe o desafio de ater-se às coisas, e não às palavras, especialmente as que a criança não possa compreender. “Nunca terei repetido suficientemente que damos poder demais às palavras. Com nossa educação tagarela, só criamos tagarelas.” Um terreno fértil para erros, preconceitos e falsas morais. As coisas, e os atos, são o caminho certeiro para a prática no método da educação natural. Falar através das ações e não do discurso; “só dizer aquilo que não podemos fazer”, conduzi-la com sutileza às perguntas e respostas que ela mesma deve desenvolver e a criança se lembrará da lição por toda a vida. Essa deve ser a prática constante do preceptor. (ROUSSEAU, 2009, p. 233 a 245).

> No curso das ideias morais, nunca podemos avançar com demasiado vagar, nem nos firmar bem demais em cada passo. Jovens mestres, peço-vos que penseis nesses exemplos e vos lembreis de que em todas

> as coisas vossas lições devem consistir mais em atos do que em palavras, pois as crianças facilmente se esquecem do que disseram e do que lhes dissemos, mas não do que fizeram e do que lhes fizemos. (ROUSSEAU, 2009, p. 107).

Entrando-se no *mundo moral*, abre-se a porta para o vício. “Com as convenções e os deveres nascem os enganos e a mentira”. Uma moral imposta, externa ao homem, um dever ou obrigação não reconhecidos ou não compreendidos, assim como os castigos e punições favorecem o cultivo de promessas e mentiras. A criança deve sentir ela própria, nas situações criadas, o incômodo que suas ações podem causar e sofrer as consequências do que fizer que seja prejudicial a si própria, a algo ou a alguém. Sem castigos, mas com o peso das consequências, o preceptor deve sutilmente conduzi-la a construir por si as ideias e as relações que a levem aos ensinamentos e conhecimentos pretendidos. “A única lição de moral que convém à infância, e a mais importante em todas as idades, é a de nunca fazer mal a ninguém.”. Enquanto não o fazem por discernimento e por amor ao bem, cultivar nelas, através do exemplo e dos atos, os hábitos que queremos que imitem. (ROUSSEAU, 2009, p. 107 a 115).

O cultivo das virtudes segue o mesmo princípio que seguimos em relação à moral. “A constância e a firmeza são, assim como as outras virtudes, aprendizados de infância, mas não é ensinando seus nomes às crianças que faremos com que elas aprendam, mas sim fazendo-as prová-las, sem que saibam o que seja.” É então pelas ações, pelo exemplo e pelo hábito cultivado que se pode levar a criança a compreender as poucas lições morais, e a desenvolver as virtudes, próprias dessa idade. Como sempre é fundamental lembrar que não há mal no que ela não entende, mas no que acredita compreender. É preciso ensinar às crianças, primeiro, sempre as coisas em si mesmas, antes de ensinar “o que são a nossos olhos”. De forma semelhante podemos pensar em relação a outros aspectos, como os sentimentos, por exemplo; “antes de instruí-la sobre nossos sentimentos, começai por ensiná-la a apreciá-los.” Em relação ao juízo, como vimos anteriormente, “é preciso bem formar os seus juízos, em vez de lhe ditar os nossos”, cultivando assim no aluno a capacidade de bem julgar. “*É pela relação sensível com a utilidade, com a segurança, com a conservação e com o bem-estar que ele deve julgar todos os corpos da natureza e todos os trabalhos dos homens*.” Há uma relação clara na forma de conduzir o cultivo dos sentimentos,

virtudes, valores e da moral. Que sejam valores construídos pelos atos e circunstâncias práticas, pelo exemplo, pela vivência e ou pela contemplação, mas que sejam cultivados enquanto valores que crescem dentro do seu espírito e não por convenção ou obrigação. (ROUSSEAU, 2009, p. 158, 248, 249).

> Em todas as coisas, é importante expor bem os usos antes de mostrar os abusos. (...) Para quantos objetos interessantes não podemos dirigir assim a curiosidade de um aluno, sem jamais abandonar as relações reais e materiais que estão ao seu alcance, nem permitir que ponha na sua mente uma única ideia que não possa conceber! A arte do mestre consiste (...) em aproximá-la continuamente das grandes relações que um dia deverá conhecer para bem julgar sobre a boa e a má ordem da sociedade civil. (ROUSSEAU, 2009, p. 253).

São inúmeras as passagens em que Rousseau propõe exemplos práticos em relação ao seu método, e também os momentos em que descreve casos, conta histórias e faz comentários por vezes aparentemente soltos ou contraditórios; não há dúvidas de que qualquer um que queira se aprofundar nos caminhos da *educação natural*, deve se ater aos exemplos e observações relativas tanto quanto às máximas e princípios que o autor evidencia. Este trabalho não se propôs a examiná-los especialmente, mas a tê-los como referência ao dissertar sobre os princípios e observações do autor. Em relação ao exemplo da criança que quebra a vidraça e depois assume, por si, o compromisso de não fazê-lo mais, o autor afirma em uma nota:

> De resto, mesmo que este dever de manter seus compromissos não estivesse fortalecido no espírito da criança pelo peso de sua utilidade, logo o sentimento interior, começando a despontar, impô-lo-ia como uma lei da consciência, como um princípio inato que para se desenvolver só espera os conhecimentos aos quais se aplica. Esse primeiro traço não é feito pela mão dos homens, mas é gravado em nossos corações pelo autor de toda justiça. (ROUSSEAU, 2009, p. 108).

Nenhum objeto pode ser melhor que a curiosidade e nenhum texto ser melhor instrução que as situações reais e sensíveis que o façam pensar, refletir, calcular e inquietar-se. No exemplo do abundante jantar, na casa rica, para o qual tantas mãos ausentes e servis colaboraram em relação ao jantar simples e rústico, na casa do camponês, em que a família produzira todos os bens que estão à mesa e os serve e sorve com alegria, apenas uma pergunta inquietadora e nenhuma resposta por dias, são suficientes para conduzir Emílio às primeiras

reflexões em relação à desigualdade em sociedade, por exemplo. Há que se ter sempre em mente o que Rousseau enfatiza inúmeras vezes: “tomei como lei inviolável nada exigir cuja razão não estivesse ao seu alcance”. (ROUSSEAU, 2009, p. 253 a 256).

> Meus exemplos, bons talvez para um assunto, serão maus para mil outros. Se seu espírito for captado, saber-se-á variá-lo como for preciso; a escolha depende do estudo do gênio de cada um, e esse estudo depende das ocasiões que lhe são oferecidas para se mostrar. Não se imagine que, no espaço de três ou quatro anos que devemos ocupar, possamos dar à criança nascida nas melhores condições uma ideia de todas as artes e de todas as ciências naturais que seja suficiente para um dia ela poder aprendê-las por si mesma, mas, ao fazermos com que assim passem diante dela todos os objetos que lhe importa conhecer, damos-lhe a oportunidade de desenvolver seu gosto e seu talento, de dar os primeiros passos na direção do objeto a que seu gênio a leva e de indicar-nos o caminho que precisamos abrir para auxiliar a natureza.
> Outra vantagem desse encadeamento de conhecimentos limitados, mas exatos, é mostrar-lhe tais conhecimentos por suas ligações, por suas relações, de colocá-los todos em seu lugar na sua estima e de evitar os preconceitos que a maioria dos homens tem a favor dos talentos que cultivam e contra os que deixaram de lado. (...) De qualquer forma, meu método é independente de meus exemplos. Baseia-se na medida das faculdades do homem nas diferentes idades e na escolha das ocupações que convêm às suas faculdades. (ROUSSEAU, 2009, p. 256).

Nessa idade de superabundância de forças, formam-se aos poucos as ideias das relações sociais na mente da criança. Até aqui se fez “uma provisão de instrumentos de toda espécie”, dando condições para que possa preencher sua *condição de homem* na sociedade. A educação natural deve afinal, formar homens, capazes de ser tudo. Sob essa perspectiva se deve pensar o ofício ou a arte a que o aluno deve se aplicar; um ofício que dê a ele condições de exercer um trabalho, dever de todo homem em sociedade; um oficio que não o faça dependente dos homens, mas o conserve dependente apenas das coisas e de si mesmo, suas faculdades e conhecimentos, sua capacidade de buscar a verdade das coisas. “Recordai-vos de que não é um talento que vos peço, mas um ofício, uma arte puramente mecânica, em que as mãos trabalham mais do que a cabeça e que não leva à riqueza, mas com o qual podemos dispensá-la”. Trata-se neste momento de aprender uma profissão, útil e honesta, entre as profissões que dependem de um homem só para ser realizada; garantindo assim que não dependa da vontade de ninguém para estar em condição de exercer seu ofício, garantindo sua independência entre os

homens. Esse é o espírito que deve guiar o aluno na escolha da profissão, entre outros aspectos importantes desenvolvidos; como por exemplo, a indicação de que dentro do possível, se faça a escolha de acordo com suas inclinações, conveniência e prazer. Para tanto, preceptor e aluno devem, antes, trabalhar como aprendizes por um dia em oficinas de variados ofícios, para que ele possa conhecer a mecânica das artes, e para que nesse percurso se possa observar seus talentos; tendo assim a vantagem de poder estudar "seus gostos, suas inclinações e de ver brilhar a primeira fagulha de seu gênio, se tiver algum bem pronunciado." Uma profissão que possa servir à Robinson Crusoé em sua ilha. (ROUSSEAU, 2009, p. 261 a 271).

O livro do mundo é o primeiro e mais importante livro na educação natural, mas, "Já que precisamos absolutamente de livros, existe um que oferece, a meu ver, o melhor tratado de educação natural. Será o primeiro livro que Emílio lerá;" este livro é Robinson Crusoé. Ainda que Emílio não se encontre na condição do náufrago isolado em sua ilha, é desse estado que ele deve apreciar todos os outros. É aprendendo a bem julgar que saberá, nas cidades e entre os homens, verificar as ideias e as relações sempre conforme a verdade. Eis que nos aproximamos do final da infância, e podemos ver as diferenças entre a criança formada com o método da *educação natural* e uma formada pela *educação positiva*. (ROUSSEAU, 2009, p. 244, 278).

> Ei-la sentindo mais que nunca a necessidade que a une às coisas. Depois de ter começado por exercitar o seu corpo e os seus sentidos, exercitamos seu espírito e seu juízo. Finalmente reunimos o emprego de seus membros ao de suas faculdades; fizemos um ser ativo e pensante; para terminar o homem, só nos resta fazer um ser amoroso e sensível, isto é, aperfeiçoar-se a razão pelo sentimento. (...) No começo nosso aluno só tinha sensações, e agora tem ideias; ele apenas sentia, agora julga. Pois da comparação de várias sensações sucessivas ou simultâneas e do juízo que delas fazemos nasce uma espécie de sensação mista ou complexa que chamo de ideia. A maneira de formar ideias é o que dá um caráter ao espírito humano. O espírito que só forma suas ideias sobre relações reais é um espírito sólido; aquele que se contenta com relações aparentes é um espírito superficial; aquele que vê as relações tal como são é um espírito justo; aquele que as aprecia mal é um espírito falso; aquele que inventa relações imaginárias que não têm nem realidade nem aparência é um louco; aquele que não compara é um imbecil. A aptidão maior ou menor para comparar ideias e para descobrir relações é o que constitui nos homens mais ou menos espírito. (ROUSSEAU, 2009, p. 274, 275).

A criança conheceu o caminho da ciência, deu os primeiros passos para reconhecer a entrada. Usa a própria razão e não a de outrem, sendo obrigada a aprender por si mesma. Do exercício contínuo resulta um vigor de espírito e a criança avança proporcionalmente às suas forças. Tem poucos conhecimentos, mas nada sabe pela metade e os conhecimentos que tem são seus de verdade. (ROUSSEAU, 2009, p. 281).

Ele tem um espírito universal, não pelas luzes, mas pela faculdade de adquiri-las; um espírito aberto, inteligente, pronto pra tudo (...). Basta-me que ele saiba encontrar o para que serve de tudo o que faz e o porquê de tudo o que acredita. Mais uma vez meu objetivo não é dar-lhe a ciência, mas ensiná-lo a adquiri-la quando necessário, fazer com que a estime exatamente o quanto ela vale e fazer com que ame a verdade acima de tudo. (ROUSSEAU, 2009, p. 281).

Após esse percurso, fica claro que o “fim” ou o objetivo desse caminho pedagógico de Rousseau é desenvolver o potencial excelente do homem e de suas faculdades, e que este caminho contém em si a possibilidade do homem ser livre e feliz. A *educação natural* é o projeto pedagógico de Rousseau para formar esse homem *inteiro absoluto*. O que Rousseau concebe como um caminho de formação do *novo homem*, um caminho contrário ao que tomamos em sociedade, essa sociedade de homens servis, alienados de si próprios e aprisionados às instituições e máscaras sociais. Emílio, ou qualquer um que seja formado nesse método, desde que “tendo feito deles o que proponho” (ROUSSEAU, 2009, p. 6), tendo desenvolvido com liberdade suas faculdades e seu potencial perfectível no caminho da natureza, aproxima-se da ideia do *inteiro absoluto* e do *novo homem*, como um caminho tanto social quanto político, radicalmente diferente do que encontramos no homem no atual estado de sociedade. Eis a radicalidade e o teor revolucionário da proposta pedagógica de Rousseau, que vislumbra um homem livre, independente em seu corpo, em suas ideias, em suas vontades, apto a raciocinar por si próprio, a verificar as circunstâncias e a sempre buscar a verdade. Um homem de *espírito universal*, que está longe de ser escravo dos vícios e das convenções e que não contribui para perpetuar o *status quo*. Certamente um homem que não interessa à lógica em que funciona a sociedade. Ao contrário, formar esse *novo homem* em sociedade, põe em risco toda a sua

estrutura. Faz cair por terra a lógica do pacto do engodo. *Emílio ou Da Educação* tem sido relegado à condição de texto menor no campo da educação, não por acaso. Tal fato está em correspondência e contribui para perpetuar a lógica da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Em algum ponto perdido do universo, cujo clarão se estende a inúmeros sistemas, houve, uma vez, um astro sobre o qual animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o instante da maior mentira e da suprema arrogância da história universal.
>
> Nietzsche

> A intuição fundamental é do reino do incondicionado.
>
> Chauí

> Gosto daquele que sonha o impossível.
>
> Goethe

Encontrar palavras, ao final deste trabalho, que possam traduzir a revolução que se operou (em mim) desde o início do mergulho em Rousseau, é um grande desafio. A compreensão do estado de sociedade que vivemos tomou outra dimensão. Ampliou-se a perspectiva tanto quanto se aprofundaram as categorias de observação e análise dos mecanismos fundantes da estrutura socioeconômica e cultural em que vivemos. Essa foi a primeira etapa na *quebra de paradigmas e o início de uma compreensão mais profunda e radical da realidade, dos fundamentos e do teor das relações que regem a sociedade.* As obras *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*, *Do Contrato Social* e *Emílio ou Da Educação*, podem ser vistas como uma trilogia em que Rousseau desenvolve essa perspectiva de forma teórica, hipotética, conceitual e filosófica.

Conhecer o espírito propositivo e as contribuições de cunho prático que ele trouxe para a sociedade, faz-nos pensar o quanto a perspectiva de um *pacto social* pelo bem geral e da formação de um *novo homem*, em especial, o projeto de educação em *Emílio*, estaria, para o próprio autor, no campo hipotético e o quanto ele o desenvolveu pensando na sua operacionalidade, na realização possível.

Rousseau é criticado por alguns, que o consideram um sonhador, cujas propostas para a sociedade e para a educação são utópicas. Realmente a visão do autor é também u-tópica, sem lugar na sociedade, mas, como disse Einstein, "Algo só é impossível até que alguém duvide e acabe por provar o contrário." Em Rousseau, o sonho e a utopia são o combustível para o desenvolvimento de suas

ideias não só no plano abstrato, teórico, mas também o levam a pensar e a trabalhar no sentido da operacionalidade e das ações práticas para a realização de suas visões. Ele foi um sonhador, sim, mas seu sonho não é algo incompatível com a prática. O fato de sonhar o impulsiona ao pensamento e à ação.

Em *Emílio* isso se evidencia não apenas na forma imperativa do discurso e no entusiasmo com que ele desenvolve seu sistema, mas também pelas afirmações categóricas em relação à aplicabilidade prática do método; com inúmeros exemplos para esclarecer os princípios e seus desdobramentos, com uma proposta filosófica, pedagógica e didática em que mostra os passos, sem limitar ou enrijecer a sua operacionalidade, mas, ao contrário, evidenciando as regras que conduzem à esse caminho, para que possa ser aplicado em qualquer lugar, nas diferentes circunstâncias. A flexibilidade, a amplitude, os paradoxos e as contradições que se apresentam no mesmo discurso, não negam a clareza da proposta. Ao contrário, dão a ela a veracidade, a riqueza e a abertura necessárias quando se trata da vida e da existência.

Ao final da pesquisa, vemos *Emílio* como um projeto pedagógico claro, com profundas raízes na natureza humana, fundamentos inquestionáveis no que concerne ao desenvolvimento do homem e, contudo, ainda um projeto aberto ao devir, ao vir a ser próprio da existência humana; um projeto que, contemplando não só o que é natural no homem e o *inteiro absoluto* de seu potencial, mas também as contradições, paradoxos e aporias próprias da vida em sociedade, propõe, ao mesmo tempo, um caminho de superação dessa dicotomia histórica – pela educação, e uma revolução na vida em sociedade – pela formação de um *novo homem*. Uma *segunda natureza* que contemple não apenas a natureza humana e a excelência do potencial do homem em sociedade, mas um caminho possível para a felicidade.

Falar de felicidade e liberdade em Rousseau é falar da natureza humana, do potencial excelente do homem em sua existência em sociedade, assim como falar de uma presença radical, de uma disciplina regrada e de uma ética em relação ao que lhe é natural e ao que seja sua realização e sua felicidade. *Emílio* nos mostra um caminho de desenvolvimento do que é natural no homem e do potencial excelente de suas faculdades, segundo as *regras da natureza* e no que se refere à dicotomia histórica em que vive a sociedade. A

indagação vai além da reflexão sobre se o projeto educacional de *Emílio* foi concebido como um projeto hipotético, puramente no plano teórico, ou se existe nele a intenção de um projeto pedagógico realizável em sociedade. O que *Emílio* nos traz, sem dúvidas, são questões fundamentais, são observações, constatações e princípios que iluminam o sentido da educação e da formação do homem em sociedade, em qualquer tempo. Uma perspectiva de educação extremamente atual e urgente. *Trata-se do sentido da existência e da felicidade possível do homem em sociedade.*

Se Rousseau demonstra com incansáveis observações e análises precisas, além dos inúmeros exemplos no sentido de viabilizar a aplicabilidade do seu método, está apenas confirmando o que está dado nos princípios e regras da sua *educação natural*. Um caminho para a formação do homem, norteado pelas regras da *educação da natureza*: eis o projeto pedagógico! Eis o modo de ver a educação que aponta um claro caminho de formação. Um caminho que está dado nas *regras da natureza* e na relação do homem com a própria natureza e com a sociedade. É um modo de ver, um modo de ser, um modo de estar em relação com o *mestre natureza* e com a existência em sociedade. Esse parece ser, inquestionavelmente, o teor pedagógico de seu projeto, que não deixa dúvidas quanto à aplicabilidade possível. E é exatamente na abertura e incompletude desse sistema, ou desse projeto, na sua qualidade de devir, de vir a ser, nas diferentes circunstâncias, sempre em acordo com as regras claras da educação da natureza, que se explicita, para nós, a importância de *Emílio* como referencial pedagógico para o desenvolvimento de uma formação que prime pela evolução integral e plena das faculdades do homem e da existência humana.

Reencontramos, então, nossa questão inicial no que concerne à importância do corpo e da corporeidade numa perspectiva integral da formação do homem no que diz respeito às suas faculdades e potencial. Encontramos, em *Emílio,* o corpo e o espírito se desenvolvendo reciprocamente e contribuindo para o aperfeiçoamento de todas as faculdades, como a consciência, a inteligência e a perfectibilidade. É pela mesma liberdade natural e capacidade perfectível que nos trouxe ao estado de sociedade em que vivemos que é possível, ao homem, escolher outro caminho de formação da *segunda natureza,* em sociedade, outro caminho para a existência. É o que torna possível a

reflexão e a escolha e que dá sentido aos questionamentos em relação à educação. Rousseau propõe que se cultive essa *segunda natureza* do homem em sociedade, segundo o que é natural nele, em acordo com as regras da natureza e o potencial *inteiro absoluto* do *gênio particular* e das *disposições naturais* do indivíduo na relação com a sociedade.

O exercício do corpo é natural no homem, assim como o desenvolvimento integrado de suas faculdades. Os sentidos, a percepção, a consciência pelo movimento, as habilidades motoras, cognitivas, afetivas e intelectuais são naturais no ser humano, desde que se garanta o curso natural do desenvolvimento. Nesse sentido, pode-se pensar que as artes corporais têm contribuições significativas a oferecer ao campo da educação, no que concerne às disposições naturais e ao fluxo natural do desenvolvimento, assim como em relação à prática nos processos de formação, movidos por uma perspectiva integral. Uma formação que contempla a integralidade da natureza humana, do *gênio particular*, do potencial *inteiro absoluto* do indivíduo no sentido de estar sempre presente, inteiro em si mesmo, nas relações e circunstâncias.

Ouvir a voz do coração e da consciência, estar presente em si e em cada momento, seguir o *caminho da natureza* e as *inclinações naturais* são um modo de pensar a respeito da formação tanto na *educação natural* de Rousseau como nas artes corporais, na perspectiva da educação corporal e da conscientização pelo movimento. A intensão inicial de trazer uma visão do corpo como elemento fundamental para a educação foi surpreendida ao encontrar uma percepção de formação que inclui o corpo e a corporeidade de forma até mais radical e revolucionária que se podia imaginar, desde as experiências pessoais nas artes do corpo e na educação corporal. Ainda que, ao longo dos anos de trabalho na arte educação pelo movimento, tenhamos visto, vivido e nos surpreendido, sempre, com o potencial radical e revolucionário que a evolução das dimensões corporais, perceptivas, posturais e motoras tem na transformação dos indivíduos e numa formação que contempla a totalidade do ser, não possuíamos um arcabouço teórico, tampouco uma coragem destemida, necessária para apontar essa perspectiva como um caminho pedagógico certeiro e central na educação. Lacuna que o *Emílio* de Rousseau veio a preencher no campo teórico.

Se, com a vivência, havia a certeza dessa verdade, em Rousseau encontramos um corpo teórico e filosófico que sustenta a importância da concepção e da prática das artes corporais na educação. Não nos coube, neste trabalho, desenvolver a questão, mas apontar possíveis desdobramentos dessa reflexão em próximos estudos, em relação ao lugar do corpo na formação do homem. Pensar a formação do corpo-espírito do homem contemporâneo, tendo como parâmetro a natureza e as faculdades naturais, as regras da natureza e o desenvolvimento excelente do homem em seu potencial de realização. Não se trata mais de encontrar o lugar do corpo na educação, já que o corpo é o lugar mesmo de morada e evolução dessa formação integral e o caminho fundamental para cultivar o inteiro absoluto e a realização possível do homem em sociedade.

A realização que leva à felicidade, uma arte dinâmica que está no caminho do equilíbrio entre força e vontade, no exercício da liberdade, da perfectibilidade, das faculdades e *virtudes naturais* do homem de forma excelente, no cultivo da presença, da consciência e do *inteiro absoluto* de si nas circunstâncias e nas relações. Está na realização do *gênio particular* de cada indivíduo, em sua relação com o meio, o *umwelt*. Em muitos aspectos, *Emílio* nos leva a pensar no *homem excelente* e na realização do *verdadeiro si próprio*, encontrado na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles; pensar na *razão esclarecida* nos remete à *reta razão*, o *orthòs logos* – a *reta razão*, a prática do bem, o cultivo da *excelência* e das *disposições de caráter*, que conduzem à felicidade.[11] Não nos cabe desenvolver a questão ou a possível relação entre Rousseau e Aristóteles, mas apontar a semelhança entre os dois universos (temporalmente distantes), no

[11] A encarnação do *orthòs logos*, a reta razão, nos faz pensar na razão esclarecida de Rousseau, na medida em que sendo o exercício do caminho do meio, da justa medida, podemos compreender também como o movimento constante de busca do equilíbrio entre todas as nossas faculdades em sua expressão excelente, e, que segundo Aristóteles: "se constitui através da melhor relação possível que se pode ter com prazeres e sofrimentos", (Ética a Nicômaco, 1104b 31). Ollé Laprune, citada por Gauthier é retomada por Maria do Carmo Farias em seu livro *A liberdade esquecida*, em uma descrição sublime do orthòs logos em Aristóteles: "Esta reta razão ordena, (...) tem por ofício muito menos 'dar ordens' que 'por em ordem'. Ela ordena ao homem muito menos isto ou aquilo que ordena (realiza a ordem) o homem (...). Mesmo ao comandar uma ação, prostattei, prescreve um belo arranjo, uma bela disposição da alma e da vida e não enuncia apenas um artigo da lei. A forma que ela confere é mais estética que legal. Arruma o espírito e o sentimento, assinalando a cada coisa o seu lugar, determinando assim o comportamento, sendo nisso muito menos análogo a uma lei que comanda do que a um princípio interno de harmonia. Reguladora sem ser propriamente imperativa, faz o próprio homem conhecer-se tal como é em sua natureza idealmente considerada." (LAPRUNE, Op cit. FARIAS, 1995, p. 230, 231)

que concerne ao equilíbrio e à disciplina bem regrada, ao cultivo das disposições naturais e da própria natureza, de forma excelente, no caminho da felicidade.

Em busca da felicidade, Rousseau, em seu projeto de educação, propõe uma grande revolução, em relação à educação no seu tempo, e nos dias de hoje – pensar a constituição e a formação corpo-espírito como um todo integrado.[12] Compreender, por exemplo, a inteligência e a racionalidade como partes de uma consciência integral do homem, envolvendo todas as faculdades cognitivas: físicas, perceptivas, afetivas, intelectuais e espirituais; e não apenas a razão intelectual ou o raciocínio lógico. Aqui se encontra outro aspecto semelhante à compreensão dos gregos sobre a formação do cidadão excelente – a prática constante de exercícios corporais, fundamental para o desenvolvimento de todas as faculdades humanas. A inteligência inclui a percepção, a sensibilidade, o afeto; uma mente sã se cultiva na saúde e no exercício do corpo. Rousseau vê, assim, Emílio se formando:

> Ele tem um espírito universal, não pelas luzes, mas pela faculdade de adquiri-las; um espírito aberto, inteligente, pronto pra tudo (...). Basta-me que ele saiba encontrar o para que serve de tudo o que faz e o porquê de tudo o que acredita. Mais uma vez meu objetivo não é dar-lhe a ciência, mas ensiná-lo a adquiri-la quando necessário, fazer com que a estime exatamente o quanto ela vale e fazer com que ame a verdade acima de tudo. (ROUSSEAU, 2009, p. 281).

Para pensar uma sociedade diferente é necessário pensar em homens diferentes, e, para tal, seria preciso pelo menos uma formação diferente da que se tem reproduzido nas diversas sociedades do homem dito civilizado. Esse paradigma talvez seja insolúvel e, já de início, coloca-se como utópico. Como pensar em uma sociedade diferente, com homens diferentes, se a formação dos homens é ditada pelos mesmos homens que gostaríamos de mudar e que somos nós; formados dentro dos parâmetros e com todos os vícios da sociedade das máscaras, reproduzindo desde sempre o pacto do engodo e separados desde a infância do que poderia ser a nossa essência.

---

[12] Como demonstra Espinosa, a alma só tem consciência de si por meio da consciência das modificações, dos movimentos, da vida ou das afecções de seu corpo. [...] Há, pois, correspondência entre os acontecimentos corporais e psíquicos, manifestando a causalidade única da substância. Somos a unidade de um complexo corporal (os milhares de corpos que constituem nosso corpo) e de um complexo psíquico (as inumeráveis idéias que constituem nossa mente ou nossa alma). A ligação entre a alma e o corpo não é algo que lhes acontece, mas é algo que ambos são quando são corpo e alma humanos." (CHAUÍ, 1995, p. 59).

> Entendemos com o autor de Emílio, e reforçamos uma vez mais, que a educação formando para estas sociedades não faz mais que corromper os indivíduos da sua condição natural de liberdade à condição de escravidão. Assim, para o senso comum, é praticamente natural nossa condição servil, dentro deste quadro social em que reproduzimos as máscaras sociais. Perguntamo-nos então qual o sentido desta educação. A que serve este processo de corrupção do homem? Os métodos foram remodelados sob novas aparências e se mascararam, de modo a ocultar ao máximo o objetivo primeiro, que continua sendo o de tornar os infantes aptos a cumprir sua função social e assumir sua condição de "escravos" do sistema. O "bom aluno" é o aluno bem deformado, privado de sua liberdade, da integridade do seu ser um animal livre e perfectível, se tornando um reprodutor eficaz da sua condição de "escravo" dessas instituições, estruturas e parâmetros sociais, aos quais se molda. Estamos hoje talvez em um ápice da educação "conteudista" e funcional que, apesar disso, reivindica o status de uma educação pretensamente "consciente e engajada". E a liberdade maior, com que se autorizam as escolas e se iludem as crianças, é a liberdade de consumir avidamente tudo o que nunca nos foi, nem será necessário, e reproduzir mecanicamente os conteúdos que provavelmente em quase toda sua totalidade nunca nos serão úteis; ou, na melhor das hipóteses, serão úteis apenas para o cumprimento da sua função social e, em nenhum aspecto, para a formação humana, enquanto educação do homem em si, do homem por inteiro em sua excelência, o Inteiro Absoluto de Rousseau. (MACIEL, Ceila Portilho, 2013, ANPED, p.4 e 5).

Ainda que, hoje, com todas as mudanças e reformas, as crianças pareçam ter maior liberdade nas escolas, com propostas para o desenvolvimento da autonomia e para o aprendizado utilizando-se de jogos e brincadeiras, por exemplo, a essência da educação continua em moldar e (de)formar os aprendizes para atender às demandas sociais, às necessidades atuais do mercado. O que seria a antítese dos fundamentos primeiros e do sentido maior, originário, da educação. Fundamentos estes que são simples e claros, nas palavras de Coelho e Guimarães, inspirados por Aristóteles, Kant e Rousseau:

> Educar é trabalhar para que o homem que está em cada indivíduo como possibilidade se torne real e os educandos reconheçam, vivam e afirmem sua humanidade, na esfera pública e privada. [...] elevando-se ao plano da vida excelente, virtuosa, dignificando e engrandecendo a humanidade. (2012, p.329)

O que se vê na realidade, insistimos, ainda que com todos os esforços contrários dos bem intencionados educadores, é que a educação continua corrompendo e alienando os aprendizes, modelando-os e (de)formando-os para servirem a uma sociedade que não é apenas equivocada e opressora do potencial natural do ser humano, mas quase aniquiladora do

potencial social capaz de construir um caminho diferente para a humanidade, especialmente quando chegamos ao ponto atual de destruição dos recursos e da saúde do planeta.

> Esvaziada de seu sentido cultural e formativo [...] a escola tem sido vista sob a ótica das competências, das habilidades, da apropriação do saber, da preparação para o trabalho, a continuação dos estudos, o sucesso na vida, o empreendedorismo, a acumulação de bens e poder. O que se espera, então, não é tanto que ela forme os alunos, iniciando-os na leitura, no estudo, na escrita, nas ciências, no mundo tecnológico, nas letras e nas artes, mas que se transforme numa organização que acolha a todos em seus cursos, funcione e seja produtiva. (...) ...mas não perguntamos qual é o sentido da escola, e o que estamos fazendo com os alunos nas aulas e cursos. (COÊLHO, 2013, p. 11).

Talvez esteja para além da reflexão, mas na realização desse caminho, no exercício da existência completa e da felicidade por cada um de nós, especificamente por nós, preceptores, a possibilidade de dedicar o melhor de nosso potencial, na vida, no trabalho, como em todas as dimensões da existência, na esperança de transformar verdadeiramente a educação. Quem sabe, então, seria então possível uma transformação radical e fundante na educação. É possível imaginar uma transformação nas perspectivas da educação, na medida em que, antes, pensarmos em uma transformação da nossa *práksis*, do nosso *éthos*, da nossa morada e nossa ética enquanto educadores.

É preciso ser, antes, mestre de si mesmo. “Nunca é demais repetir que para ser o mestre da criança, é preciso ser mestre de si mesmo.” (ROUSSEAU, 2009, p. 102). É imprescindível que nós, educadores, antes de pensarmos a educação das crianças, dos aprendizes, dos professores, em suma, antes de pensarmos a formação em sociedade, nos perguntemos qual o nosso papel, que personagens e máscaras temos assumido, com que ética e integridade. Enfim, qual o sentido da nossa *práksis* no dia a dia, em nossas relações, e na nossa existência. Só podemos formar o *novo homem* quando pudermos ser o *novo homem*. Antes de pensar na prática pedagógica, viver, na *práksis,* a essência do que se deseja criar.

Emílio, considerado por muitos mais um romance que um projeto pedagógico, traz exatamente, na liberdade e flexibilidade de sua forma, na poesia e emoção com que tece os princípios e as regras de seu método, o terreno fértil

para que se possa vislumbrar e compreender a essência de sua visão, sem aprisioná-la, permitindo que o leitor continue sua criação, desde que tenha compreendido sua alma. Essa qualidade, frequente nos escritos de Rousseau, condiz com os princípios da *educação natural* e nos remete à ideia de *Emoção Agregadora*, cunhada por Elter Maciel no artigo sobre o universo do gênero literário e das artes, em suas possibilidades de comunicar e criar conhecimento, saber e ciência.

> Como o romance pode incluir elementos da realidade que não são possíveis em descrições chamadas científicas, o que se dá é uma abrangência maior do que aquelas que se podem alcançar através das limitações fornecidas pelo "rigor" (p. 95) [...] Essa liberação, em relação às regras costumeiras de raciocínio, permite a construção da realidade de maneira mais ampla (p. 96). [...] A imaginação encontra aí o terreno propício para que a infindável realidade seja captada de maneira mais adequada e as sínteses privilegiadas de uma obra bem realizada conseguem nos dizer mais um pouco do que alcançamos com nossa objetividade costumeira. *Em educação talvez devamos reservar espaços maiores para que esse campo nos ajude a perceber melhor o que nos cerca, sem sermos obrigados a nos mutilar, reduzindo o alcance de nossas investigações.* (MACIEL, Elter, 2007, p. 104. Grifo nosso).

A alma e a essência do projeto pedagógico – ou do romance *Emílio*, remetem ao fundamental para a reflexão quanto ao sentido da educação em sociedade; e inspira-nos a pensar de forma radical e revolucionária o sentido e os desafios da nossa prática pedagógica.

Se cabe ao preceptor não ensinar a verdade, a ciência ou as luzes ao aluno, mas torná-lo homem antes de tudo e dar-lhe os meios para que possa sempre encontrá-las, é na convivência diária, pelo exemplo e atitudes, na presença, na postura, nos passos e gestos, nos movimentos do preceptor em suas relações com o meio e com as circunstâncias, que se constrói esse caminho. Se a *educação natural* na sociedade em que vivemos é ainda apenas um sonho, talvez o sonho, as virtudes e paixões naturais, assim como o entusiasmo na busca da verdade inominável, além do desejo de cultivar um *novo homem* em sociedade, nos podem levar a cultivar caminhos radicalmente novos para a educação.

Na busca da prática ética, enquanto morada e expressão do nosso ser; no cultivo das disposições naturais, da presença, da liberdade e da excelência no desenvolvimento das faculdades naturais, no exercício virtuoso da perfectibilidade

nas ações e relações e na construção diária de uma nova educação, podemos vislumbrar os passos desse caminho. Cultivar a natureza e a excelência na existência e na formação do homem é o grande desafio da *educação natural,* que aponta para um caminho de felicidade possível do homem em sociedade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco.* Tradução e notas Antônio de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.

CERIZARA, B. *Rousseau*: a educação na infância. São Paulo: Scipione, 1990.

COELHO, Ildeu Moreira; GUIMARÃES, Ged. *Educação, escola e formação*. In: Filosofia e formação. INTER.AÇÃO. Revista da Faculdade de Educação, UFG, Vol. 37, 2012, p. 323-340.

COELHO, Ildeu Moreira. *Escritos sobre o sentido da escola*: uma introdução. In: Escritos sobre o sentido da escola. Organização de Ildeu Moreira Coelho. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 15-32.

CHAUÍ, M. *Espinoza*: uma filosofia da liberdade. São Paulo, Moderna, 1995.

FARIAS, M. do C. B. *A liberdade esquecida*: fundamentos ontológicos da liberdade no pensamento aristotélico. São Paulo: Loyola, 1995.

FORTES, Luiz R. Salinas. *O bom selvagem*. São Paulo: FTD, 1989.

FORTES, Luiz R. Salinas. *Paradoxo do espetáculo*: política e poética em Rousseau. São Paulo: Discurso Editorial, 1997.

GROETHUYSEN, Bernhard. *J.J. Rousseau*. Tradução de Aurelio Garzón Del Camino. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1985.

HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga*? Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Loyola, 1999.

MACIEL, Ceila P. *Da Natureza à Felicidade*: uma educação pela liberdade em Rousseau. *In*: Anais ANPED – 2014. Trabalho apresentado – GT de Filosofia

MACIEL, Elter D. *Emoção Agregadora*. *In*: Sinais Sociais – 3. Rio de Janeiro: SESC, 2007.

MACIEL, Luiz Carlos. *Nova consciência*. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca, 1973.

PAIXÃO, M. P. *O problema da felicidade em Aristóteles*: A passagem da ética à dianoética aristotélica no problema da felicidade. Rio de Janeiro: Pós-moderno, 2002.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio, ou, Da educação*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. In: Os Pensadores. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Do Contrato Social*. In: Os Pensadores. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

RIBEIRO, Darcy. *Meus índios minha gente.* Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2010.

STAROBINSKI, Jean. *A transparência e o obstáculo*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização.* Ensaios. Tradução. de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VERNAT, J. P.; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. Tradução de Anna Lia de Almeida Prado. São Paulo: Perspectiva, 2008.

VIEIRA, E. F. *O senso antropológico em Jean-Jacques Rousseau*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1989.